FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 29 DE AGOSTO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 191

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O presidente Eisenhower

deixou o castelo de Balmoral

para conferenciar com MacMillan

BALMORAL, 29. — A família real inglesa despediu-se esta manhã de Eisenhower, afectuosa e demoradamente, no castelo de Balmoral, onde o presidente passou a noite.

O «Daimler» castanho da rainha Isabel, com o presidente Eisenhower e o príncipe Filipe, saiu do castelo, ás 9 e 10, dirigindo-se para o aeroporto de Dyce, onde o presidente tomou o avião para Benson, ás 10 e 20.

A despedida feita a Eisenhower — segundo os jornalistas — foi como uma despedida entre família.

Eisenhower tomou o pequeno almoço no seu quarto e desceu, ás 8 e 30, para uma ultima reunião com os membros da família real numa das salas do castelo. Pouco depois, acompanhado pela rainha, pelo príncipe Filipe e pelo príncipe Carlos e sua irmã, a princesa Ana, Eisenhower dirigiu-se para o vestíbulo a fim de receber os jornalistas e fotógrafos.

O presidente vestia um fato cinzento-escuro de corte simples, da mesma forma que o príncipe Filipe. A rainha Isabel apresentava um vestido de lã, cor de limão, e os dois príncipes ostentavam saiotes escoceses de cores diferentes.

Juntos, atravessaram o relvado fronteiro ao castelo até ao automóvel. O presidente conversava com a princesa Ana, colocando-lhe a mão sobre a cabeça e inclinando-se para ouvir as suas respostas.

Em determinada altura, o presidente perguntou-lhe: «Então sempre é verdade que vais aprender a cozinhar?» Com um sorriso, a princesa respondeu: «Logo que saiba, mando-lhe alguns petiscos».

Entretanto, a princesa Margari-

(Continua na ultima página)

Um quadro

comprado por 50 xelins rendeu 4 mil libras

BIRMINGHAM, 29 — Um quadro que custara 50 xelins a Alfred Stannards, rendeu-lhe agora 4.000 libras (320 contos em moeda portuguesa).

Stannards, coleccionador, comprou o quadro, há dez anos, quando foi vendido o recheio de uma casa de «lord» Acton, em Shrospshire.

Stannards, de 66 anos, saiu ontem da Galeria de Arte de Birmingham com um cheque de 4.000 libras na carteira. — (A. N. I.).

Quando de Gaulle falava a Estaline das relações franco-soviéticas — (2)

O estabelecimento da fronteira

entre a França e a Alemanha

PARIS (Agosto) — Da curiosa discussão travada entre Estaline e de Gaulle, a que nos referimos em artigo anterior, não é lícito concluir que Estaline queria iludir a questão das fronteiras franco-alemãs posta pelo seu interlocutor e que tanto o interessava. Estaline pensava que, só por si, as fronteiras não «salvam as nações de apuros e que estas só são salvas por um bom exército e um bom comando».

Apenas de Gaulle devia reconhecer que se tratava de um problema que ele não podia resolver, sem ouvir os Ingleses e Americanos. A parte da conversa sobre a fronteira oriental da França terminou por uma declaração de de Gaulle. Este reconheceu que «essa como as outras questões relacionadas com o futuro da Alemanha teriam de ser resolvidas em conjunto pelos vencedores, quando se fizesse um tratado de paz com os vencidos».

No dia seguinte Estaline escreveu a Churchill e Roosevelt para os pôr ao corrente do que de Gaulle lhe dissera. A resposta do primeiro-ministro britanico não deixava lugar para duvidas. A questão das fronteiras francesas, bem como todas as outras, seriam resolvidas quando da celebração do tratado de paz.

Do Reno ao Oder

De Gaulle tentara, em vão, relacionar a questão da fronteira oriental da França com a da fronteira ocidental da Polónia, especulando com o interesse que a esta ultima atribuia a União Soviética. «O essencial, disse ele a Estaline, não é só que fique resolvido o problema da primeira mas que se resolva também o da segunda, pois há só uma Alemanha». Como Estaline respondesse que a Silésia, a Pomerania e a Prussia Oriental deviam pertencer á Polónia, de Gaulle concordou que o Oder devia ser a fronteira da Alemanha e que essa fronteira, mais para o sul, de-

(Continua na página seguinte)

DARIO GOMES DA CUNHA

Nota do dia

PORTUGAL E O MAR

A situação geográfica traçou a Portugal o seu destino histórico. A orla marítima que não quis integrar-se na organização política da Península, lutando para manter personalidade independente, não tinha outra alternativa senão procurar no Ultramar a expansão que no continente não poderia, de nenhum modo, conseguir. E essa expansão marítima começa exactamente na altura em que a batalha de Aljubarrota põe o selo do sangue e do valor dos Lusitanos à sua independência continental. O País não mais deixou de ter o seu destino ligado às novas terras descobertas e teve de assegurar, portanto, as suas comunicações com o Ultramar. Foi na linha tradicional desse imperativo histórico que se processou o regresso de Portugal ao mar, que assim se denominou, e com razão, esse surto de progresso verificado há alguns anos a esta parte com a renovação da Marinha Mercante e o melhor apetrechamento da indústria da pesca. Para assegurar a continuação dessa política, que constitui sem dúvida um dos mais sólidos factores da economia nacional, o Governo resolveu, por força da execução do II Plano de Fomento, emitir dois vultosos empréstimos internos destinados a financiar empreendimentos ligados a esses importantes sectores da vida portuguesa. A presença de Portugal manter-se-á, desse modo, em portos onde a nossa bandeira deixara de aparecer e o nosso tráfego marítimo, quer de passageiros, quer de mercadorias, continuará a ser assegurado por navios portugueses, o que não deixará de constituir motivo de satisfação e de orgulho para todos nós. E, sobretudo, um elemento de apreciável valor para o nosso progresso económico, mais riqueza e um passo em frente para alcançar a melhoria do nível de vida que se procura.

Um tufão

de rara violência

aproxima-se da Formosa

TAIPEH, 29. — O Governo central da Formosa decretou o «estado de emergência» sobre toda a ilha em virtude da aproximação do tufão «Joana».

O tufão, com um diametro superior a 1.000 quilómetros, e rajadas da ordem dos 270 quilómetros por hora, é dos maiores dos ultimos trinta anos.

A costa já foi atingida pelas chuvadas e ventos fortes da periferia do tufão.

A Polícia proibiu todas as pessoas de sair de casa. A zona comercial da cidade de Taipeh está práticamente deserta, e as casas comerciais protegeram as montras e portas.

A quase totalidade dos 800.000 habitantes da cidade refugiou-se nas suas casas. As repartições civis e militares norte-americanas já não abriram esta manhã

Milhares de pessoas que habitam casas das regiões baixas, abandonaram os seus lares e refugiaram-se em edificios publicos e escolas, com receio de novas inundações. — (A. N. I.).

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

A NOSSA CAMPANHA DE SEGURANÇA NO TRÂNSITO

Todos devem colaborar na campanha promovida pelo «Diário de Lisboa»

— afirma o presidente do Sindicato Nacional dos Motoristas

Também o Sindicato Nacional dos Motoristas — organismo profissional que conta cerca de treze mil sócios — quis dar uma palavra de estímulo e aplauso á Campanha de Segurança na Estrada promovida pelo «Diário de Lisboa».

Mais que quaisquer outros automobilistas, os motoristas profissionais conhecem os problemas do transito e sentem a urgência de se suster a marcha ascendente das nossas estatísticas de acidentes de viação. Por isso, e pela gravidade de certos problemas profissionais denunciados, merece cuidada reflexão a entrevista que nos concedeu o sr. Dario Gomes da Cunha, presidente da direcção do Sindicato dos Motoristas.

A maioria dos acidentes em motoristas profissionais é causada pelo sono

O nosso entrevistado recebe-nos á entrada daquele organismo cor-

(Continua na 10.ª página)

Grande campanha de propaganda para o cumprimento das regras de transito na estrada marginal: a entrega da primeira miniatura do «Diário de Lisboa», editada com a colaboração da Mobil Oil Portuguesa (Ler notícia na página central)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Medicina da Bíblia e do Talmude

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

BARUK e Simon, o primeiro professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina de Paris e o segundo historiador com vasta obra já publicada, têm dedicado especial atenção à análise das leis médicas arquivadas no Velho Testamento.

A medicina da Bíblia e do Talmude preocuparam sempre os investigadores médicos, em especial os historiadores alemães que, anteriormente a 1933, editaram notáveis estudos, continuados hoje por Muntner, Sussman e Seyde, em Telavive,

(Continua na 5.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Relações franco-soviéticas

(Continuação da página anterior)

via corresponder ao curso do Neisse».

As conversações a esse respeito recomeçaram na segunda entrevista que tiveram em 6 de Dezembro. Voltaram a falar das fronteiras ocidentais da Polónia e de Gaulle lembrou que «além de sempre ter havido profundas relações sentimentais entre a França e a Polónia, esta estivera para ser devorada pelos alemães». Entretanto a discussão tomara um ar académico. A atitude de Estaline era lógica e realista, pelo que dizia respeito á fronteira oriental da Alemanhã. Dizia que nada podia resolver-se sem ouvir a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, pois «se a sua solução dependesse apenas da União Soviética então seria encarada de outra forma». O caso da Polónia era diferente e instrutivo. Os russos haviam regularizado a questão das fronteiras da Polónia sem terem em conta as opiniões dos outros.

Uma explicação fundamental

A discussão, no entanto, permitira uma explicação franca entre Estaline e de Gaulle, a respeito da Polónia que então estava na ordem do dia pois havia dois governos polacos, um em Londres outro em Lublin. De Gaulle, na segunda conversa com Estaline, dissera que concordava com ele em que a «Polónia devia ser independente». Estaline, em resposta, fez uma exposição completa da tese soviética sobre o futuro da Polónia e as reacções deste país com a União Soviética.

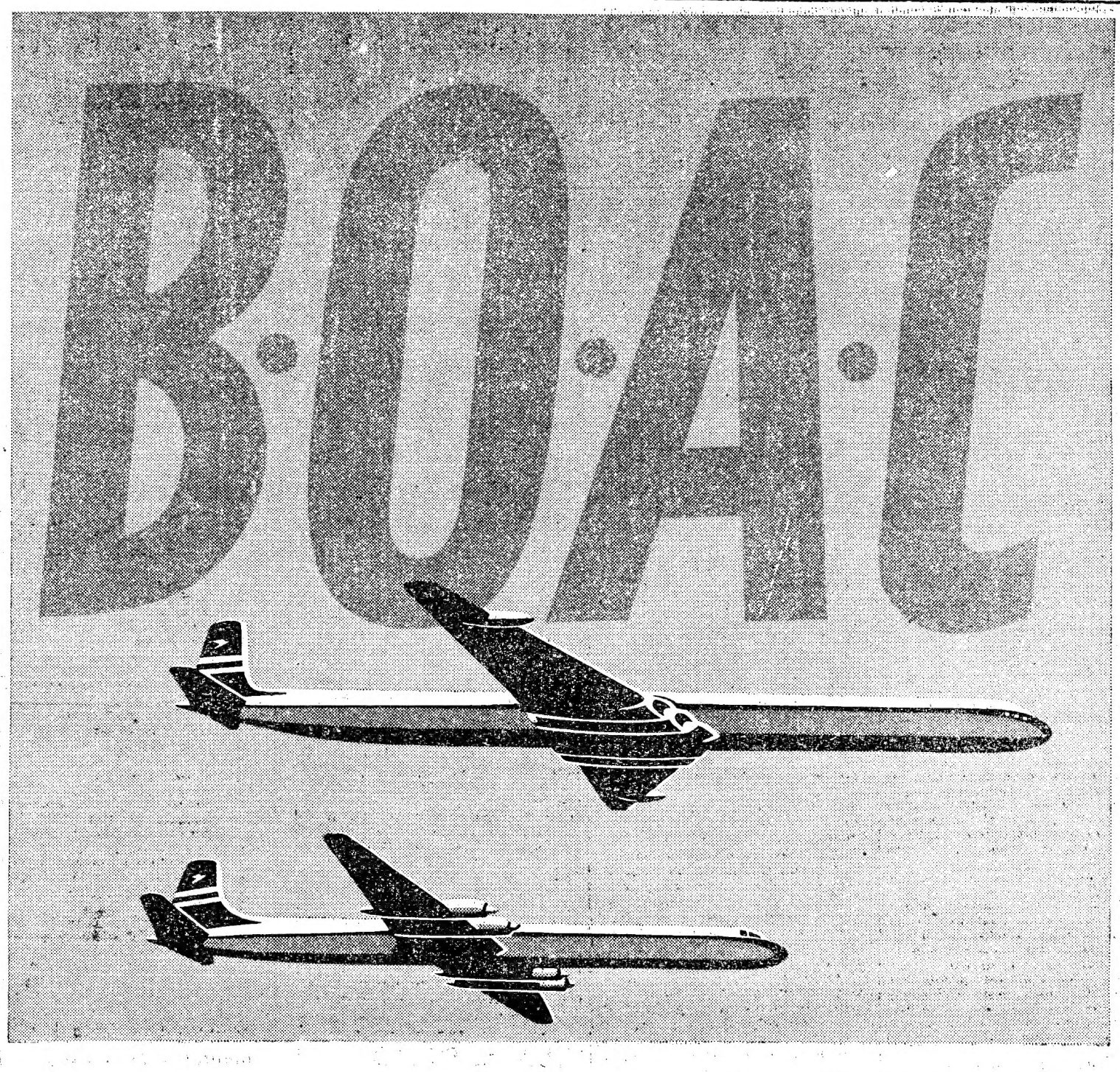
«Nos ultimos trinta anos, disse Estaline, a Polónia foi sempre o corredor que permitiu aos alemães invadir a Russia. Russos e Polacos entendem que esse perigo deve acabar. Nós, russos, queremos fechar o corredor, mas é a própria Polónia que deve, encarregar-se disso para o que tem de ser forte, independente, e democrática». «Estamos numa viragem da política russa em relação á Polónia, prosseguiu ele. Até ao começo da guerra, a Polónia e a Russia nunca se entenderam. Havia para isso razões históricas. Por duas vezes os Polacos ocuparam Moscovo e por outras duas os Russos ocuparam Varsóvia.

Nas relações entre os dois países esses factos deixaram profunda recordação. Vamos pôr termo a esse capítulo de história, de maneira definitiva. Uma das lições da guerra é a consciência que Russos e Polacos têm da necessidade de se entenderem».

O bloco ocidental

E' interessante notar que nas três entrevistas com de Gaulle, Estaline, por diversas vezes, se referiu ao «bloco ocidental». Essa ideia já o perturbava. De Gaulle procurou tranquilizá-lo pelo que á França dizia respeito «A França, afirmou de Gaulle, sabe, por uma experiência de duas guerras, que a Europa constitui um todo. E' impossível dar-se um acontecimento a Leste que não tenha repercussões no Ocidente e vice-versa. Todos os Estados europeus pertencem ao mesmo continente. A Europa não pode retalhar-se em bocados. Melhor do que ninguém o sabem os Franceses. A História demonstra-lhe que não é possível criar nela blocos, oriental ou ocidental, meridional ou septentrional».

Para de Gaulle, o essencial, o que preocupava toda a gente, era o problema alemão. Por isso dizia que o unico bloco que existia, e podia existir, na Europa era o das nações que não queriam ser atacadas pelos alemães». Para o conseguir e que a França fazia, antes de o fazer a qualquer outro país, a sua primeira proposta é Russia, embora a Grã-Bretanha estivesse mais próxima. Como de Gaulle acrescentasse que a França faria pactos de boa vizinhança com a Grã-Bretanha, a Bélgica, o Luxemburgo e talvez a Itália, Estaline declarou de novo que ela precisava de uma aliança militar defensiva segura com os seus vizinhos o que seria um factor importante da sua própria segurança perante a ameça alemã». Estaline desejava que a Rússia fizesse uma aliança com a Franca, mas pensava que esta não devia ser exclusiva. Pelo contrário devia cercar-se de aliados para que a sua posição, como aliada da Russia perante a Alemanha, fosse o mais forte possível.



AGORA! Serviços regulares a jacto à volta do mundo

Agora a BOAC oferece-lhe o supremo confôrto a jacto à volta do mundo. O COMET 4 equipado com motores ROLLS-ROYCE transporta-o com rapidez entre LONDRES e o Extremo Oriente... e os Britannias a jacto-hélice atravessam o Pacífico, entre Tóquio e San Francisco, via Honolulu, seguindo depois para Nova Yorque.
Os COMET e BRITANNIA de Nova Yorque ou Montreal continuam através do Atlântico Norte para Londres.

Agora, em todo o mundo encontrará maior rapidez e confôrto dos serviços a jacto, e mais ainda, a atenção pessoal de que a BOAC tem fama mundial.

Para completos detalhes da classe de Luxo, 1.ª classe, classe turística e classe económica dos serviços da BOAC, consulte o seu Agente de viagens ou a British European Airways, Av. da Liberdade, 23-27, Lisboa — Tel.: 30931/2/3

B·O·A·C

A COMPANHIA COM MAIOR EXPERIÊNCIA EM AVIÕES A JACTO NO MUNDO

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

Prefiro Brandy HUTCHESON

Medalha de Ouro 1955

DEPOSITÁRIOS.
T. VILARINHOS, L.DA
Rua de Santa Marta, 145 a 151-B
TELEFONE 463399
LISBOA-2

VIDA MUSICAL

Concerto a dois pianos por Lourenço Varela Cid e Campos Coelho

No próximo sábado, ás 21 e 30, efectua-se no Convento dos Capuchos, na Costa da Caparica, um concerto a dois pianos pelos professores Lourenço Varela Cid e Campos Coelho. Serão executadas obras de Bach, Mozart-Busoni, Mário Tarenghi, A. Vitorino de Almeida, Arnold Bax Gaspar Cassadó e Darius Milhaud.

Sérgio Varela Cid conquistou o 2.º lugar no Concurso do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 29.—O hungaro Peter Frank ganhou o Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro.

Sérgio Varela Cid classificou-se em segundo lugar, e Dieter Weber (Áustria), em terceiro.—(F. P.).

Exame de admissão

à Escola do Magistério Primário

Os exames de admissão á Escola do Magistério Primário de Lisboa, começam no próximo dia 15 de Setembro, iniciando-se a chamada dos candidatos ás 8 e 45.

Haverá 2.ª chamada nos dias 18 e 19 do mesmo mês, para os candidatos que por doença devidamente comprovada, não possam comparecer á primeira. As pautas já se encontram afixadas na secretaria da escola.

Mercês honoríficas

O sr. José Franco Rodrigues foi agraciado com a comenda da Ordem do Império.

Morreu a mulher mais gorda de Évora

EVORA, 29 (Pelo telefone) — Vitimada por uma doença cardíaca, faleceu, no Hospital da Misericórdia, desta cidade, a sr.ª Zilda Argente Ramalho, viuva, de 63 anos, natural de Evora, onde também residia, na R. dos Mercadores, 107-A.

A exinta, que pesava cerca de 200 quilos, era considerada a mais volumosa mulher desta cidade; e, para que pudesse ser enterrada, teve de ser fabricado um caixão especial e de ser aberta uma cova de dimensões também fora do comum.

Restaurante «IMPERIAL»
CARREGADO
Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

A CIDADE

Caso do dia

Beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses, segundo se diz, mas é conveniente não se ser muito generoso nesta matéria. Há por aí quem tome estra frase ao pé da letra e resolva, ali mesmo, sobre o mármore do balcão, alimentar os vinte milhões de portugueses. O resultado não é brilhante. Consultem-se os autos do Tribunal de Polícia, onde são julgados, com uma frequência inquietante, indivíduos acusados das mais espantosas tropelias e que não se lembram de nada. E isto, diga-se em abono da verdade, não sucede apenas ao bebedor crónico, mas a pessoas pacatas e calmas, que, a título excepcional, bebem o perigoso «copinho a mais».

E' o caso do sr. Parreira, um honesto e eficiente montador metálico, que, de regresso a casa, para os lados de Algés, cerca das 22 horas, ao passar junto de uma vivenda, na Rua D. Vasco, foi atraído irresistivelmente pelo ladrar de cães. E porque é um grande amigo dos animais e, naquela noite sentiu-se positivamente apaixonado por cães, pôs-se a atiçá-los para lhes fazer umas festas. Os cães é que não gostaram dele e o sr. Parreira, possuido de uma paixão já colérica, quis falar ao dono da casa, o sr. Eugénio Pinto. E lá de fora, do outro lado do portão, cambaleando na noite, o sr. Parreira disse do seu amor pelos cães. O sr. Eugénio Pinto compreendeu tudo e mandou-lhe dizer que se retirasse. Mas o sr. Parreira, ofendido na sua então febril e desequilibrada dignidade, protestou com vigor.

— Não há direito! Os ricos são sempre avarentos!...

E como o caso tomasse aspectos violentos e ruidosos, o sr. Eugénio Pinto telefonou para a esquadra da Polícia e pediu a intervenção de um guarda, acentuando que não queria apresentar queixa contra o indivíduo que alertava o bairro com o seu frenético amor pelos cães, pedindo sòmente que o afastassem do portão.

O polícia que interveio achou conveniente levar o sr. Parreira á esquadra, ao que este não se opôs, comentando:

— Com que então não me deixou ver os cães! Saiba que gosto muito de animais!... Bem se vê que você é caloiro... Se quisesse fugia...

Na esquadra a história agravou-se. Vendo um indivíduo a entrar, o sr. Parreira julgou tratar-se do queixoso. Lançou-se sobre ele e aplicou-lhe uma valente bofetada. Não era o queixoso, era o chefe da esquadra.

No dia seguinte, o sr. Parreira foi julgado pelo sr. dr. Oliveira Gala, no Tribunal de Polícia. E começou por declarar, já refeito da agitação da véspera:

— Não bebia há oito anos, sr. juiz. E depois sou muito amigo dos cães.

O magistrado leu-lhe a participação referente á acusação.

E o réu:

— Não era eu!...

— Não era o sr.?!...

— Era eu e não era.

O sr. Parreira revelava-se um fino sofista. Mas acabou por explicar:

— E' que não me lembro de nada. Estava fora de mim.

As testemunhas falam do réu com simpatia. O próprio queixoso mostra-se compreensivo.

O dr. Oliveira Gala profere a sentença:

— O réu cometeu dois crimes: agressão e injurias. Não posso deixar de o condenar em 35 dias de prisão remíveis a 20$00 por dia, 6 dias a 20$00 e 300$00 de imposto. Suspendo-lhe a pena por dois anos se pagar imediatamente o imposto de justiça.

— Mas eu não tenho dinheiro, sr. juiz?...

O queixoso pede licença ao magistrado para pagar o imposto. O juiz louva o gesto generoso.

E acaba aqui a aventura do sr. Parreira que, de algum modo incoerente com o seu próprio nome, não bebeu durante oito anos. Do que se conclui que a incoerência traz algumas vantagens.

Quem perdeu?

No Governo Civil, encontram-se depositados os seguintes objectos achados ontem em Lisboa:

Uns óculos escuros; um projecto de reconstrução do Mercado da Praça da Figueira; um saco de lona; um lenço de seda; um par de luvas; relógios de pulso; uma funda em aço, forrada em cabedal; uma camisola de lã, para senhora; uma pequena carteira com dinheiro; chapa de inscrição, para moto, LL-91-24; um aro de farolim e um tampão de depósito de gasolina de um automóvel; cédula militar de Leonardo Carvalho Queirós; um livro de apontamentos; dois bilhetes de identidade; três passaportes; duas agendas, referentes ao ano de 1956; e diversas argolas com chaves.

Foi também entregue no Governo Civil, um cão perdigueiro, com chapa da Colegã.

Junta Nacional do Vinho

O sr. Charles Horace Zino foi nomeado vogal representante do comércio de exportação no conselho consultivo da delegação da Junta Nacional do Vinho na região vinícola da Madeira.

As visitas de hoje do "mayor" de Bagdad

Em prosseguimento das suas visitas em Lisboa, onde se encontra a estudar problemas de vária ordem, a convite da Fundação Gulbenkian, o «mayor» de Bagdad, My Mahmout, acompanhado do seu secretário, arquitecto Karnil e de funcionários dos serviços técnicos de obras daquela Fundação, esteve hoje na Cidade Universitária, no Hospital de Santa Maria, no Estádio Universitário e na Biblioteca Nacional.

De tarde, foi percorrido o triangulo turístico Lisboa - Sintra - Cascais.

Amanhã, My Mahmout visita Santarém, a Batalha, Leiria, Alcobaça, Fátima, a Marinha Grande, Abrantes, — onde almoça no Hotel de Turismo —, Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha e Obidos, onde janta.

Na terça-feira, o «mayor» de Bagdad e o seu secretário seguem para Madrid, de onde, após alguns dias, regressarão ao nosso país, para concluir os seus trabalhos em Lisboa e e avistarem com o dr. Azeredo Perdigão, que presentemente se encontra ausente no Brasil.

Depois, My Mahmoud segue para Itália, onde tratará de assuntos de interesse para o seu país com as autoridades, e dali regressará a Bagdad.

Choque de bicicletas

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 29. — (Pelo telefone). — Na Estrada Nacional, no sítio de Ribeiro Meirinho, desta freguesia, Eliseu Rodrigues Pinto, de 18 anos, morador no Vale, também desta freguesia, quando se dirigia para a sua residência em bicicleta motorizada, chocou com Bartolomeu Cabrita, residente em Messines de Baixo, quando este, em bicicleta a pedal, se dirigia para S. Bartolomeu de Messines.

Do choque resultaram fracturas, nos ombros de ambos, e avarias, relativamente de pouca importancia, nas bicicletas.

Conduzidos, de automóvel, para esta vila, foram tratados pelo dr. José Ventura Duarte.

VIDA ARTISTICA

1.ª exposição de cartazes em Lisboa

No dia 2 de Setembro inaugura-se ás 7 horas, no Café Royal, na Praça Duque da Terceira, uma exposição de cartazes de exposições de pintura, alguns dos quais executados pelos próprios pintores.

Esta iniciativa, que é inédita entre nós, reune trabalhos de Amadeo Sousa Cardoso, Portinari, Bronze, D'Assumpção, Jaime Isidoro, Siza Vieira, Loureiro, Benjamin Marques, Costa Pinheiro e Carlos Botelho.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

DOMINE A AZIA

Esteja onde estiver... no escritório... no cinema... se tiver no bolso ou na malinha algumas Rennie, pode dominar ràpidamente a Azia. Basta chupar duas pastilhas, para aliviar o mal estar. As Rennie proporcionam alivio rápido e duradoiro, pois os seus ingredientes anti ácidos, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago com toda a sua eficácia. Não interrompem o trabalho da digestão, limitando-se a regular a secreção ácida do estômago.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico sem demora.

As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

PASTILHAS RENNIE

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

A "BOITE" ONDE LISBOA NUNCA FALTA

Pasapoga

Telef. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

UM ELENCO EM EXITO TOTAL

A ATRACÇÃO FAVORITA DO PÚBLICO

TRIO LA CAVA

EM DANÇAS DE RARA «SOUPLESSE»

O CONJUNTO DE FAMA INTERNACIONAL

TRIO GUTIERREZ

num novo estilo de canções e bailados

BALLET PANTERITA Y SUS MODELOS

3.ª-FEIRA UMA ESTREIA DE GRANDE CLASSE

MILY ZUÑIGA

Baile por ESTEVÃO e sua orquestra, com Manuel Serrano

MORADIA LUXUOSA

VENDE-SE

(PERTO DE SESIMBRA — «COTOVIA» —)

DOIS PISOS, CONSTRUÇÃO MODERNA, 20 DIVISÕES, PRIMOROSAMENTE MOBILADAS, JARDIM E GARAGEM. FRENTE PARAGEM AUTOCARRO.

SÓ SE TRATA C/O PRÓPRIO MOSTRA-SE NO LOCAL TODOS OS DIAS. QUALQUER HORA. TELEF. 21241.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

O ELENCO DAS MULTIDÕES

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)

A MAIOR PARADA DE ÊXITOS DO ANO

A ATRACÇÃO ALEMÃ — **BALLET VISON** — 10 MULHERES ESCULTURAIS

O FASCINANTE CONJUNTO — **ANA MARIA** Y SU **BALLET** em BOLEROS-RUMBAS e criações AFRO-CUBANAS

ISABEL y PACO
HERMANOS RUIZ
ISABEL y ERNESTO
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

Na próxima semana: **9 ESTREIAS DE SENSAÇÃO**

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

ESPECTACULOS VASCO MORGADO, LDA.

No TEATRO T. 55133
MONUMENTAL

— PARA MAIORES DE 12 ANOS —

HOJE às 21.45 h.

UMA COMÉDIA com GRAÇA, ESPÍRITO e ROMANTISMO...

6.ª SEMANA TRIUNFAL

Preços de Verão desde 5$00 — Sala com Ar Refrigerado — Temperatura 18 graus — Amanhã, espectáculo á tarde, ás 16 horas

No TEATRO
AVENIDA

— ADULTOS, MAIORES DE 17 ANOS —

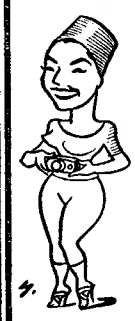
NA PRÓXIMA SEMANA

UMA COMÉDIA DE **MARCEL ACHARD**

CHEIA DE HUMANIDADE...

UMA COMÉDIA QUE VAI INTERESSAR O PÚBLICO!

NO **COLISEU**



Rose Rondelli na «Turista brasileira»

EM 2 SESSÕES A's 20,45 e 23 h. Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, apresentam

Em plenissimo ÊXITO a melhor, mais alegre e popular de todas as revistas

HA' FEIRA NO COLISEU!

PELA MAIOR COMPANHIA DE TODOS OS TEMPOS!!!

PREÇOS POPULARES:
GERAL A 7$50

Amanhã, domingo, ás 16 h. espectáculo á tarde!

M/17 ANOS

ALMOCE E JANTE NO «Náutico»

A SALA DE VISITAS DA BAIA DE SESIMBRA

QUARTOS CONFORTÁVEIS COM BANHO PRIVATIVO E TELEFONE

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 029233

Estalagem do Senhor da Serra

FIXE a sua RESIDÊNCIA ou faça férias num dos 20 APARTAMENTOS com: — *Banho*, Aquecimento, *Música* e Telefone, da Estalagem do Senhor da Serra

No *Verão*
No Outono
No *Inverno*
Na Primavera
VÁ, com a família ou amigos, *Almoçar*, Tomar chá, *Jantar* e Cear, na Estalagem do Senhor da Serra

Telefs. 960175 / 960176 - **BELAS** - a 8 km. de Lisboa

Vários e amplos locais para CASAMENTOS, BAPTISADOS e BANQUETES

Ambiente delicioso - Preços acessíveis

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Cartaz dos Cinemas

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)
Duas almas embravecidas lutam contra o próprio mundo
QUANDO O VENTO SOPRA
com **Curd Jurgens** e **Mylene Demongeot**

ALVALADE — Telefone 53080
15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Uma história assombrosa que realmente sucedeu
DEMÓNIOS À SOLTA
com **Charles Bronson** e **Violet Rensing**

ODEON — Telefone 26282
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Pedro Infante em
PEPE O BRAVO
o cantor que não sabia que tinha punhos de aço

ROYAL — TEL. 845037
21.00 (M/12 anos)
FÉRIAS EM PARIS
com Bob Hope
NÓS, MULHERES...
com Ingrid Bergman

CINEMA IDEAL
21.00 (M/12 anos)
LEGIÃO DE ATIRADORES
A MULHER DA JAMAICA

ESPLANADA PORTUGUESA
21.30 (M/17 anos)
NATHALIE O QUE O CÉU PERMITE

TERRASSE — TEL. 20917
21.00 (M/12 anos)
ANNA DE BROOKLYN
APRENDIZ DE LADRÃO

QUERO VIVER — TEL. 48560
21.00 (M/17 anos)
O AVARENTO APAIXONADO

TIVOLI — TEL. 50595
A's 5.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)
Um cómico que é a grande revelação do cinema francês
FRANCIS LOUIS DE FUNÈS em
UM CABELO NA SOPA
c/ **Jaques Jouanneau** e **Noelle Adam**

POLITEAMA — TEL. 26309
15.15 - 18.15 e 21.30
Em êxito total:
Um extraordinário e grandioso filme de heroicas aventuras
CAÇADA HUMANA
com **Steve Cochran** e **Dianne Brewster**
Cinemascope Col. De Luxe
Adultos (Maiores 17 anos)

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Um filme que arrebata os nervos quando dos olhos do colosso chove a morte e a destruição
O COLOSSO DE NOVA YORK
com **John Baragrey** e **Mala Powers**

CONDES — TEL. 22559
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
A reconstituição quase exacta do «hold-up» de que foi vítima e Begum: 500 milhões de jóias
O GRANDE GOLPE
com **Peter Van Eyck** e **Anouk Aimée**

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Esplanada do Rato
Unica no género em Lisboa
COZINHA A PORTUGUESA
R. S. FILIPE NERY, 23

IMPÉRIO — Tel 55134/5
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Não pode uma professora corresponder ao amor do seu aluno?
A GERAÇÃO REBELDE
com **Robert Harland** e **Pippa Scott**
Tão próximos, tanta vez... até que o escandalo abalou a cidade!
Ar condicionado

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Jeannie Carson
Donald Sinden
em
FOGUETÕES DE RABIAR
Uma paródia ás bombas, foguetes e foguetões... de rabiar...
Ambiente refrigerado

CAPITÓLIO — TEL. 27493
NO TERRAÇO: 21.00 (M/12 anos)
Cinemascope col.
ALEXANDRE O GRANDE
com Richard Buston
A FORTALEZA DE ALGER
com Yvonne de Carlo

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)
21.30 (M/12 anos)
NEM GUERRA NEM PAZ
com Jack Lemmon
A QUEDA DE UM CORPO
com Humphrey Gogart

AVIS — Tel 47167
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme diferente sobre o Oeste, mantem-nos numa tensão constante e arrasadora
O MORTO VOLTOU
John Mohoney e **Luanna Patten**
em Eastmancolor

CASINO ESTORIL
21,30 (M/17 anos)
O XERIFE E A LOIRA
com Richard Todd

Faça o seu trabalho caseiro sem dores nas costas!

Se lhe doem as costas cada vez que se baixa ou se curva, talvez tenha ácido úrico em excesso. Kruschen, uma combinação de sais minerais, auxiliará a eliminação dos venenos orgânicos, causadores do ácido úrico. Principie hoje mesmo um tratamento Kruschen.
À venda em todas as farmácias.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

O Teatro Experimental de Lisboa vai apresentar na TV a comédia «A bisbilhoteira», original de Eduardo Schwalback.

—Amanhã, em Torres Vedras, a companhia Rafael de Oliveira leva á cena um espectáculo musicado, que se intitula «Prata da Casa».

—Foi adiada para meados da próxima semana, a estreia, no Teatro Avenida, da comédia «Patate».

—A companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos, em digressão por Angola, termina amanhã os espectáculos que está a dar em Nova Lisboa.

—Eduardo Damas vai seguir brevemente para o Brasil, onde conta apresentar o seu original «Camões», desempenhado por uma companhia brasileira.

—No dia 3 de Setembro, realiza o Círculo de Arte e Recreio de Guimarães um espectáculo em que colabora o Teatro de Ensaio «Raul Brandão» com as peças «O doido e a morte» e «O rei imaginário».

—No Teatro Monumental está a realizar-se a leitura da peça «Gata em telhado de zinco», com a presença do encenador António Pedro e dos intérpretes, um dos quais será o actor João Guedes, do Teatro Experimental do Porto.

—Com ligeira alteração, o elenco do Teatro Maria Vitória será o mesmo da época transacta.

—No dia 1, recomeçam no Teatro de S. Carlos as actividades do grupo de bailados «Verde Gaio».

—De hoje até terça-feira próxima, está em Vila General Machado o ilusionista português Conde de Aguilar, que prossegue na sua digressão artística por Angola.

No Monumental

«O Baile», com Laura Alves na protagonista

A deliciosa comédia de Edgar Neville, «O Baile», agora em 6.ª semana de grande êxito, no palco do Teatro Monumental, é um espectáculo que está interessando o grande publico, e, principalmente, as senhoras, dado a história que nos conta, cheia de graça, espírito e romantismo, numa peça com três personagens, três actos, e três sentimentos — o amor, a ternura, e a saudade.

Com encenação brilhante de António Pedro, a peça é interpretada por Laura Alves, numa nova faceta da sua carreira artística, tendo a seu lado Rui de Carvalho e Paulo Renato.

No Coliseu

continua «Há Feira no Coliseu !»

No Coliseu, a preços populares, continua a revista «Há Feira no Coliseu!», admirável espectáculo de alegria, comicidade, luxo e bom gosto. A insinuante e elegantíssima vedeta brasileira Rose Rondelli, o querido actor cómico Costinha, os populares artistas Alvaro Pereira, Maria Domingas, Anita Guerreiro, Maria Adelina, Luísa Durão, Carlos Alves, Domingos Marques, Maria Adelaide e Casimiro Chagas, e, ainda, Yola & Paulo e o famoso Ballet Hungaria, composto de oito formosas e esculturais bailarinas

(Continua na 12.ª página)

De ontem para hoje

IMPOSTOS E FINANÇAS

OS países procuram as verbas para ocorrer ás várias despesas — cada vez maiores e que se traduzem em cifras de quebrar a cabeça ao mais pintado matemático — onde as podem encontrar. Paga quem tem uma casa e quem a aluga; paga quem acende um fósforo e quem fuma um cigarro; quem come carne ou peixe e quem os vende. Tão naturais são alguns desses impostos que já nem se dá por eles. Entraram na vida corrente. Quem compra um bilhete para o teatro ou cinema não pensa que contribui para o orçamento do Estado com alguns tostões; e as crianças que sobem para os cavalinhos de feira menos pensam ainda... Os pais é que têm de pensar e esportular. Pois grão a grão enche a galinha o papo. E as finanças também. Esses numeros astronómicos, de pensar nos quais os matemáticos encalvecem, são feitos com os tostões e escudos dos vários impostos. Ora sabem quanto renderam em 1958 os impostos sobre espectáculos? Mais de 26 mil contos. Ao certo, 26.307 contos, contra 25.609, em 1957. Quer dizer que o publico português se divertiu mais em 1958. Mas também pagou mais. Está no Anuário Estatístico das Contribuições e Impostos. Outros numeros: os direitos de importação e exportação e a taxa de salvação nacional renderam, respectivamente, 1.874 e 498 milhares de contos; para as contribuições predial e industrial foram cobrados 434 e 846 milhares de contos; os impostos profissional sobre a aplicação de capitais, complementar, de sisa e sucessório, liquidaram para o Tesouro, 119, 277, 449, 230 e 473 milhares de contos, respectivamente; o imposto do selo rendeu 705 mil contos, cabendo ás estampilhas fiscais cerca de 255 mil.

FEIXE DE NOTICIAS

NA vala do Carregado, ontem á tarde, ocorreu uma tragédia que vincará para sempre a alma de quatro crianças e não mais se poderá apagar de seus olhos. Num barco varino estavam Rosa Maria Soares, de 33 anos, seu marido, Francisco Matos de Oliveira, quatro filhos entre os 6 e 14 anos, e outras pessoas da família. Não se percebe bem como, mas em dada altura, a Rosa Maria Soares escorregou e caiu ao rio. O marido e cunhado atiraram-se para a salvar mas inutil. A hora era de tragédia. À vista do marido, dos filhos, o rio absorvia para sempre a vida da sua vida. Nem o cadáver o rio restituiu ainda.

*** Foi na estrada da Areosa, a seguir a Viana do Castelo. A estrada é uma fita a direito entre milharais que nesta altura do ano tomam as cores do cobre antigo. É uma estrada; por ela circulam automóveis, peões, animais e crianças. Lá passava ontem José Martins Moreira, de 10 anos, que levava uma vitela para o mercado. O carro de José Durães Soares Barbosa, de 48 anos, colheu-o, arrastou-o durante 30 metros e matou-o.**

*** O bairro da Serafina tem fama até para aqueles que nunca lá entraram. Há todos os dias festa rija e línguas de prata. Lá vive muito boa gente, mas a falta de policiamento é o diabo... Ora o sr. Carmindo Teixeira Pinto tem o seu quintal com uma figueira. Entram lá, levam-lhe os figos e ainda o insultam com as tais línguas de prata e oiro. É de fazer perder a paciência a um santo. E ontem perdeu-a mesmo e foi atrás dos garotos que lhe foram aos figos. Ainda troçaram dele e dançaram e bailaram. Acabou por puxar de uma pistola e atingir com um tiro António Gusmão Sousa Limbano, de 18 anos, que teve de ser operado de urgência no Hospital de S. José porque a bala perfurou-lhe a bexiga. Podemos afiançar que o Bairro da Serafina fica em Lisboa e que Lisboa é capital de Portugal.**

*** À semelhança dos anos anteriores e no prosseguimento da sua acção de auxílio á vinicultura, vai a Junta Nacional do Vinho abrir, no dia 1 do mês de Setembro, a habitual operação de financiamento para a vindima e vinificação, nas condições usuais. Os interessados deverão dirigir-se aos Grémios da Lavoura da sua área, onde lhes serão prestados os esclarecimentos de que careçam.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. tenente-coronel Silvério Marques, governador de Macau, e general Correia Leal. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. prof. Vitória Pires, antigo subsecretário de Estado da Agricultura; eng. Carlos Temudo Barata, representante do Governo português no Conselho da Organização da Aviação Civil Internacional; e Luís C. Lupi e Melville Williams, da Associação da Imprensa Estrangeira de Lisboa. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros da Presidência e dos Negócios Estrangeiros. * Em S. Teotónio, o pequeno Armindo Rosa Joaquim dos Santos caiu a um poço e morreu afogado. * D. Carmen Cazaria Alias, de Almeria, Espanha, de 26 anos, foi tomar banho no rio Xévora. Morreu afogada. * Em Veiga, Arrancada do Vouga, morreu carbonizado no incêndio de uma mêda de milho, Joaquim Duarte Pinheiro, de 73 anos. * Em Fátima, onde nascera há 21 anos, morreu ontem Alexandre Henrique Rosa. Seguia numa camioneta carregada de palha. Um fio telefónico apanhou-o e deitou-o ao chão. Teve morte imediata. * Albano Barata, de 58 anos, morreu por ter caído de um comboio na Junqueira, em frente da Standard Eléctrica. * Numa drogaria da Rua David Lopes, quando misturavam cera e aguarrás, dois empregados causaram uma explosão e provocaram incêndio. Sofreram queimaduras Celestino da Silva Gaspar, de 15 anos, e José Sanches Nogueira Vinagre, de 14 anos.

Concha

RESTAURANTE — DANCING

(Piscina da Praia das Maçãs)

ESTA NOITE

às 22,30

PASSAGEM DE MODELOS

As últimas criações de

NELSON, o DIOR

português, numa noite que constituirá um verdadeiro acontecimento mundano

(Maiores de 17 anos)

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

Jerusalém e Haifa, no Estado de Israel.

Se a obra legislativa de Moisés constitui um corpo de doutrinas, basilares na história do Direito, as leis médicas e dietéticas ocupam lugar de inconfundível destaque na história da Ciência (Sarton).

As preocupações higiénicas de Moisés, as regras dietéticas tendiam a preservar a saúde de um agregado social e são o índice nítido da cultura enciclopédica do condutor e profeta do povo hebreu.

Mais do que a medicina curativa ou a droga milagrosa, interessava a Moisés a medicina preventiva, a defesa ao transe de um grupo social em formação.

Raramente se refere à terapêutica, ao específico tratamento das doenças. Deus, para Moisés, tinha em suas mãos o destino do homem, corpo e alma, com saúde ou enfermo.

A enfermidade, tanto a do corpo como a do espírito, constituiria um castigo de Deus tanto para o homem como para a colectividade. Não tinha sido assim no Egipto?

Já nesses recuados tempos. Moisés admitia que o mal era transmissível de homem para homem a uma velocidade sem limites. Verifica-se, pois, na medicina da Bíblia, o conceito de epidemicidade e de contagiosidade.

Sobre os meios de atacar estas repetidas vagas de infelicidade, de as deter, de as isolar, não se lê uma única palavra. Só a fé total, só a adoração permanente, a obediência cega, as poderia e deveria evitar.

«Medicina da constatação» e mais nada, esta a atitude que de séculos a séculos se verifica e regista!

A medicina sanitária, preocupação máxima dos investigadores contemporâneos, constitui o corpo das doutrinas médicas de Moisés.

Quantos Judeus existiriam nesse tempo? Possivelmente meio milhão, expostos a todos os flagelos, às sucessivas epidemias que ceifavam milhares e milhares de indivíduos todos os anos, seres completamente privados de higiene corporal e alimentar.

A lepra era dos males, dos grandes males o que campeava e florescia sob todas as formas, terrível mal que sempre afligiu os povos do Médio Oriente. A tinha era outra enfermidade crónica, além de dermatoses várias, algumas delas ainda não individualizadas.

O tifo, a peste, a varíola e, provàvelmente a tuberculose, eram companheiros inseparáveis do homem, iluminado pela fé, a caminho da Terra Prometida.

Moisés servia-se do nome de Deus para melhor amparar e prevenir os que o acompanhavam na longa marcha através do Deserto (Deuterómio, VII-15).

Criado e educado como um Príncipe na corte egípcia, conhecendo a fundo as doutrinas médicas da época, os meios de cura usados pelos sacerdotes e feiticeiros, Moisés adquiriu a certeza de que pouco ou nada se sabia da medicina curativa e preferiu, através de imposições religiosas, resolver um problema médico-social, protegendo e rodeando o seu povo de medidas profiláticas enérgicas.

Para o grande condutor, a profiláxia torna-se uma obsessão, a única forma eficaz de proteger e defender a colectividade.

Quarenta séculos antes de Pasteur e Lister fixa as noções de epidemiologia e de contágio, noções capitais nascidas da experiência, da observação cuidada, do saber feito de estudo consciente e prático. Assim, no Levitíco (XI-4 a 44), Deuterómio (XIV-3 a 20), Exodo (XXIII-18), Números (XIX-2 a 18), e em muitos outros Livros e Versículos, determina quais os alimentos perigosos e proíbidos, alega ser incompatível o uso de sangue de animais, de certas gorduras (José Froimovich, «Lipotropismo y Vejez», Valparaíso, 1958), o uso e abuso do vinho a não ser durante o ritual litúrgico no Templo e no lar, a forma de abater animais de consumo e sua inspecção, regras ainda hoje seguidas; condena o ùso de carne proveniente de animais abatidos clandestinamente; impõe a destruição pelo fogo de todos os alimentos impróprios, contaminados ou em estado de decomposição; decreta o repouso semanal (sábado), total e obrigatório sob pena de morte.

Moisés condiciona o contacto com os objectos infectados (Números, V-2) e (Deuterómio, XXIII-10), parto e menstruação, regras a seguir (Levitíco, XX-18), higiene do parto (Levitíco, XX-18 e 2-8), isolamento durante o período menstrual (Levitíco, XV 19-24), a higiente íntima da mulher (Números, XXXI-15-18).

Estabelece o diagnóstico diferencial da lepra, da tinha, das úlceras banais (Levitíco, XIII e XIV), destruição de todos os objectos e roupas que serviram ao leproso (Levitíco, XV-11-13) e as medidas sanitárias a tomar quando os exércitos vitoriosos regressassem de cidades saqueadas (Números, XXXI-19).

Todas estas condições, regras, conselhos higiénicos e profilácticos são expostos com rara clarividência, estudados nos mínimos detalhes, apontados com segurança.

Verifica-se hoje, sumidos quarenta séculos, que foi estabelecida uma legislação sanitária que ainda se encontra de pé.

A vasta obra médica, concebida por Moisés, nasceu perfeita, lógica e coerente, talhada para a eternidade.

Higiene corporal e alimentar, profiláxia metódica individual e colectiva, desinfecção eficaz, foram concebidas de tal forma e com tanta soma de conhecimentos que a Organização Mundial de Saúde pouco mais tem feito do que codificar regras esquecidas e actualizar conhecimentos adquiridos no rodar dos séculos.

Melhor do que ninguém, em matéria de terapêutica, sentiu o ridículo dos parcos conhecimentos da época, dos «vapores mágicos», dos «humores transtornados», das «teríacas» complicadas, das mutilações inúteis, e das tatuagens destinadas a defender o ser humano da peste ou da tuberculose.

O sábio genial, o Profeta, o Homem de Deus, escolhido para proteger e defender o Povo da Bíblia, duvidou sempre do parco saber do curandeiro de antanho, da magia, da primitiva alquimia, aquela que mais tarde Paracelso, louco e sábio, condenaria para sempre, escancarando as portas do saber para a terapêutica moderna.

Espanta o método, o espírito, a precisão de observação, a amplitude e vastidão da obra de Moisés, considerada tão ampla e vasta como a jurídica e social.

Jacques Martin, num livro notável publicado em 1952, digno de meditação e estudo, assim o afirma e confirma a partir das fontes bíblicas e talmudícas.

Este livro completa, a seu modo, o de M. A. Halévy publicado em 1927. Faz bem reler velhos textos e livros que ampliam o horizonte dos conhecimentos e afastam certas dúvidas que o tempo avoluma.

A. d'E.

SAB-932

FEIRA DE AMOSTRAS DE PRODUTOS PORTUGUESES

FAP

LEOPOLDVILLE

DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959

Pela SABENA viajará com a maior rapidez e comodidade

EM SUPER DC-6 E SUPER DC-7C

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

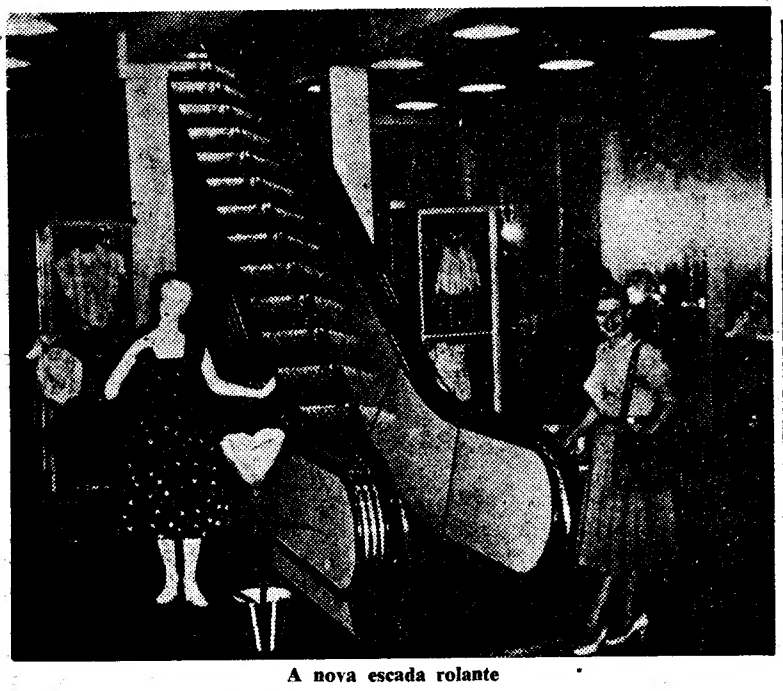
SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

Praça da Alegria, 58, 1.º — Lisboa — Telef. 33538 • 28401

Praia de Santa Cruz

Serviço combinado com o Caminho de Ferro

Todas as estações de Caminho de Ferro vendem bilhetes e despacham bagagens para a Praia de Santa Cruz e também para as localidades de Ponte do Rol, Casalinhos de Alfaiate e Silveira.



A nova escada rolante

A partir de esta tarde

nos amplos Armazens Grandela

os clientes podem utilizar uma moderna escada rolante

Lisboa, como as grandes capitais do Mundo, tem também os seus armazens heterogeneos, onde o publico encontra todos os produtos de que necessita, desde o simples e caro frasco de perfume ás «barbatanas» para a caça submarina. E, também como em todo o Mundo, os grandes armazens lisboetas modernizam-se, como que a querer rivalizar com a grande pompa dos «magazines» parisienses e os poderosos armazens londrinos.

Agora são os Grandes Armazens Grandela que põem a funcionar, no seu vasto edifício, a primeira escada rolante montada em Portugal num estabelecimento deste género.

Quando pela primeira vez se noticiou este facto, o publico lisboeta encheu-se de jubilo e esperou pela grande novidade.

E a magnifica escada rolante fabricada pela Rheinsstahl Hamburg-Eggers-Kehshahn, a mais antiga do seu género, representada em Lisboa pela Sociedade Michaelis Vasconcelos, Ld.ª, foi-se elevando discretamente, no largo vão central do Grandela.

Durante sucessivas madrugadas, entraram pelas portas da Rua do Ouro, os cinco lances da escada rolante, pesando cada um 7.000 quilos.

Os trabalhos de montagem chegaram rápidamente ao seu termo e, ao fim de 3 semanas, tudo estava pronto para a inauguração solene. A utilização do vão central, que desapareceu, proporcionou um grande aproveitamento de espaço, onde se instalaram novas secções, como, por exemplo, a discoteca e um «bar».

A escada funcionará normalmente no sentido ascendente, mas, ás horas de fecho, ao almoço e ao fim da tarde, trabalhará em sentido descendente. Numa hora, esta escada pode ser utilizada por 6.000 pessoas.

Marcando bem o orgulho que a cidade sente neste novo melhoramento, a própria esposa do Chefe do Estado, sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Tomás, inaugurará esta tarde, ás 18 e 30, a escada rolante dos Grandes Armazens do Grandela.

Palm Beach

Mais um sensacional programa de Music-Hall

DEO MAIA

Marisa e Sandro

JACK KNIGHT

WALTER MACHADO

IRMÃOS GUARÁS

Música de dança pelo famoso conjunto

MAX MARINO

Grande Prémio do Disco 1959

—Tágide—

O mesmo sensacional programa de atracções do Palm Beach

(Maiores de 17 anos)

—Concha—

Um verdadeiro acontecimento mundano com a passagem de modelos do grande costureiro português

NELSON

Tágide—Palm Beach

Concha

AVISO

Como habitualmente todos os clientes que jantarem estão dispensados do consumo obrigatório das «boites»

Tágide—Palm Beach

Concha

«DOMINGO FELIZ!»

atribuirá amanhã

mais doze prémios

Amanhã, ultimo domingo deste Agosto encalmado, as praias e campos vizinhos de Lisboa vão encher-se por certo de milhares de pessoas que fogem á cidade e procuram no iodo do mar e no ar dos pinheirais um retempero para as suas forças depauperadas pelos trabalhos de uma semana. Comboios e barcos vão levar para Sintra, para as praias da linha do Estoril, para a Costa de Caparica os que fora de Lisboa procuram um domingo repousado e feliz.

Para doze leitores do «Diário de Lisboa» haverá mais um domingo duplamente feliz — pelo repouso do corpo e pelos valiosos prémios que iremos distribuir amanhã, como temos feito desde que o Verão começou. São doze bons prémios, que irão levar satisfação aos habituais leitores do «Diário de Lisboa». Os prémios de amanhã são os seguintes:

Prémios Sintra

1.º — Um gira-discos automático, da afamada marca THORENS, representada pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, e 5 quilos de tinta S. João «BEL-PLAST».

2.º — Um relógio eléctrico da marca «SMITHS», dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho.

3.º — Compras, no valor de 300$00, na firma Fabricampo, Ld.ª.

4.º — Um bilhete inteiro para a Lotaria, da Casa Campião.

Prémios Costa do Sol

1.º — Um fogareiro Cidla, produtos representados pela firma VILARINHO & SOBRINHO, LDA., e 5 quilos de tinta S. João «Bel-Plast».

2.º — Um ferro eléctrico de engomar «MORPHY-RICHARDS», representado pelos Estabelecimentos Sida.

3.º — Produtos SHWEPPES.

4.º — Uma gaiola para pássaros, da Sociedade Comercial de Metais, Ld.ª.

Prémios Costa da Caparica

1. — Uma viagem de ida e volta ao Porto, nos aviões da TAP, com estadia num dos melhores hoteis do Norte, e 5 quilos de tinta S. João «BEL-PLAST».

2.º — Duas caixas de sabão activado C. U. F.

3.º — Um lote de produtos de salsicharia da fábrica AVEIRENSE, LDA.

4.º — Flores plásticas da papelaria Vasconcelos, Ld.ª.

Cantor negro

preso na América

por convidar uma jovem para um passeio

MERIDIAN (Mississipi), 29. — Um cantor negro de «Rock and Roll», Charles Berry, foi preso, acusado de ter marcado um encontro com uma rapariga branca.

O cantor, que é muito popular entre os adolescentes, nega ter pedido á rapariga para sair com ele. Declarou que foi ela quem lhe veio pedir um autógrafo.

Segundo o procurador do Condado de Lauderdale, que mandou prender Charles Berry, a rapariga e um rapaz amigo, ambos de raça branca, acusaram o cantor negro de ter ousado pedir á rapariga para sair com ele no fim de um baile organizado pelos alunos do liceu local. Berry fora convidado para cantar durante o baile as suas canções em voga

As leis do Mississipi proíbem a «mistura social das raças». — (F. P.).

A nadadora inglesa

adiou a tentativa

de atravessar a Mancha

CALAIS, 29—A nadadora inglesa Isabel Lindsay que, contrariando a opinião dos médicos, pretende efectuar a travessia do Canal da Mancha, adiou a partida devido ao mau tempo.

Isabel Lindsay anunciara a partida para esta madrugada, mas o tempo desfavorável obrigou-a a adiar o início da prova para amanhã, ou mais tarde.

Os médicos são de parecer que o coração da nadadora não resistirá ao esforço e aconselharam-na a desistir. — (A. N. I.).

Manifestação

de patriotismo

de chefes timorenses

DILI, 29. — Numa cerimónia impressionante realizada em Bobonaro, circunscrição fronteira, os chefes rurais ofereceram ao governador da provincia, major Temudo Barata, uma artística caixa de sandalo, contendo a bandeira nacional com impressões digitais feitas com o seu próprio sangue, o que significa, segundo um uso tradicional, o preito de fidelidade de todos os chefes nativos da área á Pátria comum.

A esta cerimónia assistiram as autoridades locais e milhares de pessoas que, no final, saudaram entusiásticamente, o chefe da provincia. — (L.).

JÁ NÃO SE EFECTUA

a «Taça do Mediterrâneo»

de caça submarina

ROMA, 29. — A competição de caça submarina «Taça Internacional do Mediterraneo», organizada sob o patrocínio da Confederação Mundial das Actividades Subaquáticas, pelo «Clube Mediterranico», e que devia realizar-se este ano de 30 de Agosto a 3 de Setembro, em Caprera (Sardenha), foi definitivamente suprimida.

Os organizadores tomaram esta decisão devido ao falecimento na quinta-feira passada, dos campeões da França e de Portugal, Jules Corman e José Ramalhete, num mergulho de treino para esta competição nas mesmas águas onde devia disputar-se a prova. — (F. P.).

O NAVEGADOR

Lescombes

chegou a Guadalupe

PONTA NEGRA (Guadalupe), 29. — O navegador solitário René Lescombes, que partiu de Arcachon em 12 de Maio passado, a bordo de um «dinghy» metálico, munido de uma vela, chegou a Barbada em 30 de Julho, depois de atravessar o Atlantico, e encontra-se em Guadalupe há três dias.

Lescombes indicou que tencionava reconstruir a sua embarcação, destruida durante um naufrágio, quando chegasse a Barbada, e atravessar mais uma vez o Atlantico. — (F. P.).

TEMAS DA HISTÓRIA NACIONAL

Sobre o plano henriquino das Indias

e reino do Preste-João

Como o Infante D. Henrique e a Etiópia estão sendo dois temas culturais actualíssimos, julgo que não será sem interesse recordar aqui um ponto que os envolve a ambos.

Em 1937, ao 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, tivera eu ensejo de apresentar **uma breve nota preliminar** sob o título de **Em favor do plano henriquino das Indias**, focando um tópico que não me constava tivesse sido ainda abordado por nenhum dos **muytos e desvayrados eruditos**, estrangeiros ou nacionais...

Impressa naturalmente e incorporada no respectivo volume das actas, foram-me dela enviadas umas quantas separatas a cada uma das quais tive de antepor uma folha dactilografada de erratas, tantas e tais haviam sido as gralhas tipográficas que, sem isso, o texto se tornara positivamente ilegível; o que me levou mesmo, desagradávelmente, enviando-lhe um exemplar assim corrigido, a ter de escrever ao então Director da Agência-Geral das Colónias que: se a revisão de provas das outras comunicações fora da mesma penuria, então forçoso lhe seria publicar em apêndice um volume de erratas!...

Apesar disto, não cairam em cesto roto as separatas que aos meus amigos eu distribuira; porque pelo menos o erudito Dr. Damião Peres (e julgo que o unico até agora) não deixou de se lhe referir (a págs. 37-38 da sua importante e bem conhecida **História dos descobrimentos portugueses.**

Como grata homenagem a esta unicidade, seja-me lícito transcrever aqui a passagem aludida. Em oposição á tese de que Joaquim Bensaude se tornara o arauto exponençial e segundo a qual D. Henrique visara de início atingir a India verdadeira meta do seu plano de navegações, pretendera criticamente, com a sua dialéctica implacável, Duarte Leite, que o mais longinquo objectivo oriental do Infante não passara da Etiópia, a **India etiópica.** Ora, tratando desta questão, o Dr. Damião Peres terminava acrescentando:

«Importa, finalmente referir a opinião de «F. Fernandes Lopes (e citava em nota a minha dita memória apresentada ao Congresso), **para quem a simplista interpretação dada por «Duarte Leite» á referida frase henriquina de 1442** — Indias e terras do Preste João— **está longe de ser a unica possível, porquanto «do livro de «Marco Polo» (que foi leitura indubitável do Infante D. Henrique) uma nova luz surge que torna capital e decisivo o argumento tirado de Azurara, em favor da existência do plano das Indias na mente do Infante, desde aquela referida data, e, segundo toda a probabilidade desde o início da sua empresa da expansão de Portugal». Com efeito uma cópia daquela famosa obra foi trazida a D. Henrique por seu irmão D. Pedro, quando este regressou da sua grande viagem pela Europa, em 1428. Ora nela refere-se a existência de várias Indias: a maior, abrangendo o Malabar e regiões vizinhas a ocidente; a menor, estendendo-se do Himalaia ou Tibet até á Indochina; e a mediana, chamada Abássia, compreendendo o reino do Preste João, personagem este que está ali identificado, segundo mostrou o «Conde de Ficalho» no seu estudo sobre as Viagens de Pero da Covilhã, com Uang-Khan, chefe da poderosa tribo dos caraítas, cristãos nestorianos. Se, como tudo leva a crer, o Infante leu e meditou o Livro de Marco Polo, o Preste João com que sonhava era asiático e não africano; várias e não uma, as Indias que buscava. «Em consequência — conclui Fernandes Lopes — a referida frase henriquina visava, não só a India verdadeira ou industanica, mas ainda a misteriosa terra do Preste João a Oriente ou Norte dela; ou seja, visava as Indias em toda a sua extensão e prolongamento, no sentido em que Marco Polo fala delas».**

Expondo a minha opinião, acrescentava o dr. Damião Peres que, «apesar de largamente debatido, o problema está bem longe ainda de uma definitiva solução»; e examinando-o por seu turno acabara por concluir: «Tudo leva, pois, a crer que o Infante julgava africano e por isso o mandava buscar por via terrestre transafricana, o reino do Preste João». Por outro lado: **«O termo Indias** traduz um objectivo diverso do simplesmente etiópico — um objectivo mais amplo, por menos versado em geografia oriental que se imagine D. Henrique; o seu emprego foi decerto intencional (...). Tocado da dominante miragem oriental, o Infante ambicionava atingir as **Indias.** Mas o oriente com que sonhava visionava-o em linhas confusas(...)».

Na citação que faz da 4.ª e ultima das conclusões da minha **breve nota preliminar**, reparo que omitiu o Dr. Damião Peres a indicação que eu dera do ponto em que Marco Polo falas das Indias»**na terceira parte da sua obra»**, e com a qual precisamente eu terminava o período gramatical. Esta omissão — sem duvida meramente casual — assume porém uma impotancia primacial para o leitor que deseje esclarecer-se e por este meio acabará por compreender devidamente o valor do meu argumento.

Em qualquer caso, voltando ao

(Continua na 11.ª página)

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-1º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — As 3.ªs, 5.ªs e sábados, das 14 ás 16 e 30 h
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

Partem hoje para Angola os 42 filiados da M. P. que vão efectuar o «Cruzeiro Gago Coutinho»

No avião dos Transportes Aéreos Portugueses, partem hoje, ao fim da tarde, para Angola, em missão de estudo e camaradagem, os rapazes da Mocidade Portuguesa que constituem o «Cruzeiro Gago Coutinho», a cujo patrono prestaram ontem significativa homenagem, com a colocação de um ramo de flores no tumulo onde repousa o heroico navegador da 1.ª travessia aérea do Atlantico Sul.

Os componentes do cruzeiro — quatro dezenas de filiados — tomaram hoje, de manhã, parte em três cerimónias: a deposição de ramos de flores nos tumulos de Camões e de Vasco da Gama; uma missa pelo bom êxito do «Cruzeiro»; e a bênção do guião, que será entregue aos filiados, no aeroporto, antes do seu embarque. Pouco depois das 11 e 30, chegaram ao Mosteiro dos Jerónimos os filiados que constituem o «Cruzeiro», que serão acompanhados pelos srs. comissário nacional adjunto da M. P. para o Ultramar, dr. Socrates da Costa, pelo director do «Cruzeiro», dr. Carlos Silva Gonçalves e pelo assistente religioso, padre dr. Ferreira da Silva (Queirós). Na presença dos srs. subsecretários de Estado da Educação Nacional e do Fomento Ultramarino, dos capitães Libano Monteiro e Pedro Henriques, que representavam os srs. ministro do Exército e comandante geral da G. N. R., respectivamente, dr. Pereira Bernardes, inspector nacional da Zona Centro e outros dirigentes da Mocidade Portuguesa, os 42 filiados formaram primeiramente com frente para o tumulo de Vasco da Gama, e depois para o de Camões. A' chamada do nome de cada uma daquelas figuras, os filiados responderam: «Presente».

Depois foram depostas, em cada tumulo, grandes palmas de flores, com fitas de seda, das cores nacionais. No altar-mor, foi depois celebrada a missa pelo padre dr. Alves de Campos, assistente nacional da Organização, que, no começo pronunciou uma homilia alusiva ao acto, e em especial sobre o significado da bênção do guião, a que no fim da cerimónia procedeu. Estiveram também presentes aos actos os actuais componentes dos cursos de comandantes de «castelo» e de «bandeira» da Escola Nacional de Graduados.

Terminou o XI Cruzeiro Marítimo

Fundeou hoje de manhã no Tejo, o navio-escola «Sagres», a bordo do qual se realizou o XI Cruzeiro Marítimo da Mocidade Portuguesa, cujos componentes desembarcaram no cais da Doca de Marinha, em frente da qual o barco lançou ferro.

Aquele navio-escola do comando do capitão-tenente António Tangarinha Fires, fez a sua viagem de instrução de cadetes, ao longo da costa sul.

O fogo destruiu um armazém de móveis em Cinfães

CINFAES, 28 (Pelo telefone) — Manifestou-se esta madrugada, ás 3 horas e 30 minutos, um incêndio numa casa de arrumação de mobílias e urnas funerárias, que servia também de adega. Pertence aos herdeiros de Arnaldo Cardoso de Sousa Pinto.

O incêndio teve início numa dependência junta, onde se encontrava uma mula, que morreu carbonizada. Arderam muitas urnas funerárias e várias vasilhas de vinho, assim como um bilhar.

O fogo foi atacado pelos Bombeiros Voluntários de Penafiel e por muito povo desta vila que acorreu ao local. Entre as pessoas que no ataque ao fogo trabalharam, destacaram-se o dr. Henrique de Miranda Vasconcelos Martins de Carvalho, ministro da Saude, e sua prima, D. Maria Teresa Rivera Durão de Martins de Carvalho, e sua irmã, D. Maria Isabel, que foram incansáveis a transportar água em baldes para o local do sinistro.

Os prejuízos, que são importantes, estão em parte cobertos pelo seguro.

Necrologia

José Fernandez Pardellas

Faleceu ontem o sr. José Fernandez Pardellas, de 45 anos, da Bugariña, Pontevedra, Espanha, industrial de padaria. O extinto deixa viuva a sr.ª D. Constantina Pardellas Rodrigues e era pai do sr. Manuel Fernandez Pardellas. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja da Graça, para o jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Gabriel Augusto Brazião

O sr. Gabriel Augusto Brazião, de 50 anos, de Sacavém, despachante alfandegário, casado com a sr.ª D. Maria dos Anjos Joia Brazião e pai da menina Maria Herminia Joia Brazião, faleceu ontem, realizando-se o seu funeral amanhã, ás 10 e 30, da Rua da Beneficência, 52, para o cemitério do Alto de S. João.

António de Moura Machado

Na residência de sua filha, faleceu hoje o sr. António de Moura Machado, de 83 anos, viuvo, proprietário, natural de Serva, pai da sr.ª D. Ernestina Machado Silva e do sr. António Poço. O funeral realiza-se amanhã, ás 16 horas, da Rua C, lote 13, 1.º, direito, Damaia, para o cemitério da Amadora.

SUFRAGIOS

Elisa Matilde Didelet Delgado

Seu marido, filhas e genros mandam rezar missa, comemorando o primeiro aniversário do seu passamento, amanhã, dia 30, pelas 12 horas, na igreja dos Mártires.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

Morreu o compositor Bohuslav Martinu

LIESTAL (SUIÇA), 29 — Com 68 anos, faleceu ontem á noite o compositor checoslovaco Bohuslav Martinu, antigo professor de composição da Universidade de Princeton, que há algum tempo se encontrava internado no hospital cantonal. — A. N. I.).

N. da R. — Bohuslav Martinu, nasceu em 8 de Dezembro de 1890, em Policka, sendo considerado o maior compositor checo contemporaneo.

Cedo revelou as suas excepcionais aptidões musicais tendo, aos 10 anos, composto um «Quarteto de cordas». Aos 16 anos, entrou para o conservatório de Praga, sendo um aluno tão irrequieto, que foi expulso. Depois de ter estudado no seu país com Suk, foi para Paris, em 1928, onde recebe lições de Albert Roussel. O seu grande período criador começa então, tendo a maior parte das suas obras sido reveladas, desde logo, ao publico parisiense. Em 1932, conquista o prémio «Coolidge», com um «Sexteto de Cordas». A guerra obriga Martinu a emigrar para os Estados Unidos que, na sua viagem para aquele país, passou por Lisboa. Nos Estados Unidos, e como acontecera a outros compositores europeus, tais como Bartok e Schonberg, Martinu é acolhido por Kussevitsky que lhe encomenda algumas obras.

Entre a produção americana de Martinu, contam-se as «Memorial stauzas», para piano e violino, dedicadas a Einstein, que as executou em sua casa acompanhado por Robert Casadessus.

Terminada a guerra, Martinu volta á Europa, indo ocupar o cargo de professor no Conservatório de Praga. Algum tempo depois regressa aos Estados Unidos dedicando-se ao ensino de musica na Universidade de Princepton.

A obra de Bohuslav Martinu é vastíssima e inclui 10 óperas, 6 «ballets», cantatas, poemas sinfónicos, concertos para piano, violino violoncelo e orquestra, 5 quartetos de corda, 2 quintetos para piano, sonatas para diversos instrumentos, etc.

Ultimamente, o publico português tem tomado contacto com algumas das suas obras mais representativas.

A nomeação de vogais do conselho técnico do Instituto Nacional de Investigação Industrial

Foram nomeados vogais do conselho técnico do Instituto Nacional de Investigação Industrial os srs.: dr. Francisco Pereira Neto de Carvalho, director-geral do Trabalho, como representante do Ministério das Corporações e Previdência Social; drs. Carlos Manuel Pinto Alves Martins e Caetano Leglise da Cruz Vidal, primeiros-assistentes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras; dr. Manuel Corrêia de Barros Junior, director da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto; engenheiro Manuel José Castro Petroni de Abreu Faro, professor do Instituto Superior Técnico; engenheiro Alexandre Aranha Furtado de Mendonça, presidente da direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Lacticínios, pelas industrias alimentares; Francisco Pinto de Balsemão, presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia, pelas industrias têxteis, de vestuário, curtumes, calçado e afins; José Nunes dos Santos, vice-presidente da direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Fabricação de Papel, pelas industrias de madeira, papel, celulose e cortiça; Fernando de Carvalho Seixas, presidente da direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas, pelas industrias químicas, produtos resinosos e farmacêuticos; engenheiro Luís de Azevedo Coutinho, presidente do conselho geral do Grémio dos Industriais de Ceramica, pelas industrias de ceramica, vidro e abrasivos; professor engenheiro António Herculano Guimarães Chaves de Carvalho; engenheiro José Maria Mercier Marques; e professor engenheiro António Gouveia Portela.

O PORTO pelo telefone

Semana da Galiza

PORTO, 29. — Encerram-se hoje as comemorações da Semana da Galiza, cujo programa delineado pelo chefe do distrito, foi rigorosamente cumprido, com o maior agrado de todos os que nele colaboraram. Para fecho da Semana da Galiza vieram hoje ao Porto, 62 alcaides de várias localidades da província em honra dos quais se realizou, na Camara Municipal, uma sessão de boas-vindas e a cerimónia da entrega de uma placa de prata ao Município, os visitantes, acompanhados pelo governador da província de Pontevedra, D. Rafael Martinez, deram entrada no edifício dos Paços do Concelho, cerca das 13 horas. Ali foram recebidos, na Sala D. Maria, pelo presidente substituto dr. Frazão Nazaré. Em nome dos visitantes, falou D. Landim Carrasco, presidente da Deputação de Pontevedra, que saudou a Camara e a cidade, fazendo, ao mesmo tempo, alusão aos laços de sincera amizade que ligam a mais ocidental das províncias espanholas, ao Porto. A terminar, D. Landim Carrasco entregou ao dr. Nazaré uma artistica placa em prata cinzelada, com referência a esta visita á «fidalga e acolhedora cidade do Porto».

O dr. Nazaré agradeceu em nome do presidente ausente as palavras de simpatia e fraternidade que acabara de ouvir. Seguidamente, foi visitada a Exposição Urbanística do que está sendo a obra realizada pela vereação. A' hora a que telefonamos, está a decorrer um almoço no Roseiral do Palácio, no qual tomam parte os nossos hóspedes. Numerosa representação de Pontevedra chegou á cidade durante o dia de hoje.

A Semana da Galiza encerra-se esta tarde com uma sessão solene. A's 19 horas, no Governo Civil, serão entregues ao governador de Pontevedra, as insígnias da comenda da Ordem Militar de Cristo.

A' noite, no Pavilhão do Palácio, haverá um espectáculo no qual tomam parte artistas da nação vizinha.

Atingido por um tiro

Recolheu ao Hospital da Misericórdia com uma bala de revolver alojada na coluna vertebal, o agricultor Gaspar Edmundo de Jesus, de 22 anos, solteiro, residente em Cabeceiras de Basto, que ali foi atingido por um tiro, disparado inadvertidamente.

Roubos nos automóveis

O sr. James Taylor Sinclair, residente na Rua do Crosto, 54, na Foz do Douro, queixou-se á Polícia por terem furtado do interior do automóvel pertencente a um seu amigo escocês, uma máquina fotográfica no valor de alguns milhares de escudos. O automóvel encontrava-se junto do Casino da Póvoa do Varzim.

Desastre no trabalho

Quando procedia á abertura de uma vala, caiu desastrosamente o operário António da Silva, de 50 anos, casado residente na Rua de Camões, 754, que sofreu o esfacelamento do braço esquerdo, recolhendo ao Hospital da Misericórdia.

Automóvel abandonado

Um guarda da P. S. P., comunicou ao comando da sua corporação, que o automóvel S P — 13-13, se encontra há três dias, estacionado em completo estado de abandono na Rua Ricardo Severo.

Falecimento

Na sua residência, faleceu o subdito britanico sr. Brian Douglas Flower, de 36 anos, solteiro, empregado de escritório. O funeral efectua-se amanhã, pelas 9 e 30 para o cemitério britanico e está a cargo do armador Alberto Xavier.

CARTAZ DO PORTO

SÁ DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O Filho do Conde de Monte Cristo».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A geração que salvou o Mundo».
COLISEU — A's 21 e 30 — «O Adeus ás Armas».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A epopeia de Dunquerque»
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Adeus Mr. Chips».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A Tortura do Medo».
S. JOÃO — As 15 e 30 e as 21 e 30 «A deusa».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Idade Perigosa».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O vale das mil montanhas».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Macabro».
PALICIO CRISTAL — Feira Popular.

Vida social

PROFESSOR CARNEIRO DE MOURA

Partiu hoje para Genebra, onde vai tomar parte no Congresso Internacional de Patologia Renal, seguindo depois para Munich, onde participará no Congresso Internacional de Cirurgia, o professor Carneiro de Moura, da Faculdade de Medicina de Lisboa.

MAURICIO CORREA HENRIQUES

No avião da T. A. P., regressa hoje a Lisboa, o sr. Maurício Diniz de Carvalhal Corrêa Henriques (Torre-Bella), que há cerca de um ano se encontrava na Africa Oriental Portuguesa, em missão profissional.

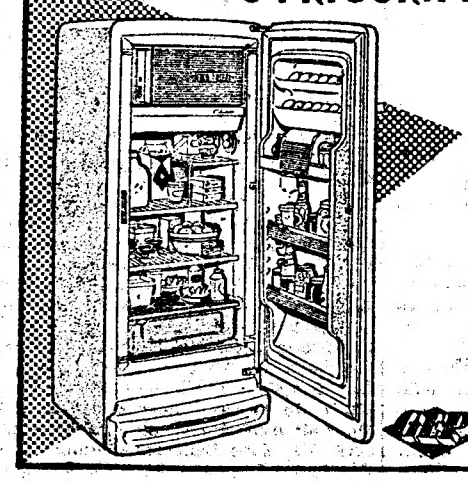
CONDE BERNARD DE MENTHON

Acompanhado por sua esposa, regressou a Lisboa, depois de algumas semanas de férias no seu país, o conde Bernard de Menthon, embaixador da França em Portugal.

Está a ser instruido o processo relativo à apreensão de contrabando nas proximidades de Cascais

O caso da sensacional apreensão de contrabando ontem levada a efeito pela Guarda Fiscal, nas proximidades de Cascais, como o «Diário de Lisboa» largamente informou, está agora a ser objecto de importantes investigações da parte do dr. Macedo de Brito, chefe do posto de despacho da alfandega de Cascais, que está a instruir o respectivo processo e a proceder ás necessárias diligências no sentido de tentar desvendar mais esta tentativa de introdução ilegal de mercadoria estrangeira no País.

O indivíduo detido foi posto em liberdade condicional mediante termo de identidade, depois de ter sido largamente interrogado, primeiro na Guarda Fiscal, pelo sr. tenente Américo Antunes, que procedeu ao levantamento do auto, e posteriormente pelo sr. dr. Macedo Brito, tendo as suas declarações sido reduzidas a auto.

GElado começa por GE
GENERAL ELECTRIC
O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA

• FECHO MAGNÉTICO ETERNO
• MOTOR SILENCIOSO
• PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
• GAVETA PARA VEGETAIS
• CONGELADOR A TODA A LARGURA
• PRATELEIRA PARA OVOS
• MANTEIGUEIRA
A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Rosa dos Ventos

Uma família americana — o prof. Powner, sua mulher e três filhos, dos quais o mais velho não vai além dos cinco anos — sujeitou-se á dura experiência de viver 14 dias dentro de um abrigo subterraneo antiatómico com as dimensões de $2^m,50 \times 3^m$, sem renovação suficiente do ar e alimentando-se apenas de conservas, com uma provisão de 35 litros de água e vivendo permanentemente á luz de velas. Durante esse período bastante duro, o casal leu vários livros, bebeu algum «whisky», para expulsar as ideias negras, sobretudo na ocasião do bombardeamento atómico experimental, e, não podendo ouvir rádio nem ver televisão, meditou... As crianças sofreram mais, dada a tacanhez do abrigo, que lhes não permitia movimentarem-se. Os pais tiveram de lhes administrar tranquilizantes. Ao fim e ao cabo, os esposos Powner receberam uma compensação equivalente a cerca de 20 contos portugueses e espera-se que cada cidadão americano possa ter no subsolo da sua casa um abrigo semelhante a este que foi posto á prova.

*

A Grã-Bretanha insular, desconfiada do continental, especialmente do latino, começa a acreditar na Europa e a entregar-se um pouco. Sintomático desse novo estado de espírito é um pequeno artigo inserto no «Daily Telegraph», em que se tranquiliza o pequeno burguês britanico, assegurando-lhe, por exemplo, que existe hoje água potável, convenientemente desinfectada, em quase todas as grandes cidades da Europa Ocidental. O final desse trecho, deliciosamente inglês, assegura aos arrojados viajantes que as canalizações dessas mesmas cidades foram instaladas por... engenheiros britanicos.

*

A civilização técnica ocidental, que invadiu o Japão, se é certo que lhe trouxe o progresso material, a subida do nível de vida e o domínio das ciências aplicadas, não deixou, em todo o caso, de lhe roubar algo daquela compostura e polidez que, através dos séculos, se enlaçavam no Imério do Sol Nascente com as flores da sua natureza requintada e decorativa. A tal ponto que os Japoneses de hoje se prestam a críticas, mesmo dos estrangeiros, quanto ao seu comportamento nos comboios, onde as jovens, em dias de Verão canicular, despem os seus quimonos, ficando em «slip» e «soutien», e os homens comem e bebem sem cerimónia, com os pés no assento da frente, lançando para o chão peles de frutos e outros detritos. Onde se reconhece a velha cortesia nipónica é no apelo feito aos passageiros por alto-falantes, que solicitam sejam usados os cestos de papeis e «pedem respeitosamente aos dignos viajantes a subida gentileza de renunciarem a mostrar em publico os seus dignos trajos menores»...

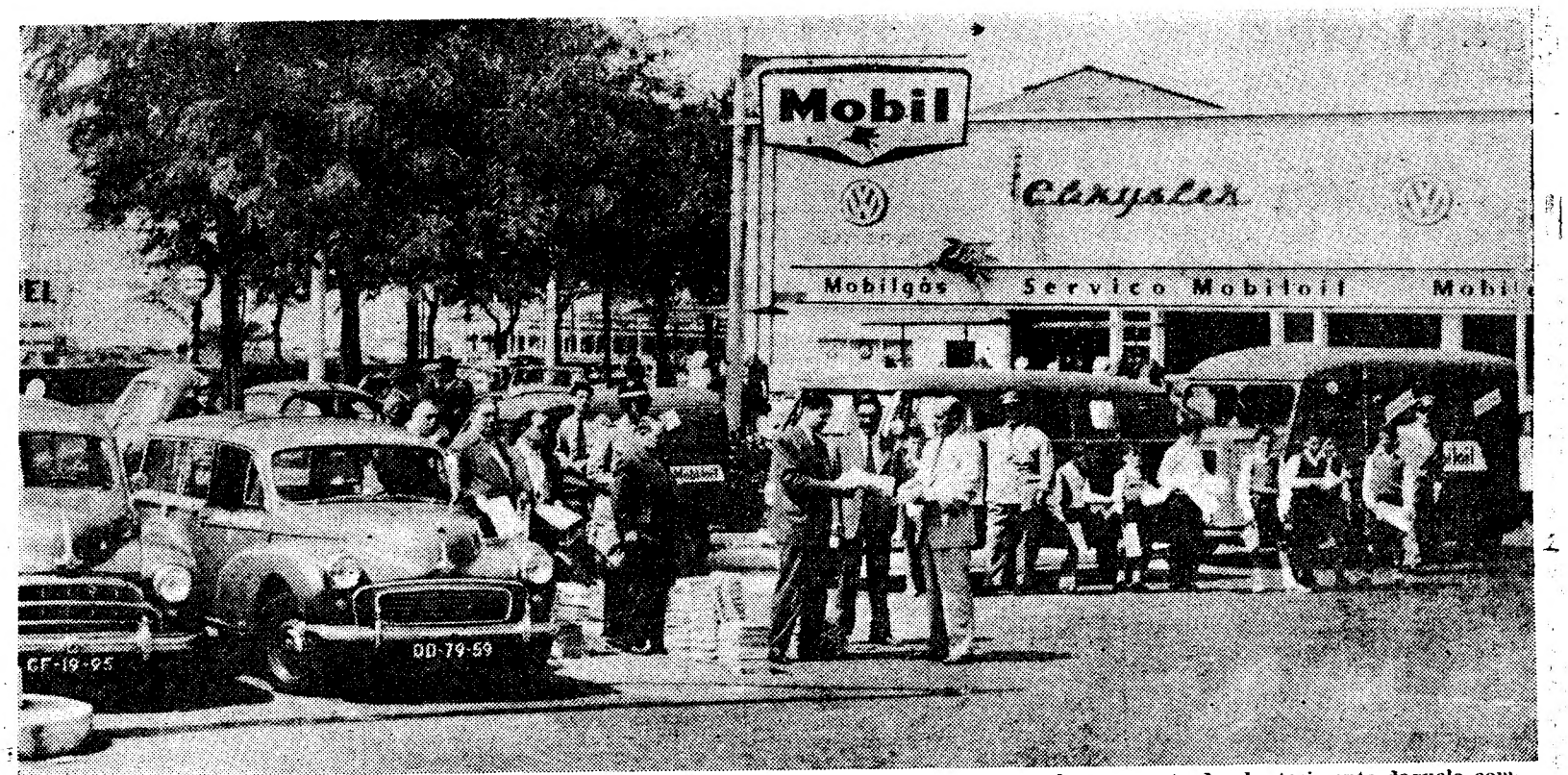
*

Um caso de confiança recíproca. O cliente telefona ao fornecedor:

— Mande vinte caixas de ovos. Se forem bons segue cheque.

Responde, telegráficamente, também, o fornecedor:

— Envie cheque. Ovos bons seguirão.



O sr. Telmo Mouta Felgueiras, dos serviços de relações públicas da Mobil Oil Portuguesa, recebeu no posto de abastecimento daquela companhia, em Pedrouços, os exemplares da miniatura do «Diário de Lisboa», pouco antes de principiar a sua larga distribuição pela estrada marginal, pelas respectivas viaturas e com a colaboração da P. V. T.

O "Diário de Lisboa" e a Mobil Oil Portuguesa

começaram a distribuir hoje na estrada marginal Lisboa-Cascais dezenas de milhares de prospectos chamando a atenção

para a necessidade de observar as regras do trânsito

Diario de Lisbôa

A MOBIL OIL PORTUGUESA
DÁ O SEU CALOROSO APOIO
À CAMPANHA
DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

ATENÇÃO

TRÂNSITO
NA
ESTRADA MARGINAL
LISBOA CASCAIS

Mobil

CAMPANHA DE SEGURANÇA * ACIDENTES DE VIAÇÃO

A primeira página da miniatura do «Diário de Lisboa» que hoje começou a sua distribuição na estrada marginal e cuja reprodução completa se encontra integrada no corpo do nosso «Magazine» de hoje

A Mobil, uma das empresas de distribuição de combustíveis mais justamente prestigiadas, pela qualidade, eficiência e largo ambito dos seus serviços de apoio aos automobilistas, iniciou hoje a concretização do seu anunciado apoio á Campanha de Segurança na Estrada, promovida pelo «Diário de Lisboa».

Dezenas de milhar de exemplares de um suplemento de quatro páginas, em formato reduzido, do nosso jornal, começaram a ser distribuidos desde o fim da manhã entre Lisboa e Cascais. Na primeira página a Mobil anuncia que dá o seu caloroso apoio á nossa campanha de segurança rodoviária e chama a atenção, em grandes caracteres vermelhos, para o transito na estrada marginal. As duas páginas centrais são encimadas por um aviso contido, num recente despacho do sr. eng. Carlos Ribeiro, ministro das Comunicações: «Passa a ser definitivo o sistema de limitações de velocidades na estrada marginal Lisboa-Cascais». Na página da esquerda, avisos ilustrados sobre as velocidades consentidas nas povoações e na estrada e sobre os cuidados a ter na vizinhança das passagens destinadas aos peões. A' direita, alguns conselhos, em frases muito breves e directas, quanto ás faixas de rodagem da estrada marginal. Ao fundo, abrangendo também as duas páginas, indicam-se algumas das penalidades em que incorrem os automobilistas que conduzam a velocidade excessiva ou cometam infracções ás regras de ultrapassagem. Logo abaixo, em grandes caracteres vermelhos, uma fórmula que define os objectivos da nossa campanha e de duas próximas iniciativas de Mobil — Campanha de Segurança e Acidentes de Viação: «Disciplina + Cortesia = Segurança». Finalmente, a ultima página é ocupada com um pequeno, gracioso e expressivo texto sobre a cortesia e, em letras vermelhas bem visíveis, por um aviso que se-

(Continua na 11.ª página)

O presidente do Município entrega o ma bombe

Marinha de guerra

O capitão-de-fragata Diogo de Melo e Alvim, foi nomaedo comandante-chefe do grupo n.º 2 de escoltadores oceanicos.

Embaixada de Portugal em Viena de Austria

O ministro plenipotenciário Abílio Andrade Pinto de Lemos foi colocado na embaixada de Portugal em Viena.

EM TRÊS LINHAS

Foi colocado na Embaixada de Portugal em Viena o ministro plenipotenciário de 1.ª classe dr. Abílio Andrade Pinto de Lemos.

///

O sr. António Agostinho de Assunção dos Mártires da Divina Providência Jesus Lopes foi nomeado director do Centro de Informação e Turismo do Estado da India.

Escola Académica

Com mais de um século de existência
(Fundada em 1847)
Condecorada com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Publica
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS:
Liceal e Comercial (completos), Ciclo Preparatório. Admissão aos Institutos, Instrução Primária e Infantil
INTERNATO E EXTERNATO (Sexo masculino)
Largo do Conde Barão, 47 (Palácio Condes de Pinhel)
Lisboa — Telef. 662430
(ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS)

ESTE É O SÍMBOLO
Junghans
QUE INDICA
«PRECISÃO»
E A MAIOR FABRICA DE RELÓGIOS DA EUROPA
Peça-os nas boas relojoarias e ourivesarias do País

Sonasol
LIQUIDO
ofere
CAIXAS PARA

Novos sapadores bombeiros

prestaram hoje juramento

e receberam os machados simbólicos

Cinquenta novos soldados da paz prestaram esta manhã juramento de fidelidade á corporação, colocando-se ao serviço da cidade e dos seus habitantes, sacrificando, se necessário for, a sua vida por eles. Receberam os machados, simbolo da sua actividade.

Assistiram á cerimónia o presidente da Camara Municipal de Lisboa, brigadeiro França Borges, e os vereadores dr. Eduardo Neves, Shafera da Costá e eng.º José Gil. Presentes também o 1.º e 2.º comandantes do Batalhão, respectivamente coronel Ribeiro Viana e major Rogério Cansado. Prestou honras militares ao presidente do Município uma companhia a dois pelotões com fanfarra e bandeira, formando na Avenida D. Carlos, sob o comando do chefe Mário de Almeida Filho. Depois da guarda, com todos os homens de grande uniforme e formados, assistiu-se á primeira cerimónia: a entrega dos machados. Seguiu-se o juramento, cuja fórmula foi lida pelo tenente-coronel Rogério Cansado.

Finda esta, o coronel Ribeiro Viana dirigiu uma exortação aos bravos bombeiros, após o que os homens desfilaram em parada.

A seguir os novos bombeiros realizaram demonstrações de ginástica, com exercícios de barra fixa, paralelas, ginástica educativa, subida de um cabo e saltos de mesa alemã.

Dois numeros do programa despertaram o maior interesse de todos os presentes: a respiração artificial, que compreendeu o transporte de sinistrados e aplicação de diferentes métodos de respiração artificial e a manobra abstracta com engate de dois lanços de escadas de molas no chão; subida individual, trainel e subida oblíqua, rápida, subida individual e escalada simples.

Exercícios de incêndio

Ao finalizar assistiu-se a um emocionante simulacro de incêndio que teve por cenário o 1.º andar da casa-escola do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Uma violenta explosão de gás, seguida de incêndio, que se propagou rápidamente não só a esse andar como á escada e andares superiores, o que punha em risco a vida dos seus «ocupantes».

Chamados, por intermédio de um avisador, os bombeiros compareceram com prontidão.

A certa altura teve de se efectuar uma retirada de emergência deixando, contudo, sem acesso á rua alguns bombeiros os quais, para se porem a salvo, são forçados á execução de saltos de luva e de tela previstos, unicamente, para situações embaraçosas como esta.

Machado simbólico a um novo sapador bombeiro

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇAO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental, o vento era fraco e o céu estava muito nublado a sul do Tejo e pouco nublado a norte do mesmo rio por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada a oeste do continente.

TEMPERATURAS A'S 9 HORAS (T. M. G.): Porto, 20°; Lisboa, 21°; Faro e Funchal, 22°.

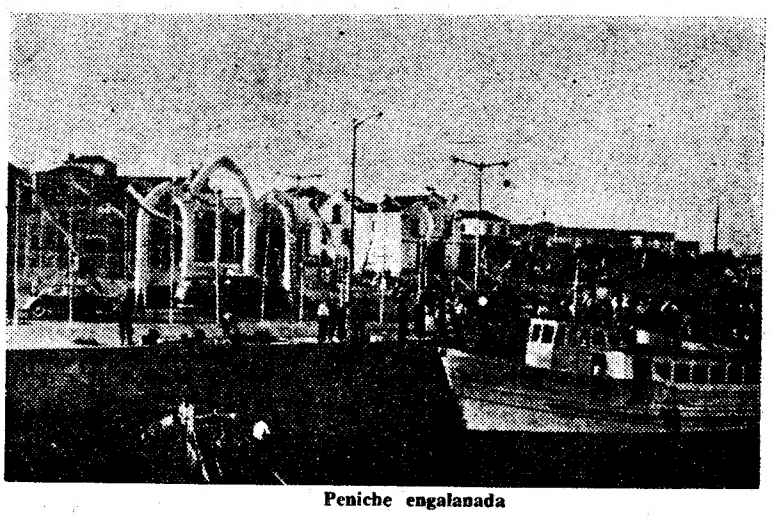
TEMPERATURAS OBSERVADAS A'S 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 19°,3; na água do mar, 18°,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 25°; mínima, 18°,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 24°,3; mínima, 16°,6.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHA: Céu muito nublado, por vezes pouco nublado; vento fraco; condições favoráveis á formação de trovoadas.

Eng.º Canto Moniz

Parte hoje para o Brasil o sr. eng. Canto Monis, que, como membro da delegação portuguesa, tomará parte no XI Congresso Internacional de Estradas, que se efectua no Rio de Janeiro, no mês que vem. Entretanto, o sr. eng.º Canto Moniz visitará, além da capital federal, S. Paulo, onde foi convidado a proferir várias conferências.



Peniche engalanada

Toda a frota de Peniche

conduz a padroeira dos pescadores em imponente procissão pelo mar

ao largo do Cabo Carvoeiro

PENICHE, 29 — *(Pelo telefone)* — Esta heroica e laboriosa vila de bravos pescadores e valentes «lobos-do-mar» vibra de entusiasmo. São os grandes momentos, inolvidáveis para o forasteiro, pela sua espectacularidade inédita, cheia de pitoresco, de cor e luzido movimento, em que se celebram as tradicionais e afamadas festas da Senhora da Boa Viagem, padroeira dos destemidos e abnegados marítimos.

Peniche vive das rudes fainas no mar, e a gente do mar, quando chega esta altura do ano, nestes três dias de rubros entusiasmos, expande toda a sua alegria sã e ruidosa, com as peculiares manifestações de fé rude, sincera e simples, tocada de singela poesia, em louvores á Virgem, protectora e nos expansivos contentamentos que explodem nos folguedos populares com os desfiles tradicionais, os préstitos solenes, os bizarros e casquilhos arraiais esfuziantes de luz, transbordantes de animação, onde o povo dá largas ao seu regozijo, despreendido dos cuidados, das canseiras e dos temores na luta ingente com o mar que o alimenta e tantas alegrias como desgostos lhe dá.

O mar em festa

Nestes três dias, o mar entra também na festa, com todo o feitiço das suas seduções. Os molhes, os cais, o recinto da lota zumbidora na Ribeira, com o cheiro a sal e o tique da maresia, as ruelas ressumantes de salsugem que convergem para o porto e os carreiros através do casario apinhoado nos declives rochosos, tudo enfeitado

(Continua na 14.ª página)

A paz no Mundo

pela observância da lei

MIAMI BEACH (Flórida), 29 — O novo presidente da Associação Americana do Foro, dr. John D. Randall, anunciou a nomeação de uma comissão especial encarregada de preparar, para breve, uma conferência de advogados do Mundo inteiro» para «procurar a paz pela lei». — (F. P.).

Almoço em Seteais

oferecido à esposa do presidente Kubitchek

O ministro dos Negócios estrangeiros, dr. Marcello Matias, e sua esposa ofereceram hoje, no Hotel Seteais, um almoço á sr.ª Kubitchek de Oliveira, a que assitiram 40 convidados. Entre eles, os membros da comitiva da ilustre visitante, e os srs. drs. prof. Paulo Cunha, Marinho Alves, Malheiro Reimão, Braga de Oliveira, Franco Nogueira, general Luís de Pina, embaixador António Faria, todos acompanhados de suas esposas, e o embaixador Lafayette de Andrada.

O general Baptista

visitou Fátima

O general Fulgêncio Baptista, antigo Presidente da Republica de Cuba, que vai fixar residência no Funchal, deixou hoje, de manhã o Hotel Ritz, e, de automóvel, com sua esposa e filhos, visitou Fátima e várias localidades do percurso entre Lisboa e a Cova da Iria.

No Livro de Ouro da Rádio Voz de Fátima, o nosso hóspede escreveu: «Que N. S. de Fátima consiga do Senhor saude para a Familia, tranquilidade para a Pátria e paz para o Mundo».

O cartaz da Berlenga

de projecção internacional

atrai constantemente os turistas

(Do nosso enviado especial)

BERLENGA, AGOSTO — A ilha de sonho, com o deslumbrante cenário de maravilhas surpreendentes, as luminosas e coloridas grutas, a imponência da rude paisagem, onde nem uma palmeira esbraceja no imenso descampado, toda essa «beauté sauvage», no meio da fascinação do mar, que seduz e empolga os visitantes estrangeiros, acostumados aos grandes roteiros do turismo e sempre á busca de novas sensações, de motivos inéditos, a ilha da Berlenga tornou-se um fulgurante cartaz de ampla repercussão no estrangeiro.

Aqui afluem agora, diáriamente, turistas de toda a parte, em especial os Franceses, que são calorosos e entusiásticos na exaltação das belezas naturais da ilha que os alicia com os seus encantos e lhes oferece, também, a repousante e amável hospitalidade.

Foi aqui criado esse ambiente de envolvente simpatia, de acolhimento franco, á maneira tradicional portuguesa, na Pousada de São João Baptista, instalada na fortaleza do mesmo nome, hábilmente aproveitada, sem lhe bulirem na traça primitiva, nas sugestões características, dotando-a do conforto, sem luxos desnecessários, mas com as comodidades e os atractivos que o turista não dispensa. Torna mais convidativo esse am-

(Continua na 14.ª página)

SOCIEDADE NACIONAL DE PETRÓLEOS (SONAP)
COMPANHIA PORTUGUESA DOS PETRÓLEOS BP

COMUNICADO

As administrações da Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP) e da Companhia Portuguesa dos Petróleos BP, sabendo que a possibilidade de uma colaboração mais íntima entre as duas Sociedades foi pùblicamente conhecida e largamente comentada, informam, por este meio, os seus estimados clientes e amigos que dicidiram não prosseguir com as negociações por entenderem que as circunstâncias que actualmente afectam as suas actividades assim o aconselham.

É-lhes grato prestar público testemunho de recíproca consideração e afirmar que as amistosas relações entre as duas Empresas saem fortalecidas destas negociações que foram conduzidas com o maior respeito pelo que ambas entenderam ser o interesse do País e do Público.

Pela
SOCIEDADE NACIONAL
DE PETRÓLEOS (SONAP)
(a) **M. de Queiroz Pereira**
(a) **Manuel Boullosa**

Pela
COMPANHIA PORTUGUESA
DOS PETRÓLEOS BP
(a) **Alexandre Pinto Basto**
(a) **R. Wyatt**

Lisboa, 28 de Agosto de 1959

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços, compramos.
Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA *estomatites*
TRATA *doenças da bôca*

As adesões à campanha do «Diário de Lisboa»
para a segurança na estrada

As declarações do presidente
do Sindicato Nacional dos Motoristas

(Continuação da 1.ª página)

porativo. Enquanto nos dirigimos para o gabinete da direcção, o sr. Dario Gomes da Cunha chama a nossa atenção para os quadros, suspensos das paredes dos corredores e de todas as salas, com grandes fotografias de camiões — uns voltados, outros de encontro a árvores, outros, ainda, após terem embatido contra casas. São impressionantes aspectos de acidentes na estrada. Todas estas fotografias foram oferecidas pela Polícia de Viação e Transito e são da autoria do subchefe sr. Oliveira Nunes. Nas paredes vêem-se, ainda, alguns desenlo sono e daí resulta á maioria dos desastres de que são vitimas.

— Mas qual a causa de uma tal situação?

— Não descansarem as horas necessárias. Muitos deles só o conseguem fazer durante o tempo de carga ou descarga dos camiões ou camionetas. Temos, por várias vezes, pedido a intervenção da fiscalização, mas não temos sido ouvinhos coloridos apontando as causas de vários acidentes. O sr. Gomes da Cunha salienta a gravidade da legenda comum á maioria das fotografias e desenhos. Uma palavra apenas: Sono! Quer dizer, os motoristas dos camiões são vencidos pedos como devíamos. Além disso, há a falta de inspecção de direcções e travões de muitos carros ainda em rodagem. Tudo isto contribui para o grande numero de desastres verificados — diz-nos o ser Gomes da Cunha, apontando para uma fotografia que documenta um sinistro em que uma camioneta ficou tombada.

E prossegue:

— A maioria dos desastres, nestes casos, travões ou direcção avariados, deve-se ao receio que os motoristas têm de chamar a atenção dos patrões para o estado dos carros. Se o fizessem, arriscavam-se a ficar sem trabalho...

Profundamente surpreendidos, quisemos saber o que se poderá fazer para suprimir estas causas de acidentes. A resposta é pronta e quase lacónica:

— Tudo depende da boa compreensão de alguns patrões e de uma fiscalização policial rigorosa.

— Qual a sua opinião sobre a campanha de segurança na estrada promovida pelo «Diário de Lisboa»?

— E' com a maior simpatia que tenho lido e acompanhado a campanha do «Diário de Lisboa». Tanto assim que, na ultima reunião da direcção a que presido, referi-me a essa tão util e oportuna campanha, do maior interesse para os automobilistas e para os peões.

Necessidade de fiscalizar as vendas de automóveis usados

A conversa com o sr. Dario Gomes da Cunha toma novo rumo. Depois de nos declarar que os motoristas de «Táxis» raramente são responsáveis por acidentes importantes, diz-nos que o maior numero de sinistros é ocasionado por automóveis particulares. E explica:

— Os problemas, quando se pretende dar-lhes solução, têm de ser postos com a maior franqueza. Não tenho, evidentemente, o propósito de ofender ou maguar quem quer que seja. Mas a verdade deve dizer-se: Hoje, grande numero de pessoas tem um automóvel comprado em segunda mão, por meia duzia de contos. Julgam que compraram uma pechincha, mas esquecem-se de que as borrachas dos travões hidráulicos estão ressequidas ou gastas, e que a direcção funciona mal. Como o carro roda e o motor trabalha, não se lembram que uma reparação conveniente importaria em mais do dobro do que pagaram ao adquirir o automóvel. Vão com os carros nestas condições para a estrada, ou andam com eles na cidade, sem lhes terem mandado fazer a menor afinação!

Depois duma pausa, o nosso entrevistado precisa o seu pensamento:

— Todos os carros com mais de um determinado numero de anos de uso não deveriam poder vender-se sem primeiro serem submetidos a uma inspecção técnica que confirmasse o seu bom funcionamento.

— E andarão muitos carros a rodar sem suficientes condições de segurança?

— Estou convencido que sim. O perigo é ainda reforçado por serem estes carros, sem um mínimo de condições de segurança, os principais causadores do congestionamento nas estradas aos sábados e domingos. Os seus condutores criam frequentes situações de acidente. A Estrada Marginal, por exemplo, que deveria constituir uma fonte de prazer, é hoje em dia um suplício e um perigo constante. Existem, como sabe, duas faixas de rodagem em cada sentido. O que se observa? São constantemente ultrapassados os que vão em velocidades moderadas. Se estes seguissem sempre pela direita, na sua marcha, e deixassem a outra faixa de rodagem para os que vão mais depressa, não se davam ali tantos acidentes. Mas que vemos nós? Uns e outros, os que vão a pequena velocidade e os que têm pressa, avançam num constante zigueza-guear!

O nosso entrevistado refere outra causa de perturbação do transito:

— O maior inimigo do automobilista é, hoje, na estrada, o ciclista A cada passo se deparam ao automobilista, dois, três e quatro ciclistas lado a lado, o que é uma imprevidência e resulta muitas vezes em acidentes de que estes são vítimas Na cidade também se nota, por vezes, que os ciclistas saem de qualquer esquina, sem primeiro se assegurarem de o poder fazer sem perigo.

Deveriam criar-se prémios para os automobilistas sem acidentes

Regressamos a um assunto da maior importancia: a necessidade de uma rigorosa fiscalização das condições de segurança em que rodam os carros que se acumulam nas ruas das nossas cidades ou correm pelas nossas estradas. Perguntamos:

— Não deveria haver, também, uma inspecção sobre a forma como funcionam os táxis?

— Absolutamente. Há que obrigar os «táxis» a ficarem todas as semanas um dia nas oficinas, para afinação de travões e da direcção e para descanso do motorista. O que defendo em relação aos «táxis» deveria aplicar-se, também, aos outros automóveis, depois de rodados 400 ou 500 quilómetros. Por esta tese tem-se batido, em vão, a direcção do Sindicato dos Motoristas. Oxalá, mais uma vez o digo, que a oportuna iniciativa do «Diário de Lisboa» consiga alguma coisa de util para a regularização do transito!

— Sugira-nos algumas iniciativas que possam contribuir para aumentar a segurança na estrada, pedimos.

— As companhias de seguros podiam colaborar nessa simpática campanha estabelecendo prémios para os motoristas e automobilistas que tivessem um certo numero de anos de condução sem acidentes. A Camara Municipal, por sua vez, criando um grande parque onde as crianças aprendessem a conduzir pequenos automóveis de harmonia com as regras do transito. Parques idênticos poderiam ser criados nas escolas e nos liceus. Na atribuição dos prémios haveria que levar-se em conta o tempo de serviço do automobilista ou do motorista. Além das companhias de seguros é de esperar que colaborem nesta iniciativa as grandes empresas de viação, cooperativas de «táxis» e empresas distribuidoras de combustíveis.

Ao terminarmos a nossa entrevista com o sr. Dario Gomes dos Santos, queremos saber se julga oportuna e vantajosa a realização de uma Semana de Prudência na Estrada. Na resposta não há hesitações:

— Estou convencido de que tudo o que se possa fazer em defesa das regras do transito é proveitoso para os motoristas, automobilistas e peões e julgo que todos devem caprichar na sua colaboração a esta campanha do «Diário de Lisboa».

Ao longo da estrada marginal
intensificou-se hoje o serviço de vigilância
sendo autuados muitos automobilistas

Hoje, na estrada marginal, sobretudo de Algés até Cascais, tornou-se sensível o aumento da fiscalização, vendo-se de 400 cm 400 metros postos volantes das brigadas móveis da Polícia de Viação e Transito, com rádios portáteis e cronometristas, que assinalavam a passagem dos automóveis. Um destes postos comunicava assim com o cronometrista de outro posto, que estava atento, de cronómetro em punho. A' indicação de «passou», este ultimo carregava no marcador. Depois apontava num bloco o numero e caracteristicas do carro, ao mesmo tempo que os seus companheiros verificavam se o automóvel ou automóveis indicados haviam ultrapassado o máximo da velocidade indicada nas respectivas placas.

Não há duvida de que, durante a parte da manhã, tudo correu normalmente, com pequenas excepções relativas a excesso de velocidade. Todos os veículos, porém, seguiam pela sua mão. Nota-se da parte dos condutores mais prudência na condução e mais disciplina.

Nenhum dos transgressores interpelados reagiu desabridamente, tendo até muitos deles concordado com as observações e exprobrações que lhes foram feitas.

Uma senhora elegante

Em Caxias, defronte da praia, uma senhora nova, distinta e esbelta, que conduzia o seu carro levando a seu lado outra senhora, recebeu ordem de parar do subchefe do «contrôle». Obedeceu prontamente, com aprumo e serenidade. O subchefe perfila-se, faz a continência e, dirigindo-se á automobilista:

— V. Ex.ª, minha senhora, faz o obséquio de me mostrar os documentos do carro e a sua carta de condução.

A interpelada, sem a menor perturbação, tira da bolsa do carro os documentos e passa-os para a mão do subchefe. Este, com uma vénia, afasta-se um pouco, examina os papéis e, em seguida, passa o respectivo aviso, entregando-o juntamente com os documentos. A senhora, com a mesma elegancia, aceita-os, sem pronunciar uma unica palavra. O autuante volta a fazer-lhe a continência e diz:

— Pode V. Ex.ª, querendo, seguir.

E tudo se passou com esta limpeza e correcção. A gentil automobilista põe o motor do carro a trabalhar, carrega no acelerador e o automóvel desliza a caminho de Lisboa.

Estrangeiro autuado

Logo a seguir surge um carro conduzido por um automobilista de nacionalidade francesa, que o «contrôle» assinala como tendo excedido a velocidade máxima marcada para aquela zona. Os agentes de «contrôle» mandam-no parar. O automobilista mostra-se um pouco contrariado com esta pausa que é intimado a fazer. O agente delicadamente pede-lhe os documentos.

Ele entrega-os, mas sai do carro e não se mostra muito conformado com a intervenção do autuante. Quando o agente lhe observa que naquele local não se pode rodar a mais de 60 quilómetros á hora, ele fica deveras surpreendido e muito mais ainda quando lhe é entregue o aviso de transgressão.

Pretende reclamar junto do superior do agente. Este, porém, observa-lhe:

— O «contrôle» é feito pelo marcador. V. Ex.ª, na área de 400 metros que percorreu, excedeu os 60 quilómetros, vindo a 68,8. Pode, no entanto, reclamar, se assim o desejar, junto do sr. comandante. Eu nada lhe posso fazer. De resto, V. Ex.ª será o primeiro a concordar comigo...

— Ah! Posso reclamar junto do sr. comandante?!

— Pois pode! Ele resolverá depois o caso.

— Então está bem. Julgava que não podia reclamar. Bom dia!

O agente perfila-se e faz-lhe a continência.

Conta-quilómetros que se atrasa

Surge, uma hora depois, outro carro com excesso de velocidade que o «contrôle» assinala, mandando-o parar.

O automobilista fica deveras surpreendido com o caso e mostra um aviso que havia recebido noutra zona de «contrôle» pelo mesmo motivo. Declara que, depois de ter recebido aquele aviso, vinha rodando com a máxima atenção ao conta-quilómetros e com o cuidado habitual em não transgredir as regras do transito. O agente é o primeiro a reconhecer que o conta-quilómetros do veículo não deve funcionar bem e por esse motivo não lhe passa o aviso de excesso de velocidade em relação á que está marcada naquela zona. Este exemplo mostra bem como da parte da Polícia há, em vez, da caça á multa, com grande compreensão e tolerancia para com os automobilistas. A actuação da P. V. T. torna-se assim simpática e util, por ser mais preventiva do que repressiva, de acordo com as instruções do comandante da corporação, sr. major Malheiro Reimão. E' assim que a P. V. T. se impõe á consideração e respeito do publico.

E isso explica em grande parte a ausência de reacções hostis por parte dos automobilistas. Não são raros aqueles que, com um sorriso de lástima, confessam haver-se excedido ou que lhes passaram desapercebidos os sinais indicativos das velocidades máximas a que se pode rodar em vários troços e áfluentes da Avenida Marginal, o que também é admissível.

Uma passagem para peões mal situada

No Dafundo existe uma faixa de passagem para peões num local pouco aconselhável, visto estar quase ao meio duma curva. Embora aberta, essa curva torna-se perigosa não só para os peões, como até para os automobilistas apressados, que não fazem grande caso dessas passagens para peões. Estes por sua vez, no regresso das praias, atravessam a estrada quantas vezes sem a menor precaução. Outras inclusivamente caminham ao longo da estrada com absoluta inconsciência... E assim se dão lamentáveis e horriveis acidentes...

Pormenores do programa
da visita de Kruchtchev aos E. U.

WASHINGTON, 29. — No dia 16 de Setembro, Nikita Kruchtchev será o convidado da Imprensa internacional num almoço dado em sua honra pelo «National Press Club», momento em que pronunciará um discurso que, com o tempo que levará a tradução, deve durar cerca de 1 hora.

Depois desta alocução, o chefe do Governo soviético submeter-se-á, durante 45 minutos, a um «bombardeamento» de perguntas ácerca de todos os problemas internacionais em suspenso e das condições políticas, económicas e sociais na União Soviética.

Na Secretaria de Estado, dava-se ontem a entender que o programa pormenorizado da visita de 12 dias que Kruchtchev deve fazer aos Estados Unidos, será sem duvida publicado no começo da próxima semana. Este programa tem sido objecto, no decorrer destes ultimos oito dias, de várias conferências entre o embaixador da U. R. S. S. em Washington e Robert Murphy, subsecretário de Estado para os Assuntos Políticos.

O «leader» soviético será recebido, na terça-feira, 15 de Setembro, pelo presidente Eisenhower, que o esperará no aeródromo Friendship- perto de Baltimore (Maryland, Estado limítrofe do de Columbia, onde se encontra a capital federal).

Após dois dias em Washington, partirá para Nova York, depois para Los Angeles, San Francisco, Des Moines e Ames, no Estado de Iowa, e Pittsburgh, grande centro industrial dos Estados Unidos, actualmente paralisado pela greve da industria do aço desde 15 de Julho.

De Pittsburgh, Kruchtchev regressará a Washington em 24, partindo para Moscovo no dia 27, de manhã. — (F. P.).

Trocas comerciais
entre a Rússia e o Brasil

RIO DE JANEIRO, 29 — A Russia ofereceu ao Brasil trigo e produtos petrolíferos, em troca de 1.500.000 sacos de café, anunciou o Instituto Brasileiro do Café.

O Instituto declarou que a proposta está no Ministério das Finanças e nas mãos do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Afirma-se que o presidente recomendou o caso para «estudo urgente». — (A. N. I.).

O general
Beleza Ferraz
chegou a Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 29.—Chegou a Lourenço Marques no avião da T. A. P., o sr. general Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que se desloca a esta província em viagem de inspecção.

No aeroporto, era aguardado por um representante do governador-geral e altas individualidades civis e militares.

Dos membros da comitiva do sr. general Beleza Ferraz foi carinhosamente distinguido com manifestações de amizade o sr. comandante Ferreira de Almeida, figura muito conhecida nesta província, onde, além de governador do distrito de Moçambique, onde deixou uma obra ainda hoje recordada, desempenhou as funções de chefe de gabinete do antigo governador-geral comandante Gabriel Teixeira. — (L.).

Em ALCANENA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA

As viaturas da Mobil Oil e do «Diário de Lisboa», precedidas por um agente da P. V. T., percorrem a estrada marginal, distribuindo a miniatura do nosso jornal

A campanha do "Diário de Lisboa" para a segurança rodoviária

(Continuação da página central)

rá, estamos certos, escutado por todos os nossos leitores: «Não estrague as suas férias com um acidente».

Duas grandes empresas, devotadas ao serviço do publico por imperativo cívico e por legítimo interesse, uniram-se, assim, numa realização destinada a suster a marcha alarmantemente ascendente das nossas estatísticas de acidentes.

A entrega do suplemento do «Diário de Lisboa» à Mobil

A entrega do suplemento do nosso jornal á Mobil efectuou-se ao fim da manhã, na Estação de Serviço daquela empresa em Pedrouços. A Mobil estava representada pelos srs. Telmo Mouta Felgueiras, Vargas de Almeida e Fernando Garcia, directores do seu Serviço de Relações Publicas. Do «Diário de Lisboa» estavam presentes o sr. dr. Mário Neves, director-adjunto, e João Crisóstomo de Sá, director dos nossos Serviços Administrativos.

Um agente da P. V. T. regista uma transgressão

Em frente á Estação da Mobil em Pedrouços formaram quatro carros daquela empresa distribuidora de combustíveis. Sobre as carrosserias vermelhas, emblemas da Mobil e dísticos com o nome do nosso jornal.

Após a entrega simbólica, pelo sr. dr. Mário Neves, do nosso suplemento ao sr. Telmo Mouta Felgueiras a caravana-automóvel pôs-se em marcha pela Avenida Marginal. A primeira paragem foi no parque de estacionamento em Paço de Arcos. Apesar do nevoeiro intenso, aquela praia registava razoável movimento, principalmente de pescadores-amadores. Mal a caravana, precedida por um batedor-motociclista da P. V. T., se deteve, rapazes da Casa do Gaiato do Tojal correram, alegres e compenetrados da sua missão, a fazer uma larga distribuição do nosso suplemento. Todos os automobilistas se mostraram vivamente interessados, dirigindo aos representantes da Mobil e do «Diário de Lisboa» palavras de caloroso aplauso e estímulo.

Também ao princípio da tarde, iniciou-se nas Estações de Serviço da Mobil em Alcantara-Mar, Alcantara-Terra, Pedrouços, Paço de Arcos, Oeiras, Estoril-Tamariz, Estoril-Arcadia e Cascais uma grande distribuição de suplementos do nosso jornal a alguns milhares de automobilistas. Sem uma excepção, foram excelentes as suas reacções ao nosso suplemento, tudo levando a crer que será escutado por muitos o apelo á sua disciplina, prudência e cortesia.

O primeiro automobilista a receber o suplemento do «Diário de Lisboa», editado mercê da colaboração da Mobil, foi o sr. Nuno Castro Pereira, residente na Avenida do Restelo. Ia para a praia e parou com o seu automóvel na Estação de Serviço da Mobil em Pedrouços, a fim de meter gasolina. As pessoas que o acompanhavam também nos expressaram o seu aplauso a uma iniciativa digna, aliás, do apoio de todos os automobilistas conscientes das suas responsabilidades.

Em todos os parques de estacionamento de Caxias a Cascais, efectuou-se durante todo o dia, e continuará amanhã, a distribuição dos nossos prospectos sobre a necessidade de serem observadas as regras do transito. Na distribuição colaboraram amàvelmente os respectivos guardas.

Também os agentes da P. V. T. em serviço de fiscalização na Estrada Marginal colaboraram, por determinação do sr. major Malheiro Reimão, comandante daquela corporação, na distribuição do suplemento editado pelo nosso jornal e pela Mobil.

Amanhã, entre Lisboa e Cascais, prosseguirá com cinco carros da Mobil, a distribuição de prospectos apelando para o cumprimento das regras de transito.

POLICLINICA
CAMPO D'OURIQUE
Rua Francisco Metrass. 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64
Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. H. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

AUTO-LITE
TIPOS ESPECIAIS PARA TODOS OS MOTORES DE VÁLVULAS À CABEÇA
★
A MÁXIMA ECONOMIA DE FUNCIONAMENTO
★
REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

Temas da história nacional

(Continuação da 6.ª página)

propósito que aqui me trouxe, necessito de expor, eu, esse argumento, recortando da minha dita comunicação os tópicos adequados e adicionando-lhes os esclarecimentos ainda indispensáveis.

Tendo o chamado **plano das Indias**, sido objecto de controvérsias, concluira Duarte Leite em 1930 contra Bensaude, que, embora não fosse impossivel, se considerava como certo que a visão henriquina da India só sobreviera ao Infante na ultima fase da sua vida. E E. Prestage em 1934, dava igualmente por muito verosímil que de começo D. Henrique apenas procurasse o Preste João, abissínio, mas depois o seu plano se alargasse.

Ora, lendo o Livro de Marco Polo. e recordando-me da frase do Infante, em 1442, em resposta a Antão Gonçalves indo á Africa, (no cap. XVI da **Crónica da Guiné**, de Zurara) que «não somente daquela terra desejava de haver conhecimento, mas ainda das Indias e **da terra do Preste João,** se se pudesse», chegara eu á interpretação desta frase, no sentido de ele desejar conhecer as Indias todas, inclusive pois a verdadeira, a gangética, a **maior,** e a terra do Preste João, **para lá das Indias,** sem confusão possível com a Etiópia-Abissínia, — uma terra da Asia e não da Africa.

Ora, por Marco Polo o Infante **menor,** distinguia Marco Paulo uma terceira India **a mediana**, com o nome especial de **Abassia** «grande província, esta, dividida em sete reinos, com três reis cristãos e três maometanos, e um rei que é senhor de todos», cristão.

Ora, por Marco Paulo o Infante ficara a saber já desde 1428 o que era a Abissinia-Etiópia, e que o seu rei dos reis não era o Preste João. A vinda em seguida de emissários e peregrinos abexins á Península poderia, quando muito, ter lançado alguma perplexidade no seu espírito quanto á persistência do Preste João em terra asiática oriental. Desde 1452 em que alguns estiveram em sua casa em Lisboa, toda a duvida se teria por certo dissipado já. Mas em 1442, se ele já tinha notícias positivas a respeito da **terra** do Preste João como sendo a Abissínia, — então como se compreende que as solicitasse de Antão Gonçalves?

Por outras palavras: desde 1428 o Infante ficara a saber por Marco Polo, que o Preste João era um personagem distinto do **reis dos reis** da Abissínia: — personagem asiático, da linhagem do qual era o rei cristão Jorge que ali reinava quando ele, Marco Polo, lá passara.

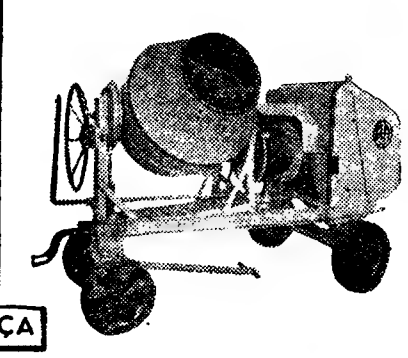
Era pois este personagem asiático o Preste João de cujo **reino** (não **dele** o Infante desejava ter conhecimento.

No Plano do Infante, estava pois desde 1428, o conhecer as **Indias todas** e o **reino** deste Preste João, para além delas possivelmente.

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Na HAVANEZA DE ALMADA, em Almada. Av. Afonso Henriques. 9 vende-se o «DIARIO DE LISBOA»

BETONEIRAS
SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L.s
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO
A MARCA DE CONFIANÇA



30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE
AA LISBOA
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO OURO, 30 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

O incêndio
a bordo do «Luanda»

O incêndio que ocorreu a bordo do navio-motor «Luanda» da Companhia Colonial de Navegação não deve influir na sua saída para a próxima viagem, pois os estragos afectaram essencialmente a carga.

E' curioso salientar que mais uma vez o serviço de vigilancia montado a bordo por pessoal dos bombeiros revelou a sua eficiência, pois foram eles que primeiro deram pelo sinistro.

O rebocador «Monsanto», também da Colonial, prestou constante assistência, do lado do mar, ao trabalho dos bombeiros, ao mesmo tempo que no cais o inspector da Companhia sr. comandante Julio Ramos, acompanhado pelos seus subordinados dava igualmente, a sua colaboração ao pessoal empenhado no ataque ao fogo.

Apesar de se haver afirmado que a razão da combustão espontanea do algodão e do sisal poderia ser a circunstancia de ter sido colocada carga junto da antepara da casa das máquinas, esta hipótese não é de aceitar, porquanto o «Luanda» é um navio accionado a motor.

O X CONGRESSO
da Federação Astronautica
Internacional

LONDRES, 29. — O X Congresso da Federação Astronáutica Internacional, cuja organização foi confiada á Sociedade Britanica Interplanetária, reunir-se-á em Church House, de 30 de Agosto a 5 de Setembro. Este encontro de peritos. que representa mais de 30 países. e entre os quais figura mais de um cientista de reputação mundial, constituirá, sem duvida, o mais importante acontecimento do ano para o mundo da astronáutica.

A participação dos Russos manteve-se incerta durante muito tempo mas a Academia das Ciências da U. R. S. S. acaba de anunciar que se fará representar por uma delegação.

A abundancia das comunicações e relatórios científicos — perto de 100 — que serão apresentados ao congresso, levou os organizadores, a fim de facilitar os trabalhos, a criar seis secções diferentes — (F. P.).

A CONSTRUÇÃO
do satélite
emissor de rádio

WASHINGTON, 29 — O departamento da Defesa anuncia que assinou um contrato com vista á construção de um satélite especial destinado ás comunicações de Rádio em escala mundial.

O projecto, que constituirá uma revolução em matéria de comunicações militares terá o nome de «Notus» e inspira-se nos métodos que permitiram o ano passado transmitir ao Mundo a mensagem do presidente Eisenhower por intermédio de um satélite artificial da Terra.— (F. P.).

VAI PARA FÉRIAS?
Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes. o
Diário de Lisboa
assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de
Assinaturas de Verão
que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.
10 dias ... ... 10$00
20 dias ... ... 20$00
30 dias ... ... 30$00

Festas e romarias

Começaram hoje em Sintra as grandes festas em honra de Nossa Senhora do Cabo

SINTRA, 29. — (Pelo telefone).— Começaram hoje, com grande brilhantismo e extraordinária animação, as festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, organizadas por uma comissão a que preside o sr. Eduardo Frutuoso Gaio, vice-provedor da Misericórdia, de que é juiz de honra o visconde de Asseca, presidente da Comissão Municipal de Turismo, e juiz efectivo o sr. Carlos Manuel Marques de Sousa Beirão da Veiga, como seu falecido avô, sr. Marques de Sousa o foi por ocasião das festividades de há 26 anos.

Ás 8 horas, uma salva de 21 tiros anunciou o inicio dos festejos.

Ás 9 horas, foi celebrada missa, na capela de Nossa Senhora de Lourdes, da família Pinto Basto Figueira da Camara, a que assistiram, além das entidades referidas, o professor Joaquim Fontes, presidente da Camara Municipal, os vereadores, os membros do Conselho Municipal, o capitão Américo dos Santos, provedor da Misericórdia, os mesários daquela instituição e as pessoas mais em destaque nesta vila.

Ao meio-dia, perante as autoridades, os juizes de honra e efectivo, a comissão das festas, escuteiros, bombeiros das várias corporações do concelho, a banda de musica «Os Aliados», de S. Pedro de Sintra e muito povo, foi içada, solenemente, no Largo Afonso de Albuquerque, a bandeira azul e ouro do concelho, que ali flutuará até 13 de Setembro, ultimo dia dos festejos.

Em seguida, todas aquelas entidades partiram para Rio de Mouro, onde receberam, com o padre Abílio Lourenço, pároco de Santa Maria de Sintra, a veneranda imagem.

Entretanto, nos bairros de S. Pedro, da Estefania e da Vila Velha, nas ruas do trajecto da procissão, profusamente engalanadas, com mastros coloridos, galhardetes, milhares de lampadas, colchas e colgaduras nas varandas, começou o concurso de janelas, portas e montras floridas e ornamentadas, dotado de cerca de uma centena de prémios oferecidos pelo Secretariado Nacional da Informação e pela Camara Municipal — que patrocinam as festas —, pela comissão dos festejos e pelo Grémio do Comércio.

Ás 15 horas, no parque do Bairro das Flores, junto ao antigo Casino, com a presença de diversas entidades oficiais, entre as quais o dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, e o professor Joaquim Fontes, presidente do Município, procedeu-se á inauguração de uma interessante e notável Exposição das Actividades Industriais do Concelho e do «Casal Saloio», valiosa reprodução rigorosa de uma unidade familiar característica, em parte da qual, durante as festas, funcionará um restaurante típico e haverá exibições de danças e musicas regionais, bem como várias barracas que constituem uma Exposição Etnográfica de Usos e Costumes Locais.

A banda de musica de Montelavar iniciou um concerto que se prolongará até á chegada, á Estefania, do tradicional círio que, desde a igreja de Rio de Mouro, acompanhará a imagem, transportada na sua berlinda.

Em frente ao edifício do antigo Casino, o círio terá uma paragem, sendo a imagem retirada da berlinda e colocada num altar erguido na esplanada, onde será recebida pelo clero, pelo juiz de honra e pelas autoridades, proferindo uma saudação o padre Luís Martins Aparício e entoando canticos o Grupo Polifónico Santa Cecilia.

Depois, a imagem será conduzida para a igreja de Santa Maria, seguindo procissionalmente desde a fonte da Sabuga.

Das 21 horas até á 1, haverá: no Bairro da Estefania, feéricas iluminações, com lampadas, projectores e armaduras, organizadas por Souto Filho, do Porto, «o mago da luz»; no Bairro das Flores, iluminação decorativa, fonte luminosa, arraial, com barracas de atracções, concerto pelas bandas de musica de Montelavar e dos Bombeiros Voluntários de Colares e as exposições das actividades industriais e etnográfica; e no «Casal Saloio», exibição de um rancho folclórico. Será queimado fogo de artifício.

O programa de amanhã, inclui: alvorada; missas; uma prova ciclista; exposição de flores e plantas ornamentais, no antigo Casino; concertos; recepção ao representante do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, ás 18 horas; procissão, com a imagem, ás 18 e 30; apresentação do rancho «Tá-Mar», da Nazaré, ás 19: e á noite, nova exibição do mesmo rancho e as mesmas atracções de hoje.

Em Paço de Arcos

PAÇO DE ARCOS, 29. (Pelo telefone). — São aguardados com muito interesse os tradicionais festejos em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, estando engalanadas todas as ruas e praças. A sua inauguração oficial será feita hoje, ás 22 horas, com a assistência do engenheiro-agrónomo Álvaro Roquete, presidente da Camara Municipal de Oeiras, dos vereadores e de muitas outras entidades, oficiais e particulares.

As festas prolongam-se até 6 do corrente, sendo o programa de amanhã o seguinte: ás 12 horas, missa campal; ás 16, provas náuticas e concerto no Jardim Publico; e ás 17 e 30, procissão.

Em Lamego

LAMEGO, 29. — (Pelo telefone). — Prosseguem, com grande animação e enorme concorrência de forasteiros, as tradicionais festas de Nossa Senhora dos Remédios. Hoje, efectuou-se um concurso de montras, artístico certame com o qual o comércio da cidade se associou aos festejos.

A feira está concorridíssima.

Amanhã, ás 7 horas, começarão, no Santuário, as novenas preparatórias liturgicas de Nossa Senhora dos Remédios; de tarde, haverá um desafio de futebol entre as equipas da Académica, de Coimbra e do Sporting Clube de Lamego; e á noite um festival, com a colaboração de elementos do clube coimbrão.

Esteve nesta cidade o chefe do Estado-Maior da 1.ª Divisão, que veio tratar da organização da parada militar do dia 6 de Setembro, para comemorar o 120.º aniversário da existência, em Lamego, do Regimento de Infantaria n.º 9. Nela tomarão parte os Regimentos de Infantaria n.ºs 6, 9 e 13, e de Artilharia 5, esperando-se que também participem uma delegação da Marinha e outra da Aeronáutica e de Pára-quedistas e que assista o general Julio Botelho Moniz, ministro da Defesa Nacional, que já foi convidado por uma delegação ida especialmente a Lisboa para esse fim.

Em Monção

MONÇÃO, 29. — (Pelo telefone). — Continuaram hoje as festas á Virgem Nossa Senhora das Dores Houve morteiros, tocando nas ruas a banda popular de Riba de Mouro, o «Quinteto Los Alegres» e gaiteiros, repique de sinos, concertos por aqueles conjuntos musicais e pelas bandas Revelhe, de Fafe e do Centro Artístico do Pejão. Á noite, haverá arraial, concertos e fogo de artifício, do ar e preso.

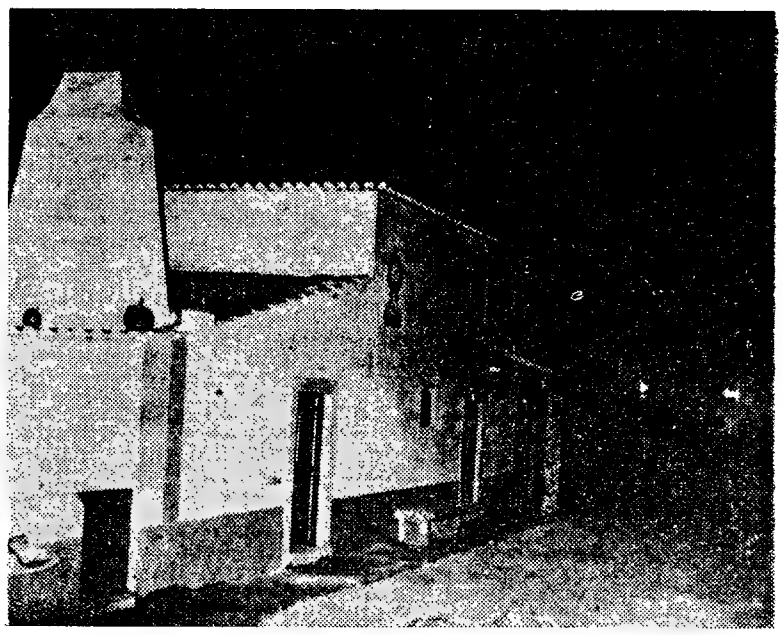
As festas continuam amanhã, com cerimónias religiosas, desfile e exibição de ranchos folclóricos minhotos e galaicos, procissão e fogo de artifício.

Outras festas de hoje

Houve também hoje festas e romarias em: Vila Viçosa, Vizela, Chamusca da Beira, Lavre, S. Miguel da Acha (Idanha-a-Nova), Venda do Pinheiro, Maçãs de Dona Maria, Vale da Pinta, Praia da Aguda, Carviçais, Santa Comba de Vilariça, Galafura, Sines, Alcorochel, Albufeira, Mira de Aire, Lavre, Mogadouro e Santo Aleixo da Restauração.

Festas de ámanhã

Além das que, acima referimos, há amanhã as seguintes festas: Da Mata, no Asilo de Santo António do Estoril, com quermesses, atracções, serviço de chá, jantar, musica, arraial e iluminações; a feira de Grandola, com arraial e exposição de gados e de produtos agrícolas, industriais e artísticos, entre os quais se destacam os tractores; do Senhor Jesus dos Esquecidos, em S. Miguel de Machede (Évora), com cerimónias religiosas e tourada á vara larga; e no Freixo (Redondo), de homenagem a Nossa Senhora da Assunção, incluindo uma gincana de bicicletas.



Um aspecto do casal saloio que será hoje inaugurado em Sintra

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

internacionais, são as grandes atracções desta revista.

Primeiras exibições

«Quando o vento sopra...», no Eden

O alemão Curd Jurgens e a francesa Myléne Demongeot encontram-se no filme de Ciampi «Quando o vento sopra ..», que é a narrativa de uma paixão violenta funesta. Myléne Demongeot mantém-se em papeis inquietantes, série iniciada com a personagem Abigail do filme de Miller-Sartre-Rouleau. E' verdadeiramente espantosa a figura da jovem de «Quando o vento sopra...» — Sensual, felina, misteriosa, trocista, Myléne Demongeot cria um papel que não é de forma alguma, apagado pela correcta e inteligente interpretação de Curd Jurgens, actor internacional.

A paixão que une estas duas personagens tem algo de diabólica e feroz e uma grandeza de violência. História actual e de sempre, «Quando o vento sopra...» é um filme profundo e autêntico, desvendando os segredos mais reconditos de dois seres humanos. Num estilo denso, de alta intensidade dramática e do mais arrojado realismo. Ciampi realizou este filme que apaixonou o publico do Eden.

Bons documentários. — *Visor 60.*

«O grande golpe», no Condes

Ainda que sob o cuidadoso esclarecimento de que qualquer coincidência entre o tema escolhido e a realidade é puramente furtuita, o cinema continua a aproveitar-se de factos e acontecimentos da realidade como temas para as suas histórias.

Agora foi o célebre roubo das joias da Begum, um dos mais audaciosos golpes da história do crime, que mereceu a sinematização. Realizado por Henri Decoin, «O grande golpe», é um filme policial intenso, cheio de passagens excelentes e inéditas.

Acrescentando-se á sólida realização de Decoin, a interpretação de Peter Van Eyck, Anouk Aimée, François Perier e Eleanora Rossi Brago, dão ao filme esse tom de realidade que, apesar de tudo, se quer esconder. Complementos fracos. — *Visor 32.*

«O morto voltou», no Avís

«O morto voltou», estreado, ontem, no Avis, é um «western» que vai surpreender muito gente pela ausência do habitual tiroteio de ressonancia estereofónica e das numerosas mortes de homens e de cavalos em estafados primeiros planos de cinemascópio. Também não há diligências e apenas se fala de um indio. A acção decorre em volta de um poço de petróleo, cuja propriedade é contestada por um desconhecido, que chega á aldeola de Anborville. As surpresas sucedem-se e tudo concorre para um ambiente de tensão e expectativa, só desanuviado no final.

Excelente realização de Richard Partlet. — *Visor 27.*

No Odeon

Um filme com Pedro Infante

O filme «Pepe, o bravo» veio confirmar a popularidade de que desfruta entre nós o saudoso Pedro Infante, pois este filme mantém-se no cartaz em 2.ª semana, no Odeon.

Se é certo que o filme tem seguras condições de agrado, não é menos certo que os melhoramentos no sistema de ventilação e a maior comodidade nos lugares de plateia, têm contribuido para atrair o publico áquele cinema.

Cineclubismo

«O Medo», de Rosselíini, no Jardim Cinema

Depois de amanhã, ás 18 e 30, realiza-se, no Jardim Cinema, uma sessão do Cine-Clube «Imagem», em que será exibido o filme «O Medo», de Roberto Rossellini, interpretado por Ingrid Bergman. O argumento baseia-se numa novela de Stefan Zweig.

ROTARY CLUBE

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, o sr. António Romaguera Guedes fará uma palestra, intitulada «Chefes de ontem e de amanhã».

Um aspecto do casal saloio que será hoje inaugurado em Sintra

Todos aqueles que transpiram muito aqui...

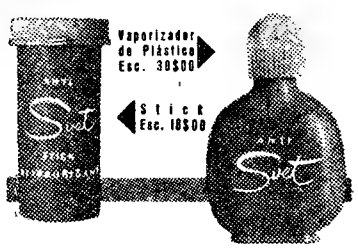
... desagradam a quem está próximo, dando uma impressão de negligência.

O Anti-Svet trata — Se as axilas estiverem secas, o cheiro da transpiração desaparece. O Anti-Svet pode utilizar-se sem qualquer receio. É um produto que foi preparado por médicos especialistas e aprovado nas clínicas dermatológicas. Anti-Svet é absolutamente inofensivo.

Utilização — Com uma ligeira pressão sobre o frasco de plástico, vaporiza-se um pouco de Anti-Svet debaixo dos braços. A sua acção persiste durante vários dias.

Leiam atentamente o modo de emprego que está junto de cada frasco.

Empregando o Stick Anti-Svet um simples traço, é suficiente par obter o melhor resultado.



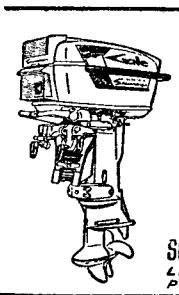
A B TESTE CIENTÍFICO

O Anti-Svet foi objecto duma série de experiências científicas: a sua acção para impedir o excesso de transpiração (A), aemonstra-se pela comparação com uma superfície de pele não tratada (B).

ACABA COM A TRANSPIRAÇÃO DE CHEIRO DESAGRADÁVEL!

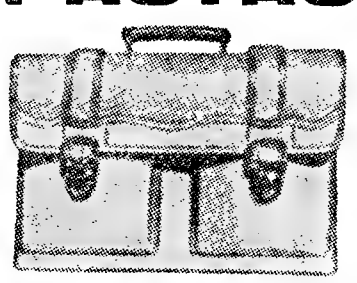
TINTAS S. JOÃO—OVAR

ORLANDO FERNANDES, depositário das TINTAS S. JOÃO — OVAR para o Sul do País, comunica que os Escritórios e Armazém desta sua secção passam a funcionar a partir de 1 de Setembro na RUA MARIA, 49-A (aos Anjos), com o telef. n.º 848546, onde continua às ordens dos seus estimados Clientes.



Gale
Buccaneer
MOTORES DE OUTBOARD
DE 3-5-12-25-35 HP.
ARRANQUE MANUAL E ELÉCTRICO
Distribuidores Exclus.
SOCIEDADE FRAMAR LIMITADA
LISBOA - RUA DE S. PAULO, 32 - T. 26034
PORTO - RUA DO BREYNER, 72 - T. 30812

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A Comprido—R. Madalena, 97

DESPORTOS

OS PRIMEIROS JOGOS DE FUTEBOL

As festas de Vasques e Arsénio

movimentam os grupos do Belenenses, Sporting e Benfica

Manuel Vasques, o ultimo «violino», vai ter amanhã, a sua consagração. Um grupo de admiradores do grande futebolista organiza no Estádio José Alvalade, uma homenagem, que, decerto, corresponderá, inteiramente, á sua brilhante carreira, quer no «xadrez» do Sporting, quer ainda no «team» nacional.

O programa consta de dois encontros — Atlético-Oriental, para disputa das taças «Dr. Jorge de Melo» para o vencedor e «Carlos Farinha» para o vencido; e Sporting-Belenenses, para disputa das taças «Dr Ribeiro Ferreira» e «Prof. Adelino Palma Carlos», respectivamente para o vencedor e para o vencido.

Ambos os encontros têm grande interesse. Todavia, o que coloca frente a frente «leões» e «azuis» reveste-se de extraordinária expectativa, já que o Belenenses tem, presentemente, como seu orientador, o mais discutido técnico de todos os tempos, em Portugal — Otto Glória. Na realidade, como surgirá a jogar a equipa da Cruz de Cristo, comandada pelo treinador brasileiro? Terá este transplantado para o seu actual «team» o sistema imposto, por si, ao quadro benfiquista? É, realmente, um atractivo que o desafio Belenenses-Sporting reveste.

Por seu turno, a partida Atlético-Oriental também merece uma referência especial. Os Alcantarenses têm-se preparado intensamente para regressarem á divisão de honra, enquanto os Marvilenses necessitam de aquilatar bem as suas possibilidades, pois vai sendo tempo de saírem da divisão secundária.

Manuel Vasques, quando interrogado pelos jornalistas sobre se a festa é de despedida ou de homenagem, respondeu:

— Ainda não resolvi. Só depois da festa se verá isso. A ultima palavra pertence ao Sporting.

«Já iniciei a minha preparação e encontro-me em boas condições. Sinto-me apto para jogar, pois, com 32 anos, não me considero velho No Campeonato do Mundo os interiores suecos tinham 35 e 38 anos. A idade não interessa. Interessa, sim, se o jogador está em condições de jogar e render o que sabe».

Sem duvida. Manuel Vasques, com 32 anos, não é um «velho». Logo, fazemos votos por que a festa de amanhã seja apenas de homenagem.

O Benfica no Barreiro

Arsénio, o «homem da grande área» também vai ser alvo de merecida homenagem, amanhã.

O festival realizar-se-á no Estádio de Santa Bárbara, com um programa aliciante, pois o Benfica estará presente, para defrontar a C. U. F., clube ao qual Arsénio tem dado a sua excelente colaboração desde que deixou de envergar a camisola benfiquista.

O «onze» lisboeta formará, inicialmente, com o quinteto avançado que conquistou a Taça Latina, em 1950, e do qual Arsénio fez parte.

Por este motivo e ainda pela extraordinária popularidade que o excelente «internacional» barreirense desfruta não só no meio onde vive, como ainda entre os milhares de adeptos do Benfica, é de admitir, perfeitamente, que o Estádio de Santa Bárbara registe, amanhã, a sua primeira enchente da época.

TIRO AOS POMBOS

Duas vitórias de José Infante da Camara (filho), em S. Sebastian

S. SEBASTIAN, 29 — No torneio de tiro aos pombos de S. Sebastian, realizado anteontem, José Infante da Camara (Filho) ganhou o 2.º prémio do «Grande Torneio» de S. Sebastian.

Ontem ganhou a Taça de Oiro do mesmo certame. — (E.).

HOJE, À NOITE

ANIVERSARIOS — Encerramento das festas do 40.º aniversário do Clube Nacional de Natação, nas instalações do clube, em S. Bento, com a realização do jantar comemorativo.

ATLETISMO — Na pista do Estádio do Restelo, a partir das 21 e 30 horas, provas da 1.ª jornada do torneio da Taça «Dr. Fernando Amado».

HANDEBOL DE 7 — Campeonato nacional, em C. Ourique, a partir das 21 e 30 h. Almada-Salgueiros e Benfica-Porto.

Campeonato regional de juniores: em C. Ourique, ás 20.30 h., na Madre de Deus, a partir das 21 h.: Sporting-C. Ourique e M. Pedral-Oriental.

EM TURIM

OS «MUNDIAIS» Universitários

em franca actividade

TURIM, 29. — A Itália ganhou já cinco títulos de natação, entre os sete que estão em disputa.

Outra nota curiosa do torneio foi o facto de ter sido o nadador russo Igor Luzkovsky o primeiro concorrente a vencer duas provas.

Luzkovsky venceu hoje os 400 metros livres, com 4 minutos, 43 segundos e 8 décimos, e, ontem, os 100 metros livres.

Os nadadores italianos conquistaram ontem os primeiros lugares em 100 metros costas, homens e senhoras, e em 100 metros livres senhoras.

Entretanto, a falta de algumas equipas encurtou os torneios de basquetebol e de voleibol, marcados para ontem.

A equipa coreana de basquetebol faltou á chamada para o seu encontro com o Brasil; os libaneses do voleibol não compareceram ao encontro que deveriam disputar, também contra o Brasil. Assim os brasileiros, obtiveram duas passagens á segunda fase, sem luta.

A Espanha comunicou a impossibilidade da comparência da sua equipa de polo aquático, em virtude de muitos dos seus componentes não terem terminado os exames que estão a fazer. Por este facto, a Jugoslávia passou também á segunda fase sem ter tido adversário.

Nos jogos de basquetebol disputados, a Hungria bateu a Holanda por 66-38; a Checoslováquia venceu o Irão por 92-53; a Bulgária venceu o Líbano por 80-57; e a Itália derrotou a Alemanha por 61-35.

Embora falte ainda disputar as provas de esgrima, marcadas para hoje á noite, as medalhas estão assim distribuidas, depois de dois dias de provas: Itália, 5 de ouro e 2 de bronze; Russia, 2 de ouro e 2 de prata; Inglaterra, 2 de prata; Alemanha, 1 de prata e 2 de bronze; Checoslováquia, 1 de prata e 1 de bronze; Polónia, 1 de prata; Jugoslávia e Holanda, 1 de bronze cada um.

O hungaro Kamuti bateu o francês Barabino por 5-4 na «barrage», ganhando o torneio individual de florete-homens.

Em polo aquático, a Itália bateu a Irlanda, por 20-0, com 9-0 ao intervalo.

Em basquetebol, a Polónia bateu a Espanha, por 61-53, com 26-18 ao fim do primeiro tempo.—(A. N. I)

Os «Mundiais» de 1961 em Beirute

TURIM, 29. — Diz-se com insistência nos círculos desportivos que os Jogos Mundiais Universitários de 1961 serão organizados pelo Líbano, em Beirute.

Essa hipótese baseia-se no facto de ter aquele país oferecido a permanência gratuita a 4.000 concorrentes durante a execução das provas, no caso de lhe ser atribuida a organização do torneio.

A resposta definitiva só será dada no dia 7 de Setembro, mas crê-se que ela será favorável ao Líbano. — (A. N. I.).

A abrir, o Montijo defrontará o Almada para a disputa das taças «Dr. Jorge de Melo» e «Vozes de Portugal».

No desafio principal, foram instituídas as taças «Eng. Andrade e Sousa» e «Companhia de Seguros Império».

O Covilhã prepara-se para a próxima época

COVILHÃ, 29.—No estádio municipal realizou-se um treino da primeira categoria e reserva do S. C. da Covilhã. No treino que se efectuou sob a orientação de Janos Zorgo, já tomou parte o brasileiro Sidney Darós, contratado por duas épocas.

Rita e Garcia (guarda-redes), Lourenço, Couceiro, Helder e Cavém (defesas), Gabriel, Ilo Caldas, Martin, Pires, Amilcar, Coureles, Martinho e Picareta, encontram-se em forma apurada. Suarez, devido a doença não tomou parte no treino.

Conversando com Sidney, dissenos ele: «Sou natural de Pernambuco, tenho 27 anos, peso 72 quilos, e meço 1,78 de altura. Vim para Portugal acompanhado de minha mulher e filho. Creia que me sinto satisfeito em ter vindo, nomeadamente para a região serrana, onde espero aclimatar-me ao frio.

O meu lugar preferido é o de defesa central, e tendo nele alinhado cumpriu.

— Quais os melhores jogadores brasileiros?

— Didi, Pelé e Mauro.

— Espero contribuir com o meu esforço para o Covilhã não baixar de Divisão».

INAUGURAÇÃO

de um campo na Meia Via

TORRES NOVAS, 29. — Na vizinha localidade de Meia Via é amanhã inaugurado o campo de jogos «Eng.º Vaz Monteiro». Para comemorar o acontecimento foi elaborado o seguinte programa: ás 11 h., missa solene no campo de futebol; ás 15,30 h., bênção do campo; ás 16 h., encontro de futebol entre os «Tigres de Riachos» e o Operário Meiaviense; ás 18 h. jogos de futebol entre os «Onze Amigos dos Ferroviários» e os «Onze Amigos do Torres Novas».

TAUROMAQUIA

Festival da Imprensa

Abre depois de amanhã a bilheteira dos Restauradores (edifício do Avenida Palace) para o grandioso Festival da Imprensa, marcado para a noite de 3 de Setembro, no Campo Pequeno, em que serão lidados sete novilhos-touros dos Irmãos Oliveira, de Samora Correia, pelos cavaleiros João Branco Nuncio e dr. Fernando Salgueiro e pelo amador José Baraona Nuncio, com o Grupo de Forcados Amadores de Montemor, capitaneado por Joaquim José Capoulas, e pelos «diestros» Pepe Luís Vásquez, Manolo González, Francisco Mendes e José Trincheira, com os seus catorze peões de quadrilhas.

Os preços, dada a categoria da corrida, são muito baixos: sombra, desde 80$00; sombra-sol desde 70$00; sol, desde 55$00; e galerias, desde 25$00.

Trata-se, sem duvida, da mais sensacional das organizações da série dos famosos festivais promovidos pela Casa da Imprensa.

PROVAS DE VELA

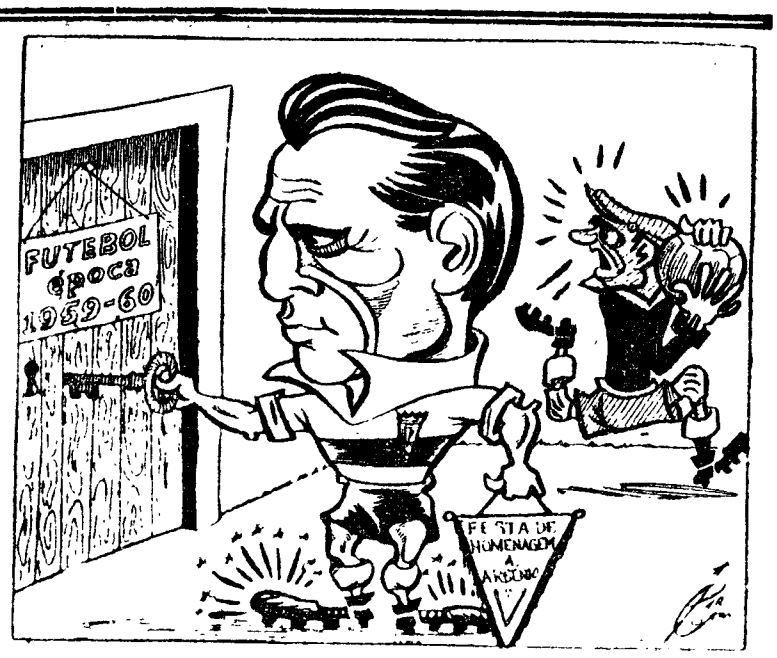
Campeonatos europeus

SAINT-MORITZ, 29. — Disputaram-se hoje as 3.ª e 4.ª «mãos» dos Campeonatos da Europa de Iate, classe de «finn».

Na 3.ª «mão», classificou-se em 1.º «Errol-Finn», pilotado pelo francês Pinaud, com 945 pontos. O «Algarvio», pelo português Oliveira, ficou em n.º 16, com 109 pontos.

Na 4.ª «mão»: 1.º, «Zomerwulde», pilotado pelo holandês H. J. De Jong, com 945 pontos. O «Algarvio» ficou em 14.º, com 175 pontos.

A Holanda continua á frente da classificação geral, com 3.590 pontos. — (F. P.).



Arsénio o «terror dos guarda-redes» vai abrir o espectáculo!...

HÓQUEI EM PATINS

Vitória excelente do F. Benfica

sobre os campeões nacionais

A partida marcada para Campo de Ourique entre o «cinco» local e a Associação de Oeiras surgia no calendário como sendo a que podia proporcionar despique mais equilibrado.

Todavia, concluidos os resultados dos três outros desafios, realizados ontem á noite, verifica-se que o jogo de maior emoção decorreu no rinque «Fernando Adrião» aonde os campeões nacionais foram perder por 5-3, o que significa terem descido na tabela da classificação geral, deixando a companhia do Benfica.

Os «encarnados e pretos», que vimos em rinques diferentes, sem nos terem transmitido a sensação de conjunto estruturado, já por duas vezes, ante o seu publico, lograram pôr em «xeque» adversários bem mais qualificados (Cascais e Sintra). E a sua vitória, desta feita, foi justa, aliás, como sucedera contra os Cascalenses.

*

O Sporting, no Seixal, ante a Mundet, obteve magnífico «nulo» (5-5). Registe-se que os *leões* chegaram a estar a vencer por 3-0, no fim da primeira parte e ainda vencia por 4-2. Todavia, os donos do rinque reagiram e acabaram por empatar.

*

O Paço de Arcos bateu a Cuf por 3-1. Correia dos Santos, que em Cascais denotara falta de preparação, foi o autor dos três golos do seu grupo. O Paço de Arcos, entretanto, fez jus ao triunfo obtido, não obstante a excelente réplica oferecida pelos jogadores barreirenses.

*

Em Campo de Ourique, assistimos a um desafio de fraco nivel técnico. Os Lisboetas venceram, meritóriamente, por 3-0. Mas, repete-se, quer o Campo de Ourique, quer o Oeiras, estiveram muito aquém das suas possibilidades. Apenas Bernardino e António Alves se exibiram em bom estilo.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — O Torneio da Taça «Dr. Fernando Amado» prossegue nas pistas do Estádio do Restelo, com as provas da 2.ª e ultima jornada, a partir das 21 e 30 horas: 110 m. barreiras, altura, disco, 100 metros, 1.500 metros, 400 metros, triplo, dardo, 10.000 mtros e 4×100 metros.

CICLISMO — Na Figueira da Foz, disputa-se a 24.ª «Volta dos Campeões», com início ás 15 e 30 horas, no sistema de «criterium», em 60 voltas, com «sprints» de 10 em 10. Distancia total: 51 quilómetros.

Às 11 horas, realiza-se a prova «Libras em Ouro», no sistema de eliminação.

— Às 16 horas, disputa-se, no Estoril, o 19.º «Circuito da Galiza» — na distancia de 40 quilómetros para corredores populares.

DESPORTO CORPORATIVO—Na piscina de Coimbra disputam-se os campeonatos nacionais de natação da F. N. A. T.

— Para conclusão (em jogo de desempate) do 13.º campeonato nacional de voleibol, jogam, ás 10 horas, no campo do parque de Leiria, as equipas dos Bombeiros Municipais de Coimbra e do Porto de Lisboa.

HANDEBOL DE 7 — No recinto do Campo de Ourique disputam-se os ultimos encontros do campeonato nacional de handebol de 7. O Benfica e o Salgueiros defrontam-se ás 14 horas e o Almada e o F. C. Porto, ás 21 e 30 h.

HIPISMO — No hipódromo da Gandarinha, a partir das 14 e 30 ultimas provas do 2.º Concurso de Juniores e do 23.º Concurso de Seniores. Provas do programa: «Marquês de Fayal» (D. António), Prova «Marechal Carmona» e «Cascais». Na primeira é obrigatório o uso da «casaca encarnada» e a segunda constitui a prova de potência; a ultima é a «Despedida» dos Juniores.

NATAÇÃO — O C. D. Paço de Arcos faz disputar a tradicional prova Caxias-Paço de Arcos, entre a ponte de Caxias e a muralha de Paço de Arcos. A prova principiará ás 16 horas.

— O círculo de Antigos Nadadores promove a sua reunião anual, desta vez na praia da Trafaria, ás 11 e 30 horas. Haverá o tradicional banho evocativo, seguido do almoço de confraternização.

TÉNIS—Nos «courtes» do Parque da Rainha Dona Leonor, ultimos encontros dos Campeonatos de Ténis das Caldas da Rainha, com as finais a partir das 16 horas.

COSTA DE CAPARICA

Pensão S.to António

— 1.ª CLASSE —

Aberta todo o ano. Aceita marcações para Setembro de alguns quartos ainda disponíveis.

TELEFONE 040028

O magnífico cenário da Berlenga, com a velha fortaleza, transformada em pousada, tem destes aspectos surpreendentes

O cartaz da Berlenga

(Continuação da página central)

biente, pelas solícitas atenções para com todos os hóspedes e visitantes, por parte do concessionário, sr. António Parreira, «tripeiro» da gema, lhano e optimista, activo e dinamico, e de sua esposa, sr.ª D. Hermínia de Jesus Parreira. Estão aqui há quatro anos e muito lhes deve a fama das Berlengas.

Afluência crescente

Agora, no Verão, a pousada está sempre repleta; chegam, constantemente, novos hóspedes, entre eles muitos estrangeiros, franceses principalmente, e visitantes no novo navio-motor «Cabo Avelar Pessoa», que faz carreiras diárias entre Peniche e a Berlenga, havendo, durante o mês de Agosto, duas viagens da parte da manhã, com regresso ao cair da tarde. A partir deste ano, porém, a acolhedora pousada estará aberta durante o Inverno, pois o espectáculo da ilha sob as grandes tormentas é de uma grandeza impressionante.

Em todos os quartos, bem como nos corredores, as seteiras das muralhas, agora envidraçadas, deitam para o mar, de modo que, por vezes, o turista deitado na sua cama ou em repousante devaneio, pode contemplar o maravilhoso cenário das águas translucidas e de soberbos coloridos. O grande terraço, os eirados e as passadeiras da muralha oferecem o imponente e belo panorama da imensidão oceanica, emoldurado pela fantasmagoria dos rochedos.

Há onze quartos (22 pessoas) e mais oito, chamados «cubatas», instalações mais pequenas, aconchegadas e confortáveis, nos cubículos da muralha, ou antigas canhoneiras, onde se dorme ao ritmo embalador das ondas, no seu marulhar constante por entre os relevos e as aberturas do fraguedo.

O problema da água

Agua para beber nunca falta, engarrafada, á mesa onde, diáriamente, se serve a deliciosa lagosta, entre os pratos da lista. O abastecimento do precioso líquido torna-se, porém e por vezes, num problema, que tem de ser resolvido com a chegada do barco-cisterna. E', igualmente, uma dificuldade para toda a ilha. Necessário se torna, pois, acudir a esta situação aflitiva, construindo uma cisterna lá no alto, para recolha das águas pluviais, visto que a captação por outros processos se torna problemática — plano, aliás, que supomos em via de realização.

Quanto á pousada, julgamos também que serão ampliadas as suas instalações — necessidade premente, em face da concorrência de turistas, aumentando sempre. Para atender toda a gente, e os que ali vão de visita e solicitam o almoço, é indispensável o alargamento da sala de jantar, a construção de um «bar» e outras instalações para atender o forasteiro ocasional e breve, embora haja, também, no Carreiro da Fortaleza o Pavilhão «Mar e Sol» e o «Bar Berlenga», independentes da pousada. Nesta impõe-se, ainda, a instalação de uma camara frigorifica para prover as necessidades, em caso de mau tempo, visto que, sendo a característica culinária local peixe e mariscos frescos, não faz sentido que, em tal emergência, tenha de ser consumido peixe com prolongada frigorificação.

Há ali dois pequenos frigoríficos, para bebidas e o mais que se torna necessário e imediato no Verão. E entre outros maquinismos, que fornecem energia eléctrica e elevam água do mar para instalações sanitárias e outros gastos, há um crematório para queima de detritos, evitando-se assim que sejam lançados ao mar e vão poluir as praias.

São coisas que nos parecem essenciais e inadiáveis, as necessidades apontadas, as quais observámos, bem como o resto de atraente, na breve e fugidia passagem pela ilha encantada.

Algumas sugestões

Outras coisas supomos que poderiam fazer-se para valorizar o grande cartaz internacional da Berlenga, como, por exemplo, lançar algumas «passerelles» sobre os abismos fascinantes, construir miradoiros e varandins nas pontas suspensas dos rochedos, um caminho ou pista balaustrada circundando pelas saliências, o flanco da ilha; e talvez um pequeno teleférico entre a pousada e as alturas sobre o Carreiro do Mosteiro, para o fácil acesso ás escalvadas e imponentes alturas e a delirante contemplação do indescritível panorama das águas transparentes e de estonteantes coloridos — mas tudo isso sábiamente adaptado á característica rustica e selvática da ilha, para não lhe roubar o encanto paradisíaco.

Os 25 anos *da SONAP*

Numa cerimónia singela, mas de profundo significado, realizou-se o descerramento, na Sala do Conselho do edifício SONAP, dos retratos pintados por mestre Eduardo Malta, dos srs. Manuel de Queirós Pereira e Manuel Boullosa, oferta de todo o pessoal na comemoração dos 25 anos desta companhia.

O eng. Albano Homem de Melo, director-geral da SONAP, agradeceu aos administradores homenageados o rasgado espírito de iniciativa, os extraordinários riscos, o trabalho exaustivo, o sentido nacional do seu labor investido durante estes longos 25 anos, o que permitira erguer, no complexo ambiente internacional dos petróleos, uma Companhia Portuguesa que tão assinalados serviços já prestou á economia do País e onde só havia no capital, na técnica e no trabalho preocupações nacionais. Hoje, como ontem e para sempre — segundo disse — os que servem na SONAP estão prontos a acompanhar o exemplo de Manuel de Queirós Pereira e Manuel Boullosa, trabalhando no engrandecimento da companhia no quadro do interesse geral e a continuar os métodos sóbrios mas dignos, para servir cada vez melhor o publico, através dos seus dedicados revendedores.

Descerrados os retratos, o sr. Queirós Pereira e Manuel Boullosa manifestaram a sua satisfação ao ser-lhes dado ensejo de verem á sua volta a maioria dos seus colaboradores directos, irmanados no mesmo espírito que há 25 anos preside aos destinos da SONAP.

Legião Portuguesa

Comando distrital de Évora

EVORA, 29 *(Pelo telefone)* — Foi promovido ao posto de major e vai desempenhar uma comissão de serviço em Angola o sr. capitão Alvaro Jorge Rogado Quintino que, por tal motivo, vai deixar de comandar a Legião Portuguesa no distrito de Evora.

Peniche está em festa

homenageando a padroeira dos pescadores

(Continuação da página central)

com ondulantes galhardetes e bandeirolas versicolores, sob arcos pintalgados, sustendo fiadas de mil lampas para a «feérie» nocturna, levam uma enchente de povo que circula em formigueiros e coalha nas pontas dos rochedos cuspinhados pelas ondas e que parecem embarcações vacilando na ondulação lucilante. A frota das traineiras e das lanchas, escaroladas, brunidas, alijadas das redes alcatroadas, o arco das bandeiras fraldejando de popa á proa no cordame dos mastaréus, as «sereias» zunindo em coro estridente, ancorou no abrigo em preparativos para o desfile conduzindo a padroeira na festiva exaltação pelo mar dentro á volta do Cabo Carvoeiro.

Faina parada, festa começada

A' meia-noite, cessará a faina piscatória, e não haverá movimento na lota, que só recomeça na madrugada de terça-feira.

O cenário principal dos festejos é na Ribeira e no Campo da Republica, onde se armou uma Feira Popular, esbraseada de luzes, vibrante de sonoridades musicais e com os atractivos que aliciam a multidão. Mas as ruas principais do aglomerado ribeirinho, as praças, as alamedas do jardim, igrejas, edifícios publicos e casas singelas de pescadores, acabadas de caiar, tudo embandeirado e ornamentado tem um ar festivo, com bizarros enfeites preparados para o caprichoso e inusitado efeito sob as exalações da coruscante iluminação.

A vila preparou-se e alindou-se para os grandes festejos — frontarias repintadas, iluminação moderna em novas ruas a inaugurar, decorações características, com motivos inéditos e graciosos, como as pérgolas floridas, que são um achado, no Jardim Publico e na Ribeira. Hoje, de madrugada, ainda se carpintejava na armação do cenário festivo, por entre a neblina, ouvindo-se a orucadeira intermitente da «sereia» do Cabo Carvoeiro, e sentia-se já a afluência dos romeiros e da massa de forasteiros que convergem dos próximos aglomerados do litoral e das praias em redor. Pensões cheias; não há onde alguém se possa arrumar.

Logo de manhã — muita gente a espraiar-se pelas ruas — começou o estrondear de morteiros e o estralejar de foguetes, numa alvorada festiva com musicas ecoando pelas ruas, á medida que chegavam, com seus acompanhamentos típicos, as bandas da Lourinhã e da Atouguia da Baleia, e a fanfarra da fragata «D. Fernando», vinda de Lisboa, com o primeiro-tenente Vinagre, especialmente para a recepção ás entidades convidadas.

Antes do meio-dia saíram da vila os srs. presidente da Camara António da Conceição Bento, o vice-presidente, sr. José Acurcio de Carvalho; a vereação, o presidente da Comissão de Turismo, sr. João Maria da Conceição; Fernando Lopes da Silva, autoridades, representantes da Capitania, da Guarda Fiscal, da Alfandega e de vários organismos, etc. Iiam á espera dos convidados oficiais: senhores comandantes Henrique Tenreiro e Valente de Araujo, deputados Vítor Galo, presidente do Município da Marinha Grande, e dr. Paulo Rodrigues, secretário da Assembleia Nacional; Mário Galo, governador civil, substituto, do distrito de Leiria; Guilherme Otero Salgado, presidente do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, e Julio Rocha Borges, dr. Alberto Monteiro e veio também, a convite do presidente da Camara, o sr. general Antunes Cabrita.

A recepção aos convidados oficiais

As referidas entidades locais foram aguardar em cortejo de automóveis, com a viatura dos Bombeiros Voluntários, a Porto de Lobos, os convidados oficiais, aos quais fora preparada recepção festiva no largo fronteiro aos Paços do Concelho, onde havia colgaduras na fachada embandeirada e com galhardetes das core svermelho e negro da vila.

Ao lado dos pescadores, com os seus trajos característicos, apetrechos de pesca e os remos erguidos, alinhavam a charanga da fragata «D. Fernando» que antes deu volta á vila, acompanhada de muito povo; formações da M. P. masculina e feminina; e pequenos da Casa de Trabalho dos Filhos dos Pescadores, uniformizados, havendo muito povo á volta.

A' chegada das referidas entidades estoiraram morteiros e foguetes e, depois das saudações características, houve sessão de boas-vindas no salão dos Paços do Concelho. Presidiu o sr. comandante Henrique Tenreiro, ladeado pelos srs. presidente da Camara Municipal; governador civil do distrito de Leiria, deputados, presidentes do Grémio da Pesca da Sardinha, da sua delegação local e da comissão concelhia da U. N. e os srs. eng.º Mário Roque e presidente da comissão das festas do 350.º aniversário da vila e do concelho de Peniche.

O presidente do município, sr. António da Conceição Bento, saudou o comandante Henrique Tenreiro em nome da classe piscatória e agradeceu-lhe os benefícios concedidos como presidente da Junta Central da Casa dos Pescadores, congratulando-se com a sua visita a esta vila de laboriosos e destemidos trabalhadores do mar. Agradeceu também aos organismos da pesca os seus auxílios, principalmente o subsídio concedido para as obras da comporta que proporcionará um bom abrigo ás embarcações de pesca.

O comandante Henrique Tenreiro agradecendo, manifestou grande satisfação por se encontrar em Peniche e pelos progressos verificados na vila. Fez o elogio dos pescadores dirigindo-lhes calorosa saudação, prometendo-lhes o interesse e o auxílio dos organismos da pesca e desejando-lhes muitas felicidades.

Terminou por evocar a obra do sr. dr. Oliveira Salazar e a assistência manifestou-se com aplausos e vivas.

O prémio aos melhores pescadores

Em seguida foi prestada homenagem aos campeões de pesca da sardinha das ultimas duas safras srs. Aníbal Correia (1957-1958) e Francisco da Glória Jarrinho (1958-1959), os quais receberam os respectivos galardões por entre entusiásticos aplausos da assistência.

Encerrada a sessão o comandante Henrique Tenreiro, acompanhado pelo presidente da Camara e pelas outras entidades, visitou a Casa de Trabalho dos Filhos dos Pescadores.

As grandes procissões no mar

Na esplanada da ponte do Cabo Carvoeiro, diante da vastidão do oceano, reuniram-se as referidas entidades num almoço oferecido pelo presidente da Camara. Ali desfilou no mar durante a tarde o grande cortejo de traineiras e lanchas embandeiradas, depois do encontro ao largo, da imagem da Senhora da Nazaré, vinda daquela praia, pelo lado Norte, com as que vinham do Sul, Senhora de Monserrate, Senhora da Guia e Santa Bárbara, trazidas respectivamente de Ribamar, Atalaia e Marquiteira. O imponente conjunto de embarcações engalanadas descreveu um círculo diante do Cabo e vai recolher ao porto de pesca, onde haverá solene recepção ás imagens, preparando-se toda a frota para a grande procissão luminosa, á noite, também no mar, dobrando o Cabo e enfiando pelo Sul até á Praia da Conceição.

Haverá então grande espectáculo de fogo de artifício com grandes iluminações e jogos de luz por dois projectores da Artilharia Antiaérea de Queluz, no molhe leste e na fortaleza.

Amanhã, vêm assistir, aos festejos com outras entidades, os srs. subsecretário de Estado da Educação e arcebispo de Mitilene em representação do sr. cardeal-patriarca, culminando os festejos com uma grande procissão em terra.

O FOGO DESTRUIU

próximo de Bragança

2.700 alqueires de cereais

BRAGANÇA, 28.—Numa das grandes áreas da freguesia da Parada, deste concelho, próximo do Largo do Toural, declarou-se ontem um violento incêndio que, dentro de pouco tempo, devorou nove medas de cereal que, ali, aguardavam a debulha. Destas arderam quatro medas, num total de cerca de 2.700 alqueires, com um prejuizo aproximado de 80 contos. Acorreram ao incêndio os bombeiros voluntários desta cidade que, com o auxílio de muitos populares, rápidamente dominaram o sinistro, sem conseguir, no entanto, evitar as pesadas percas sofridas por alguns pequenos proprietários.

Admite-se que a causa do incêndio tenha sido qualquer brincadeira imprevidente de alguns garotos.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 29 de Agosto de 1929 uma carta que, dando razão aos conselhos dados aos lavradores, dizia: «Na Holanda, um hectare semeado de trigo produz, em quintais, 31,33; na Dinamarca, 32,35; na Bélgica, 30,62; na Suíça, 23,18; em Inglaterra, na Alemanha e na Suécia, sensivelmente, 22. Saltando os países que vão de 20 a 10, temos: Roménia, 9,80; Grécia, 8,01; Espanha, 7,8, e finalmente, depois de todos e a uma boa distancia da Espanha, que é a penultima, Portugal que, por cada hectare de trigo, produz 4,70 apenas».

EFEMERIDES

No dia 29 de Agosto de 1862 nasceu Maeterlinck, e no de 1864 Unamuno.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra Tzipine; 20: Jornal Sonoro; 20 e 15: Musica de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para Trabalhadores. No intervalo: Terras de Angola; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Temas portugueses; 19 e 10: Concerto Brandeburguês n.º 3, de Bach, pela Orquestra Schola Cantorum Basiliensis, sob a direcção de Wenzinger; ao cravo Eduard Muller; 19 e 25: «Tocata», de Debussy, por Monique Haas; 19 e 30: a violoncelista Zara Nelsova; 19 e 50: Noticiário regional; 20: 8.º programa do Festival Sibelius: «Sinfonia n.º 4», de Sibelius, pela Orq. Sinf. da Rádio de Helsinquia; 20 e 10: «Sexteto», de Poulenc, para piano e instrumentos de sopro, por Jean Français, e o Quinteto de Sopro da Orquestra Nacional da Radiodifusão Francesa; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: «Cantata n.º 202», de Bach, pelo soprano Danco e a orquestra de camara de Stuttgart, dirigida por Munchinger; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata n.º 2, em sol maior», de Beethoven, em violino e piano, por Schneiderhan e Willhelm Kempff; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: «Inverno», da oratória, «As Estações», de Haydn, por Elfrid Trotschel, Walter Ludwig, Josef Greindl, Coro da Rias de Berlim, Coro de Santa Edwiges, e a Orq. Sinf. da Rias de Berlim, sob a direcção de Ferenc Fricsay; «Concerto n.º 2», de Milhaud, para violino e orquestra, por Louis Kaufmann, e membros da orquestra da radiodifusão francesa, sob a direcção do autor; 23 e 15: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar, 18 e 15: Jornal feminino; 19: Variedades; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 15: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 15: Noticiário; 2: Fecho.

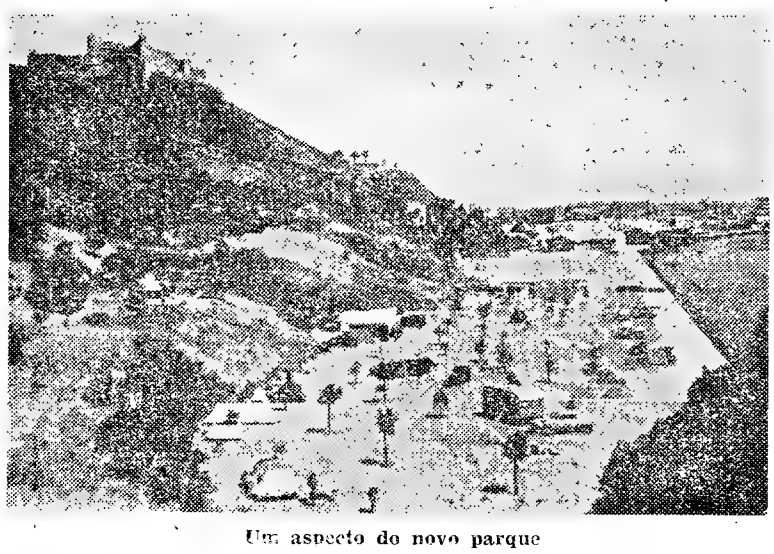
Estação de Miramar — A's 18: Baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: O organista Gerhard Gregor; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Musica do cinema; 20: Ritmos e canções de sucesso; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: As ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Vida rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica e canções fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21: abertura; 21 e 2: O que vai pelo Mundo; 21 e 10: novos escritores (Prémios Literários do S. N. I.); 21 e 20: V Festival Folclórico Internacional em Santa Marta de Portuzelo; 21 e 35: «Convite para ouvir Maysa». Com Maysa Matarazzo (Programa «Morris-850»); 22: Concurso de Provérbios Populares; 22 e 5: João Villaret—Produção e texto de Nelson de Barros. Acompanhamento ao piano por Carlos Villaret. Realização de Bessa de Carvalho; 22 e 25: «Richelieu» (filme); 22 e 55: Telesporto; 23 e 15: Jornal RTP; 23 e 30: Fecho.



Um aspecto do novo parque

Novo parque municipal

de campismo em Setúbal

SETUBAL, 28 — A Camara Municipal desta cidade, correspondendo aos justos anseios do crescente movimento campista, instalou este ano um parque de campismo, que satisfaz plenamente as principais funções de um recinto desta natureza, pois está dotado de boas instalações higiénicas, possui uma sala de convívio e está situado no itinerário de uma das mais imponentes zonas de turismo do nosso País.

Outras instalações e melhoramentos estão previstos no mesmo parque de campismo, com cujas obras a Camara já despendeu 100 contos.

Entre as construções previstas contam-se uma cozinha, uma piscina infantil e uma jangada no rio com «passerelle» para o recinto do parque, destinada aos banhistas.

A capacidade do parque é limitada a 40 «roulottes». Os numerosos estrangeiros que o têm utilizado manifestam o seu agrado pelo ambiente tranquilizador do loca plela sua aproximação da cidade e por ser ponto de irradiação para diversas praias.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202 B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124, Tel 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma—Avenida de Roma, 85-B, Tel. 772466; Lusitana—Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213 Latina Av António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel 42312, Sá da Deira 36, Tel. 41961, Fonseca—Largo D Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos Ld.ª—Rua J lote 48 Bairro da Encarnação Tel 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel 381136; Marluz — Calçada da Picheleira 140-B/C, Tel P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36 Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça 38-A-39 Tel 862909, Dalton — Av Mouzinho de Albuquerque, RSV Tel 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin Ld.ª — Avenida Almirante Reis 88-B/C, Tel 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36 Tel 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado 20-A Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade) 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres 8-D, Tel 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949 Linaida—Rua Ferreira Borges 30, Tel 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382 Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel 661251, Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 30 — 1 e 37 (3m,27); 14 e 5 (3m,51).

Dia 31 — 2 e 26 (3m,49); 14 e 49 (3m,73).

BAIXA-MAR

Dia 29 — 18 e 58 (1m,70).

Dia 30 — 7 e 18 (1m,62); 19 e 48 (1m,49).

Dia 31 — 8 e 4 (1m,40); 20 e 32 (1m,24).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O baile».

COLISEU — A's 20 e 45 e ás 23 — «Há feira no Coliseu!».

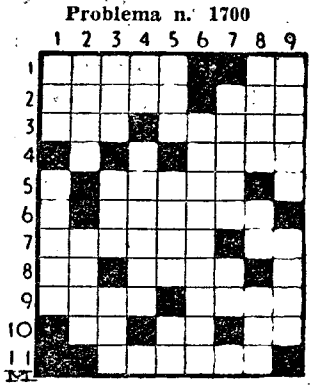
CINEMAS

TIVOLI — «Um cabelo na sopa».
S. JORGE — «Foguetões de rabiar».
IMPÉRIO — «A geração rebelde».
MONUMENTAL — «O colosso de Nova York».
EDEN — «Quando o vento sopra...».
POLITEAMA — «Caçada humana».
ODEON — «Pepe, o bravo».
CONDES — «O grande golpe».
ALVALADE — «Demonios á solta».
AVIS — «O morto voltou».
CAPITOLIO (No terraço) — «Alexandre, o grande».
OLIMPIA — «Cantinflas, porteiro».
PAVILHÃO — «Nem guerra nem paz».
JARDIM — «O resgate».
IDEAL — «Legião de atiradores».
PROMOTORA — «Vida Nova».
ESPLANADA PORTUGALIA—«Nathalie».
S JOSÉ (Sacavém) — «A terra dos homens maus».
CAMPOLIDE — «A mulher modelo».

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1700



HORIZONTAIS: 1 — Título do soberano da Abissínia. Rio da Russia, afluente do Artico. 2 — Fio metálico. Cruel. 3 —Ermos. Rebolar. 4—Ir abaixo. 5 — Engordurar. 6 — Cogitar. 7 — Transportarei. Prefixo de negação. 8 — Gemido. Tangeu. 9 — Mistura. Bagatela. 10 — No caso de. Frequentava. Preposição. 11 — Finou-se.

VERTICAIS: 1 — Em as. Funesto. 2 — Deus do Amor, entre os antigos gregos. Cursos de água. 3 — Fluido aeroforme. Capa sem mangas. Possui. 4 — Certo. Atentamente. 5 — Estar. De bronze. Caminhar. 6 — Proporcionar. 7 — Evidente. Grito de dor. 8 — Rezai. Graceja. Espaço celeste. 9 — Asno. Amofinem.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1699

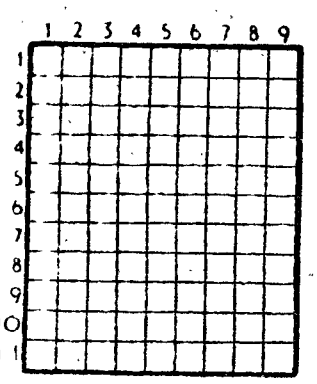
HORIZONTAIS: 1 — Seda. Lear. 2 — Afinco. Má. 3—Rezo. Amai. 4 — DC. Só. Oca. 5 — Ita. Psi, 6 — Nutra. Ter. 7 — Hariolo. 8 — Asse. EM. 9 — St. Sé. 10 — AGOSTO. 11— Alourasse.

VERTICAIS: 1 — SARDINHAS. 2 — Efectua. Tal. 3 — Diz. Atra. Go. 4 — Anos. Ris. Ou. 5 — Aos. Sr. 6—Loa. Lenta. 7 — E. MOSTO. Os. 8 — Amacie. És. 9 — Raia. Remete.

(Provérbio: EM AGOSTO: SARDINHAS E MOSTO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3749



HORIZONTAIS: 1—Levantar. Parte do boné. 2 — Freguesia do concelho do Cartaxo. 3 — Gosta muito de. Cincho. 4 — Graceja. Apelido. Preposição. 5 — Cantiga. 6 — Compareciam. Passada. 7 — Planta medicinal. 8 — Certo. Ecoa. Doutor. 9 — Sustento. Preposição. 10 — Mercado. 11 — Lavrai. Braços de mar.

VERTICAIS: 1 — Asteroide descoberto em 1949 pelo Observatório de Monte Wilson, cuja órbita se caracteriza por uma grande excentricidade. Preencha. 2 — Nota musical. Nociva. 3 — Nome de mulher. Pequena bigorna de aço sem hastes. Capa. 4 — Letra grega. Solitárias. Escarnece. 5—Bocado. Furna. 6 — Utensílio de padeiro. Desperta. Símbolo químico do cromo. 7 — Pega. Nome de mulher. Progenitor. 8 — Nota musical Nota musical. 9 — Perfume. Penhor.

Solução do problema n.º 3748

HORIZONTAIS: 1 — Norma. 2 — Ia. Saí. Sá. 3 — Afã. Sal. 4 — Disparate. 5 — Omar. Oram. 6 — Somei. 7 — Sor. 8 — Ara. Iça. 9 — Descartes. 10 — Alor. Ousa. 11 — Oó. Ela. As.

VERTICAIS: 1 — Liados. Adão. 2 — Afim. Prelo. 3 — Asas. Aso. 4 — Os. Prós. Cré. 5—Rama. Mora. 6—Mi. Roer. Roa. 7 — Sari. Itu. 8 — Satã. Acesa. 9 — Calma. Asas.

A semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento até ao dia 31 de Agosto com juros da mora os seguintes:

Contribuição Industrial, Contribuição Predial, Imposto Profissional — Liberais e Assalariados: — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional — Empregados: — A segunda prestação semestral.

Imposto Complementar: — Todo o imposto se a importancia liquidada foi inferior a dois mil escudos ou a primeira prestação quando de quantia igual ou superior a esta importancia.

IMPOSTO COMPLEMENTAR: — Contra o lançamento e liquidação deste imposto podem os contribuintes reclamar e recorrer nos termos e prazos estabelecidos no Decreto n.º 16.733, de 13 de Abril de 1929, e legislação complementar subsequente.

As reclamações serão apresentadas nas secções de finanças, liquidadoras do imposto, no prazo de noventa dias a contar do dia imediato, inclusive, ao da abertura dos cofres para a cobrança do imposto, terminando no corrente ano o prazo no dia 29 de Setembro.

JURISPRUDENCIA

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL: — *Anulação por prédios devolutos.* — «Estando duas divisões de um andar ocupadas com mobilia dos proprietários do prédio e não havendo discriminação dos diversos compartimentos que constituem esse andar, não pode conceder-se anulação da contribuição com referência a todo ele».

— Do acordão de 13/1/1954, do Supremo Tribunal Administrativo, «Diário do Governo», II Série, n.º 242, de 14/10/1954.

RECLAMAÇÕES E RECURSOS: —*Prazo de interposição.*—«Para ser admitido recurso extraordinário é necessário que seja deduzido dentro de um ano a contar do pagamento da primeira prestação ou, quando tenha havido execução, dentro de seis meses a contar da citação ou da penhora, conforme se verifique a hipótese prevista no n.º 2.º do art. 52.º do decreto n.º 16.733. O pagamento voluntário presume-se feito, até prova em contrário, ao fim do mês da abertura do cofre».

— Do acordão de 25 de Maio de 1955, proferido pelo Supremo Tribunal Administrativo no Recurso n.º 12.707.

Concurso Nacional

de Filarmónicas e Bandas Civis

Estão já abertas as inscrições no I Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Civis, promovido pela F. N. A. T., entre grupos instrumentais de todo o País, constituídos por um mínimo de 20 executantes amadores. Os concorrentes serão divididos em três categorias, cada qual com prémios especiais, sendo o maior de 25 contos. Será também instituído um Grande Prémio Nacional, de 20 contos, a atribuir ao grupo que obtenha maior numero de pontos na classificação geral.

Na sede da F. N. A. T. prestam-se todos os esclarecimentos.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

As conversações anglo-americanas

começaram em Chequers ao almoço

na presença de Herter e Lloyd

(Continuação da 1.ª página)

da, um pouco afastada, fotografava o grupo e também os próprios fotógrafos que se atropelavam para obter o melhor angulo. Um deles pediu ao presidente que posasse, com as crianças reais ao seu lado. Sorridente, Eisenhower acedeu.

O presidente Eisenhower declarou aos reais hóspedes: «Nos Estados Unidos, os fotógrafos pedem sempre mais uma fotografia».

Quando o carro partiu, as pessoas ao longo da estrada acenavam ao presidente e desejavam-lhe «boa sorte» e «boa viagem».

Finalmente, sempre no meio de aclamações populares, Eisenhower entrou no avião que o esperava no aeroporto e levantou voo, ás 10 e 47, com rumo á base aérea de Benson, perto de Chequers. — (A.N.I.).

Ike — o «tio da América»

LONDRES, 29.—O presidente Eisenhower será, provavelmente, convidado para padrinho do terceiro filho da rainha Isabel — escreve hoje o «Daily Sketch», acrescentando que o presidente dos Estados Unidos é tratado pela família real inglesa, e em especial pelo príncipe Carlos e pela princesa Ana, como «o tio Ike da América».

Outros jornais, incluindo o «Times», salientam a carinhosa recepção feita a Eisenhower por toda a família real.—(A. N. I.).

A caminho de Chequers

ABERDEEN (DYCE), 29. — Nos 100 km que separam o castelo de Balmoral desta localidade, a multidão era sem duvida hoje tão densa como no dia da chegada do presidente.

O calor dos aplausos não ficou também atrás. Embora os Escoceses sejam muito mais reservados do que os Londrinos, e por isso não tivesse a recepção atingido a exuberancia do acolhimento na capital, o mesmo impressionante «comboio» de carros com jornalistas seguia o carro do presidente. No aeroporto, havia também muita gente. Eisenhower, por causa das apresentações a um grupo de notáveis locais, tirou o sobretudo, mas um oficial da sua comitiva disse-lhe qualquer coisa, com ar severo. O presidente enfiou logo o sobretudo, e fê-lo com evidente satisfação, visto fazer bastante frio. Assinou o «Livro de Honra» da cidade de Aberdeen, que lhe trouxeram ao aeródromo, dado que por falta de tempo não a pôde visitar. Disse por fim umas palavras ao duque de Edimburgo, de quem se despediu levantando o polegar, á americana, e entrou para o «Comet». A' porta, voltou-se para saudar o povo e os fotógrafos, com um largo gesto. Toda a gente correspondeu, aclamando-o vibrantemente.

O «Comet» do presidente Eisenhower aterrou no aeródromo de Benson, perto de Londres, ás 11 e 04 (T. M. G.).

O presidente foi recebido, á chegada, pelo primeiro-ministro britanico, Harold MacMillan; conde de Macclesfield e pelo marechal do Ar, «sir» Denis Barnett.

Nenhum discurso. O presidente e o primeiro-ministro tomaram imediatamente o «Rolls Royce» cinzento e seguiram através desta pitoresca região, o caminho de Chequers, onde ambos passam o fim-de-semana.

O presidente Eisenhower receberá Pandit, alto comissário da India em Londres, na próxima terça-feira, ás 17 horas (T. M. G.), segundo se anuncia no Alto Comissariado da India, que esclarece que a entrevista é a pedido do presidente, feito ontem antes da partida deste para Balmoral.

As graves notícias acerca da fronteira sino-indiana devem estar na origem deste pedido do presidente. — (F. P.).

O primeiro almoço de trabalho

LONDRES, 29 — O presidente chegou ás 12 (T. M. G.) á residência do primeiro-ministro. O automóvel subiu á Avenida da Vitória, que tem este nome em homenagem aos vencedores da segunda guerra mundial. Sobre a porta de entrada de um jardim cheio de roseiras, lê-se a inscrição: «Tu, que entras aqui, deixa ficar lá fora os teus cuidados».

Depois de instalado, o presidente Eisenhower saiu para dar um pequeno passeio, em companhia de MacMillan, no jardim dos Chequers, repousando a seguir alguns momentos no leito do quarto de cama cedido pelo primeiro-ministro.

A's 12 e 30 (T. M. G.), o presidente, o primeiro-ministro, Christian Herter, Selwyn Lloyd, John Hay Whitney, embaixador dos Estados Unidos em Londres, e «sir» Harold Caccia, embaixador britanico em Washington, reuniram-se na sala de jantar para tomar parte no almoço de trabalho que inicia a série de conversações anglo-americanas.

Num escritório vizinho, Livingstone Merchant, subsecretário de Estado adjunto do Departamento de Estado, e Ivan White, subsecretário de Estado assistente, estarão prontos para serem chamados a consultas.

Em Londres, Thomas Gates, secretário de Estado adjunto da Defesa e outros peritos americanos, estarão em condições de ir de helicóptero para os Chequers, se pelas mesmas razões for necessário chamá-los.

As conversações, começadas durante o almoço, continuarão pela tarde e até á noite. — (F. P.).

Tudo a postos no campo de golfe...

ELLISBOROUGH, 29.—Os observadores politicos notaram hoje que, por «coincidência», a residência oficial de Eisenhower durante a sua permanência em Inglaterra fica situada mesmo defronte de um magnífico campo de golfe, nesta localidade.

Esta semana, representantes da embaixada norte-americana deslocaram-se propositadamente a Ellisborough para observar o campo e conversar com o director do clube, Reginal Garrard.

Este afirmou mais tarde que, embora não esteja nada assente em definitivo, «o clube está pronto para receber o presidente em qualquer momento».—(A. N. I.).

Castiella seguiu para Londres

MADRID, 29 — O ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha, Fernando Maria Castiella, partiu para Londres, de avião, a fim de conferenciar com o presidente Eisenhower, Christian Herter e Selwny Lloyd.

Fernando Castiella deve encontrar-se na segunda-feira, á tarde, com Eisenhower, não tendo sido anunciado até agora, quais os assuntos que ambos discutirão. Círculos bem informados desta cidade julgam saber, porém, que o ministro é portador de uma mensagem do generalíssimo Franco e que o problema da participação da Espanha na defesa ocidental será abordado. — (A. N. I.).

Tal como sucedeu em Bona, Eisenhower foi apoteóticamente recebido em Londres. Na imagem vemos o Chefe do Estado norte-americano, ao lado do primeiro-ministro MacMillan, agradecendo as aclamações da multidão

A decisão da França

de criar uma força nuclear

resultou da falta de confiança na Inglaterra e nos outros aliados

LONDRES, 29. — Numa carta escrita ao «Times», o marechal da Aeronáutica, «sir» John Slessor, antigo chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas Britanicas, diz que é por não ter confiança nos seus aliados, sobretudo na Inglaterra, que a França deseja «armar em cavaleiro, sózinha», dentro da Aliança Atlantica.

Esta falta de confiança seria devida, em parte, ao confuso espectáculo apresentado pela Inglaterra perante os grandes problemas nucleares, confusão nascida, por um lado, da politica oficial, que preconiza a manutenção do potencial nuclear britanico, e, por outro, das manifestações contra a bomba H, como as da «marcha de Aldermaston», e das ideias trabalhistas relativas á formação de um «clube não-nuclear».

— Mas há ainda um outro argumento — escreve o marechal. — Muitos de nós, dos que combatemos ao lado dos Franceses nas duas guerras mundiais, cremos não ser do verdadeiro interesse da N. A. T. O. que a França comece agora a criar uma força nuclear, só para si, á custa de esforços laboriosos e despesas enormes.

Continuando, diz: — Os que pensam como eu, crêem ser noutros domínios que a França poderá exercer mais eficazmente a sua influência nos próximos dez anos, que serão decisivos.

— Mas o abandono dos projectos nucleares franceses deverá ter, como contrapartida — diz «sir» Slessor — uma garantia formal dada pelos Ingleses, de que a aviação de bombardeamento britanica, no caso de uma nova guerra, ficará sempre ao serviço da França. Os Ingleses sempre foram especialistas em bombardeamentos aéreos. Lembrando ter assistido ás conversações militares franco-britanicas na Primavera de 1939, e que a delegação inglesa dera sempre aos Franceses uma garantia nesse género, conclui:

«Afirmo, sem receio que me contradigam, ser minha convicção que, se alguma vez mais a ocasião se apresentasse, a aviação de bombardeamento britanica se encontraria uma vez mais ao lado do Exército francês e que a Inglaterra não hesitaria um momento sequer em cumprir os seus compromissos para com os seus aliados na Europa». — (F. P.).

Aumenta a tensão

na fronteira indo-chinesa

com a chegada de novos reforços

NOVA DELHI, 29 — Pára-quedistas chineses aterraram no interior do território chinês, mas próximo da zona fronteiriça da N. E. F. A. (North Eastern Frontier Agency) — segundo informações chegadas a Nova Delhi.

Armas, munições e reabastecimentos foram também lançados em pára-quedas.

Segundo estas informações, bombardeiros chineses sobrevoaram a região fronteiriça.

As autoridades indianas, por seu turno, fiscalizam toda a zona da fronteira. Enviaram-se reforços a toda a pressa para a zona da N. E. F. A. e Assam, que teriam recebido ordem de rechaçar qualquer incursão chinesa. — (F. P.).

Reforços indianos a caminho

NOVA DELHI, 29. — Reforços militares indianos vão a caminho da cidade de Longju, perto da fronteira chinesa, que segundo parece foi ocupada por forças chinesas invasoras.

As tropas indianas encontram-se em Nefa, a dois dias de marcha de Longju, mas anuncia-se que aviões militares espalharão avisos sobre as zonas ocupadas, pedindo aos Chineses que se retirem antes de entrarem em acção os reforços indianos.

O Governo indiano mandou regressar a Nova Delhi o comandante supremo das Forças Aéreas, marechal Mukherjee, que se encontrava de visita ao Cairo. — (A. N. I.).

A FRANÇA

continuará com as experiências da bomba atómica

PARIS, 29. — Círculos oficiais franceses declararam hoje que a França não se considerará obrigada a cancelar as suas projectadas experiências nucleares no deserto do Sahara, em consequência da decisão dos Russos, de prorrogarem a actual interdição voluntária das experiências de tal natureza. — (A. N. I.).

32 mortos

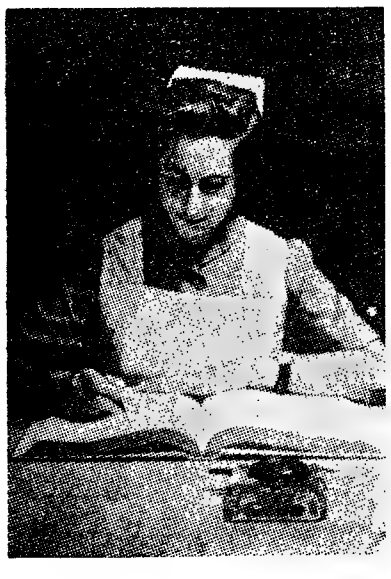
no desastre do teleférico em S. Paulo

S. PAULO, 29. — Trinta e dois empregados da «S. Paulo Light and Power Company», que regressavam do trabalho num transporte teleférico, morreram por se ter partido o cabo de suspensão. O veículo caiu de grande altura e depois veio a rolar até á base do monte, que tem 360 metros de altura.

Quando o teleférico parou, 29 dos empregados estavam mortos. A caminho do hospital morreram mais três. Há cinco sobreviventes, um dos quais, o engenheiro Francisco Novais, escapou sem a menor beliscadura.

Interrogado pelos repórteres, o engenheiro respondeu: «Não sei como me salvei».

No momento em que se partiu o cabo, houve três indivíduos que saltaram e puderam salvar-se, ficando, porém, gravemente feridos. — (A. N. I.).



Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria

MATRÍCULAS

Estão abertas as inscrições para o Curso Geral de Enfermagem — Sexo Feminino — até 20 de Setembro.

As candidatas com o 2.º ciclo ou equivalente são dispensadas do exame de aptidão.

As alunas são recebidas em Lar e podem ser-lhes concedidas bolsas de estudo.

Pedir informações á Secretaria — Av. 28 de Maio, Lote 3, ou pelo telefone 774022.

TERMAS DE CALDELAS

tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

Escola Portugália

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

CURSO LICEAL (completo)

CURSOS DIURNOS e NOCTURNOS

Inscrições até 12 de Setembro, sem multa, para os cursos diurnos

Rua Palmira, 14 (Anjos) — Tel. 847500

Faleceu o jornalista Carlos Aparício

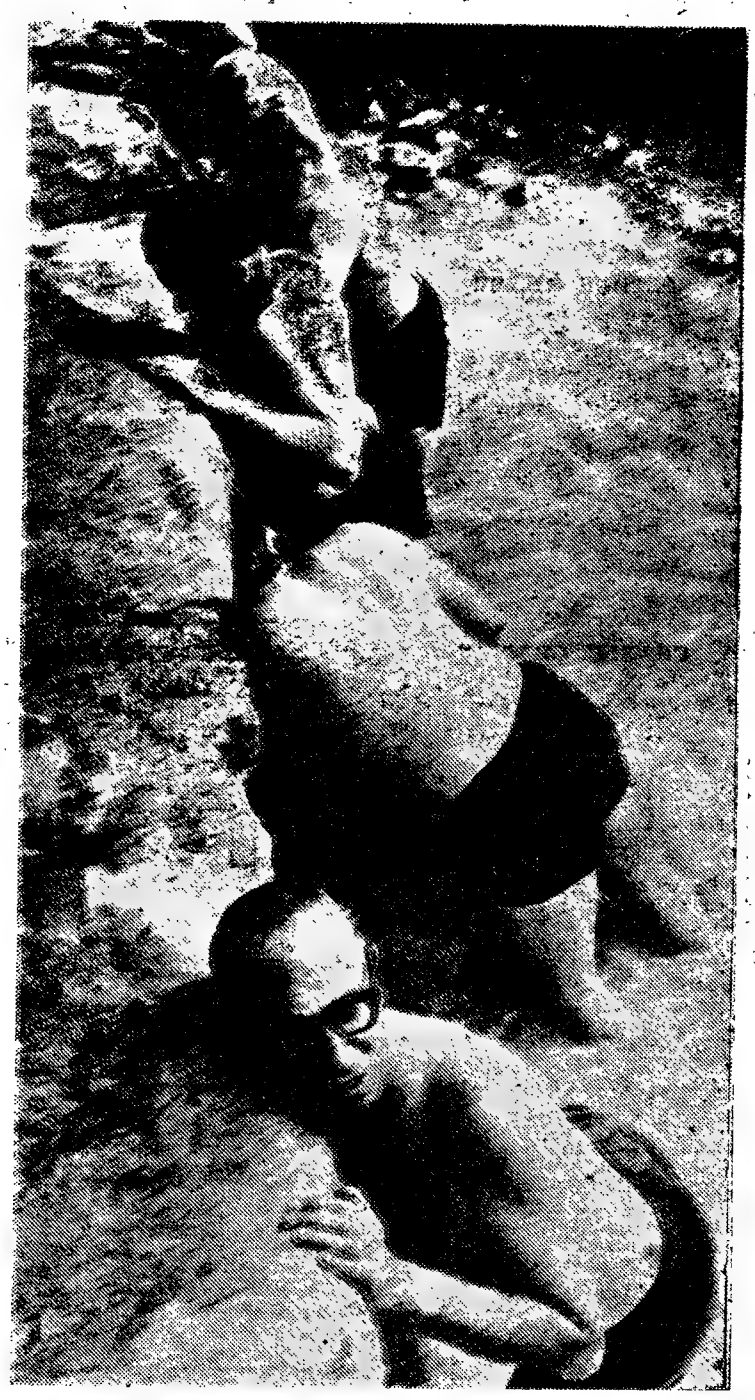
BARRANQUILLA (Colombia), 29. — Carlos Martinez Aparício, de 67 anos, que durante cerca de 30 anos dirigiu o jornal «La Prensa», desta cidade, faleceu ontem, em Barranquilla. — (A. N. I.).

SÓ PARA HOMENS!

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 59 Diario de Lisbôa

Um novo método para a cura de perturbações cardíacas e circulatórias



O tratamento fornece imagens como esta, de arrebatadora beleza...

Na Alta Baviera, na aldeia de Ohlstadt, a 20 quilómetros de Gasmish, existe uma curiosa casa de cura para doentes cardíacos. Não é um sanatório: os doentes vivem aí como hóspedes, num bairro privativo ou num restaurante. Só á hora das refeições e exercícios são obrigados a conviver.

O doente surge com o seu electrocardiograma em ordem; é o seu bilhete de candidatura a hóspede da casa de cura. Até aqui nada de novo. A novidade começa com o sexo dos doentes e os métodos de tratamento.

A clínica é só para homens — na maioria bons exemplares do género, como o leitor observará nas fotografias. Proporcionam-lhes exercícios que os reintroduzem nos belos tempos da infancia: banhos de lama (uma verdadeira pandega), esfregadelas com escova dura até a pele fazer tlim-tlim, seguidas de banhocas na ribeira, exercícios ginásticos sortidos, ao ar livre —

(Continua na página central)

VIAGEM ÀS TERRAS DO SUL (2)

Lagos, foi possívelmente aqui, no ponto em que se encontra este estaleiro improvisado, que se preparou o esqueleto das naus que partiram á busca do Mundo

Maria José, já sei que você é uma daqueles raparigas a quem nada se pode prometer... Sim, tinha-lhe alvitrado voltar ao Algarve para compensá-la daquela estopada da história da Terra.

Voltemos, pois, ao Algarve. Deixemos as terras crestadas do Alentejo. Uma ponte, um rio e uma pequena povoação junto ao rio. Foi-se a planície... Truques de prestidigitador. A natureza é hábil em escamoteações.

Daqui a Aljezur, á parte um planalto donde se avista o mar e o recorte da serra de Monchique, cansá-la-ão a sucessão dos cabeços arredondados, as silhuetas tristes e sangrentas dos sobreiros descascados.

AGORA A PAISAGEM

POR

MANUEL DO NASCIMENTO

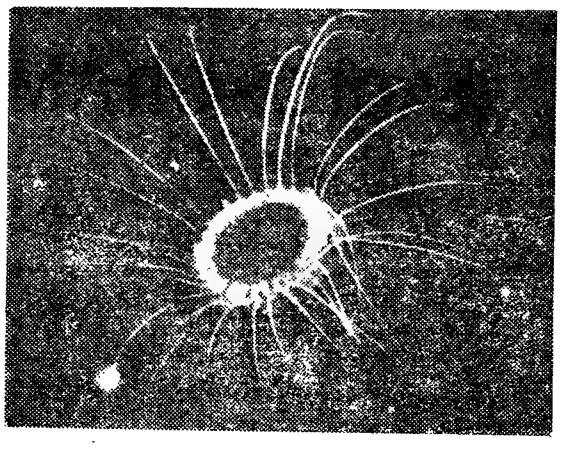
Aljezur aparece-nos a uma curva de estrada, na encosta de um monte de declive áspero. No alto, um castelo que tem a sua história, que nos lembra lutas entre mouros e cristãos.

Paremos um pouco. A vila é triste e pobre. Uma pequena sala de visitas junto a uma ribeira, depois a subida de um monte, subi-

(Continua na página central)

A' PROCURA DE UM MUNDO DESCONHECIDO (2)

NO ESTRANHO SANTUÁRIO DOS ABISMOS



Um dos estranhos habitantes do abismo

O FNRS é composto por duas calotes, simplesmente agrafadas, cuja estanquicidade é assegurada naturalmente pela pressão da água. Quanto mais o aparelho mergulhar, menor é o risco de infiltrações.

Aberta na calote, um grande olho curioso parece espreitar-nos. Tem 40 centímentros de diametro, de modo a facilitar a curiosidade do mergulhador. E que razão tem o mergulhador em ser curioso? Será que vai ver novidades? Será que o mundo lá de baixo é já tão seu conhecido, que nem valeria a pena tanto esforço? E' o que nos diz o comandante Houot.

Este engraçado aparelho não pode navegar á superfície; não foi construído para isso, não pode deslocar-se sózinho. Tem de ser rebocado para os lugares onde mergulhará como se se tratasse de qualquer lanchão.

No Japão é preciso, por vezes, levar vinte e quatro horas a rebocar o batiscafo para o local onde mergulhará... apenas por quatro horas! Os pioneiros das profundidades passam muito mais tempo a enregelar-se com a ressaca, do que a trabalhar na calma das fossas abissais...

A alta silhueta do capitão acaba de desaparecer numa estreita chaminé vertical que conduz á esfera, atravessando o flutuador. A cisterna, uma vez cheia de água, tornará pesado o batiscafo e fá-lo-á mergulhar.

Em baixo, a voz do comandante chama por nós: Pode descer!

Escantilhão pela escada abaixo,

(Continua na 7.ª página)

O que ainda estava por ler

2 POR CADA PAIS

AMÉRICA

WILLIARD P. SIMS fugiu da colónia penal de Ocala, na Florida, deixando a seguinte nota:

«Estarei de volta nos ultimos dias de Julho. Neste espaço de tempo vou pôr em ordem alguns dos meus negócios.

*

O proprietário de um hotel de Jackson, no Missuri, queixou-se á Polícia de um cliente que lhe levou

(Continua na 7.ª página)

CHERCHEZ la FEMME...

O leitor tem à sua esquerda um grupo de fotos de meia duzia de sujeitos célebres e por baixo destas linhas mais meia duzia de senhoras que pertencem aos sujeitos célebres. A dificuldade, parece, reside em saber a quem elas pertencem. Será o leitor (ou a leitora) capaz de... «chercher la femme»?

Se não o conseguir, e para que remedeia essa falta indesculpável de cultura, faça o obséquio de folhear várias páginas até ancorar na página 6, lá num cantinho aonde vem tudo o que há a dizer a respeito de tão magno assunto.

ROLAND PETIT

ROBER HASSEIN

ARTHUR MILLER

YVES MONTAND

CHARLIE CHAP[illegible]

GERARD PHILIPE

1

2

3

4

5

6

Um poeta do povo

Não se trata de meter foice em seara alheia. E' realmente de um autêntico poeta que vou falar-vos, mas desses que não têm lugar nas páginas literárias. Pois quem seria o ensaísta capaz de gastar o seu precioso tempo a dissertar sobre a poesia simples do António Aleixo, cauteleiro e guardador de rebanhos, faminto e maltrapilho, espontaneo e quase analfabeto, cantor popular das feiras e romarias?

Sómente as «Subtilezas», as «cambalhotas» poéticas («Lá anda a minha Dor ás cambalhotas», dizia o Sá-Carneiro) poderão dar ensejo ás «difíceis» interpretações, tão gratas aos pontífices da crítica e do ensaio literário; mas a dor de quem tem mulher e filhos e carece de pão para lhes dar, a dor de ver definhar lentamente, sem possibilidade de assistência, uma filha tuberculosa, essa é simples de mais, não se escreve com maiuscula e não se presta a especulações ensaísticas. De resto, o Aleixo sabia muitissimo bem que não é de bom gosto falar nisso e disse-o mesmo claramente numa das suas admiráveis quadras:

Quem nada tem, nada come:
e ao pé de quem tem comer,
se alguém disser que tem fome,
comete um crime, sem querer.

O António Aleixo sabia também que aqueles para quem se fecharam as portas das escolas sómente poderão aprender alguma coisa na dura e impiedosa escola da vida:

Eu não tenho vistas largas
nem grande sabedoria,
mas dão-me as horas amargas
lições de filosofia.

E que certa, humana e simples é a filosofia deste poeta-vendedor-de-cautelas! Ele conhecia o exacto valor do difícil pão dos pobres e comparava-o, muito justamente, ás mãos calosas e firmes dos que vivem honestamente do seu duro labor quotidiano:

Gosto de apertar a mão
áspera dos calos que tem;
também as côdeas de pão
são ásperas mas sabem bem.

Inteligente e digno mas pobre até á indigência, Aleixo deve ter sofrido o achincalho, senão o desprezo, dos que costumam avaliar os homens pelas aparências. Muitos são os seus versos onde a dignidade ferida se insurge, a consciência do próprio valor se manifesta e a mediocridade dos infelizes avaliadores é causticada com áspera ironia:

Porque o Mundo me empurrou,
caí na lama, e então
tomei-lhe a cor, mas não sou
a lama que muitos são.
Sei que pareço um ladrão...
mas há muitos que eu conheço
que, sem parecer que o são,
são aquilo que eu pareço.

Ris de mim, e eu de ti
não me sei rir, nem preciso;
quem tem juizo não ri
dos que não têm juizo.

Viste que te tinha visto
rir dos farrapos que visto,
mas não viste que eu sorri;
se visses e compreendesses,
talvez não escarnecesses
de quem tem pena de ti.

António Aleixo, como todos os que sabem colher ensinamentos na dura aprendizagem da vida, não se deixava fácilmente impressionar por títulos ou fortunas e, apesar da sua triste situação de dependência económica, tinha a rara coragem de proclamá-la nos seus versos:

Uma mosca sem valor
poisa, co'a mesma alegria,
na careca de um doutor
como em qualquer porcaria.

Também os hipócritas foram rudemente atingidos por este simples poeta do povo, pouco disposto a aceitar como boas as palavras vazias de intenções sinceras:

Deixam-me sempre confuso
as tuas palavras boas,
por não te ver fazer uso
dessa moral que apregoas.

Da vida, paixão e morte de António Aleixo, sómente consigo saber que nasceu no Algarve, para as bandas de Loulé, penou de miséria e faleceu no dia 16 de Novembro de 1948, vitimado pela tuberculose. Mas os versos que alguns admiradores, em boa hora, o obrigaram a fixar para a posteridade numa pequena brochura, atestam bem as suas altas qualidades de homem e de poeta.

Viveu assim Aleixo o tempo dramático da ultima grande guerra e isso constituiu mais um motivo de sofrimento para a sua alma sedenta de harmonia:

Jesus disse que se amassem,
aos que cristãos se proclamam,
não disse que se matassem
e eles matam-se e não se amam.

E quando, procurando dar aos homens razões para matar e morrer as arengas das propagandas ecoaram pelo Mundo, o poeta duvidou das generosas promessas demagógicas e lançou aos propagandistas o seu sensato aviso:

Vós, que lá do vosso Império
prometes um mundo novo,
calai-vos, que pode o povo
querer um mundo novo a sério.

Foi assim António Aleixo: sempre sincero, por vezes rude, mas nunca consentindo em alienar a sua consciência em compromissos capazes de lhe facilitarem um pouco a sua infeliz existência:

Gosto do preto no branco,
como costumam dizer,
antes perder por ser franco
que ganhar por não o ser.

Se tudo me foi vedado,
se vivi de tudo á míngua,
deixai que vos mostre a língua
com o freio bem cortado.

A sua voz tomava acentos mais ternos quando o poeta se referia aos seus irmãos na humildade e na desgraça, e a sua sensibilidade era então capaz de descobrir poesia até na própria miséria:

Tu já viste a poesia
que há numa casa sem ceia
nem azeite na candeia
nem luz, se falta a do dia?

O' quem me dera sózinho
e em quatro versos sómente,
contar ao Mundo inteirinho
a mágoa de toda a gente.

Viveu, amou e sofreu muito esse pobre poeta-vendedor-de-cautelas que se chamou António Aleixo. Desesperou algumas vezes e queixou-se amargamente da sua sorte:

Por Deus ter recebido
tantas provas de bondade,
já lhe tenho até pedido
a morte por caridade.

Nunca, porém, apesar de tudo, conseguiu descrer da vida e dos homens e deixou-nos, como despedida, uma quadra que, melhor do que nenhuma outra, define a completa fraternidade humana deste genuino poeta do povo.

Estou gasto, velho e doente,
mas muito me satisfaz
ver o Mundo andar para a frente,
embora eu ande para trás.

RADIO-GRAMOFONE
ESTEREOFÓNICO
STEREO
modelo MAINAU 100
SABA

Chegou a 1.ª Remessa deste sensacional conjunto!

★ Amplificador de 2 canais
★ Gira-discos Dual automático

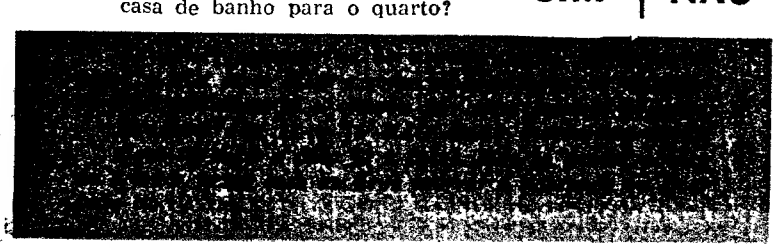
preço: 10.850$

À VENDA NOS AGENTES DA
GEP GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA GEP

VOCÊ

É UM MARIDO IDEAL ?

1. VOCÊ levanta os braços ao céu quando ELA pergunta: «Ainda me amas como no primeiro dia?»	SIM	NÃO
2. VOCÊ acha que pertence ás suas atribuições (de marido) engraxar o seu próprio calçado?	SIM	NÃO
3. VOCÊ diz diante de uma amiga que acaba de fazer «permanente»: «Olha: era assim que eu gostava que andasses sempre penteada!»?	SIM	NÃO
4. VOCÊ Não LHE dá razão diante dos filhos?	SIM	NÃO
5. VOCÊ diz-lhe quando ELA tem dificuldade em equilibrar o orçamento: «Não há duvida que não te sabes governar»?	SIM	NÃO
6. VOCÊ demora-se na companhia de amigos, esquecendo-se de que ELA pode estar inquieta?	SIM	NÃO
7. VOCÊ acha, depois de uma questão, que é imprópria da sua «importancia» dar o primeiro passo?	SIM	NÃO
8. VOCÊ responde-LHE quando ELA lhe lembra que não fez a barba: «Não vale a pena. Hoje fico em casa»?	SIM	NÃO
9. VOCÊ aproveita a circunstancia de um prato não ter ficado bom para LHE dizer: «Ah! e a minha mãe que fazia isto que era uma maravilha!...»?	SIM	NÃO
10. VOCÊ deixa que ELA pregue pregos, sem se oferecer para o fazer?	SIM	NÃO
11. VOCÊ invoca a futilidade feminina quando ELA fala de sedas com as amigas?	SIM	NÃO
12. VOCÊ recusa-se a ir ás compras ao domingo de manhã?	SIM	NÃO
13. VOCÊ exclama: «Mais um?» — quando ELA veste um vestido novo?	SIM	NÃO
14. VOCÊ acha ridículo propor-lhe um passeio como se fossem dois noivinhos?	SIM	NÃO
15. VOCÊ esquece-se de assinalar o aniversário de casamento com uma gentil lembrança?	SIM	NÃO
16. VOCÊ faz-lhe críticas desagradáveis diante de terceiros?	SIM	NÃO
17. VOCÊ desabafa: «Enfim, só!» quando ELA parte para férias com os filhos?	SIM	NÃO
18. VOCÊ ignora que ELA sente mais necessidade de afectos e de carinho quando espera um filho?	SIM	NÃO
19. VOCÊ considera impróprio ajudá-LA a pôr a mesa quando esperam convidados?	SIM	NÃO
20. VOCÊ ignora em que dia ELA faz anos?	SIM	NÃO
21. VOCÊ aproveita a altura em que ELA encerou o chão para ir a pingar como um chapéu de chuva, da casa de banho para o quarto?	SIM	NÃO



VIAGEM ÀS TERRAS DO SUL

(Continuação da 1.ª página)

da esforçada como a de um homem enfraquecido que não anda a direito, que ziguezagueia atordoado... E as ruas são torcidas, encontramos passo a passo angulos de concepção quase impossível.

A caminho de Lagoa, a ondulação do solo perde o desenho rápido, vêem-se moinhos de vento, figueiras rastejantes e agónicas sem que os sobreiros desapareçam, sem que as manchas amarelas da palha do trigo percam o predomínio. Oliveiras, de folha baça e acinzentada, salpicam aqui e além o terreno queimado. Bensafrim, piso de casas térreas ao longo da estrada, persegue-nos com a continuidade dos seus aspectos. Há hortejos a atapetar o chão, alfarrobeiras cheias de viço desafiam o Sol e as amendoeiras, envergonhadas, sem folhas, temem o bafejar da brisa.

Ao desfazer de uma curva avistamos a velha Lacóbriga e uma pincelada de mar azul intenso que desmaia com a distancia até beijar um céu pálido. Sol e cor começam a dominar como senhores feudais.

Lagos, como noiva do mar, vive a languidez da carícia das ondas.

Desde S. João á Praça Gil Eanes o cheiro acre da maresia, as águas mansas que arrulham contra uma pequena muralha, barcos presos a amarras, o silvo de um comboio, os movimentos rápidos de um operário de um pequeno estaleiro improvisado. Repare na cor do céu. Pode agora abrir o seu rádio. Não, isso não. Musica alegre, viva, fremente. Não estamos em terra de acompanhar defuntos. Se bem que a vida seja calma nada aqui existe a que possa servir de fundo essa toada de enterro barato.

Falei-lhe, Maria José, em Gil Eanes. Voltemos ao passado. Daqui partiram as naus dos Descobrimentos, Lagos que assistiu á despedida das armadas de D. Sebastião, Lagos é cidade estática que quase se anulou no entrechoque de glórias e reveses.

Tudo recordações... As arcadas da Praça da Republica que dizem ter servido de mercado de escravos, o velho palácio do Infante, transformado em hospital, a parte lateral de uma igreja datada de 1568, a janela manuelina onde o Desejado assistiu ao embarque das tropas, os dois fortes, um na Meia Praia e outro junto ao molhe, recordações que têm por fundo as águas do oceano. O mar, feitiço desta costa algarvia... Mar caminho dos Descobrimentos, mar fonte de vida, mar que nos enche os olhos de luz e de cor...

Experimentemos um pequeno passeio de barco. Num daqueles botes.

Aquele.

— Onde estamos? — Porque não faz a pergunta. Porquê essa cara sem expressão?

— «Na Praia Formosa». Estes dois rochedos, listrados de negro na base, lembram dois eunucos possantes defendendo uma virgem.

A água parece fender-se junto á quilha da lancha, os musculos dos remadores ora se contraem, ora se dilatam.

Atravessemos, como colunas de Hércules, aqueles dois penedos que se reflectem na água. Veja este penhasco enorme que desce quase em vertigem até acariciar a areia branca e fina. Volte-se agora para a orla imensa da Meia Praia.

Os remos chapinham na água parada. Aproximamo-nos da Boneca e de um outro rochedo rasgado em arcada. A' direita, um pequeno rectangulo de areia emoldurado por uma escarpa vermelha, gritante, a praia do Camilo. Do Camilo porquê? Talvez que exista certa semelhança entre este retalho da costa que nos fala em solidão e violência e o torturado romancista de Seide.

Repare naquela ponta altiva de terra que o mar ainda não conseguiu destroçar — a Ponta da Piedade. O recorte da costa multiplica-se. Há arcos de um rendilhado belo, leve, quase imponderável, colunas, grutas onde tudo é calmo, onde a luz, coada de cima, marcou efeitos surpreendentes de claro-escuro, onde o sussurro do mar lembra queixas e preces, onde a espuma alva imprime mais recorte, mais nitidez a estas formas caprichosas.

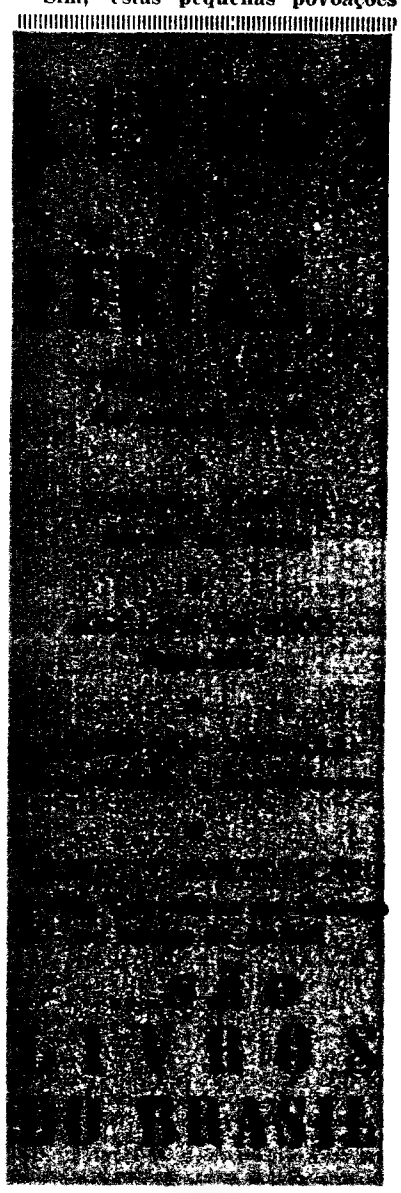
A Ponta da Piedade caindo abruptamente. A seu lado um colosso de rocha quase se desprende, quase se liberta para seguir mar fora á deriva, á aventura. Que lhe sugere? Uma esfinge? A «Esfinge» lhe chamam e como esfinge, de rosto indecifrável, assiste há milhares de anos a este espectáculo cheio de cor e beleza.

A Sagres agora...

Estrada maldita e estrada da promissão. Olhe estas figueiras. Parecem enterrar-se pelo chão abaixo. Sim, estas pequenas povoações têm qualquer coisa de característico, são gracis, são alegres. Gostaria de viver numa destas casas?

Almadena fica-nos para trás e o verde das árvores ganha, em contraste com os matos escuros, mais intensidade. O terreno ondula novamente e Budens e Figueira, com as suas casas agarradas ao solo, desaparecem como «duendes». Outra vez os campos de trigo, as terras barrentas, o descampado. Casebres isolados e onde em onde um pequeno oásis verde...

Praia da Rocha — Águas mornas, uma rocha admirávelmente rendilhada, caprichos das correntes e de uma idade da terra que ainda não ganhou estabilidade



Vila do Bispo... Não lhe parece que estes moinhos de vento esperam tensos pelo pano das velas? Nem sequer uma nesga de sombra.

Quilómetro a quilómetro a terra torna-se cada vez mais agreste, sente-se a ameaça de tanta grandeza.

Uma recta... Dois riscos de sangue das sardinheiras marcando a berma da estrada... Além as paredes tostadas de uma fortaleza.

Sagres é majestade, é grandeza, é silêncio quebrado pelo açoite do mar.

Uma capela em ruinas, uma rosa dos ventos e o mar infinito ante os nossos olhos...

Baluartes... Ameias... Nada, nada comparado com o domínio do mar. Passa por nós o vulto do Infante, pisamos emocionados o chão que ele pisou. Gil Eeanes novamente... Diogo Cão... Alvares Cabral... Vasco da Gama... Sim, foi neste ninho de águias que se moldou o cérebro das Descobertas, neste cadinho vazaram o sangue quente da aventura.

Sinto-a cansada. Sim, Maria José, a beleza também cansa pelo que nos transmite de emoção. Fujamos pois dos azuis, dos vermelhos, dos amarelos, reconfortemos um pouco o espírito cansado. Só o verde nos servirá de bálsamo e Monchique será agora a terra prometida.

Um salto de quarenta e três quilómetros de Lagos até á Foia.

Deixe de olhar esses terrenos salgados. Fazem arder os olhos.

Paciência, minha amiga. A paisagem é assim de Lagos a Portimão — plana, mordente, com uns tufos de verde, lá de onde em onde.

Corre-nos agora á esquerda a ribeira de Boina e o solo começa a convulsionar-se. Os montes tomam gradualmente altura, unem-se uns aos outros em pregas profundas e a estrada serpenteia entre as barreiras de xisto, como um réptil fustigado pelo sol.

A vegetação adensa-se. Acácias perfiladas ladeiam a faixa de rolagem alcatroada e as pequenas manchas de pinhal descem até nós.

Mais acácias, cedros e eucaliptos

(Continua na 6.ª página)

Bel-Ami

Por GUY MAUPASSANT

A conquista da senhora Walter foi um trabalho um pouco árduo e muito cínico. Jorge, na sua ansia de grandeza, nem um momento sequer pensava que ela era casada, tinha filhas já quase umas senhoras e que, sobretudo, era uma mulher honesta.

Pelo menos foi-o até que ele pensou conquistá-la. E conseguiu-o; conseguiu-o fingindo amá-la, fingindo soluços, sofrimento que estava longe de sentir. Quando a abraçou a primeira vez, saiu sem pedir mais; na rua mandou um telegrama á senhora de Marelle, marcando um encontro para o dia seguinte. E foi para casa questionar com a mulher.

A paixão da senhora Walter foi fulminante, tanto mais fulminante quanto ela se julgava pecadora. A senhora Walter era profundamente religiosa e isso bastava para lhe dar as mais sinistras visões do Inferno. Mas amava, com toda a fraqueza da mulher que não é feliz com o marido. Amava, pecava e murmurava, no segredo do seu coração aflito: Misericórdia!...

Ao mesmo tempo, a politica ia-se complicando. Du Roy procurava tirar partido da situação. A sua casa acorria agora o que Paris tinha de melhor. Os ministros comiam á sua mesa. Tinha uma mulher encantadora. E duas amantes cheias de sedução, uma de dinheiro e outra de um marido influente —, daquela influência que dá uma sólida fortuna.

Jorge farejava um escandalozinho que lhe pusesse nas mãos um pouco também de sorte e dinheiro

Veio o Outono. Os Du Roy tinham passado todo o Verão em Paris, por causa da campanha enérgica da «Vie Française» — o jornal onde orge trabalhava no lugar de Forestier — a favor do novo gabinete, durante as curtas férias dos deputados. A «Vie Française» ganhara uma importancia considerável, graças ás suas conhecidas ligações com o Poder.

O salão de Madalena tornara-se um centro influente, onde se reuniam, todas as semanas, vários membros do gabinete.

Quando, depois da partida das visitas, Du Roy ficava só com a mulher indignava-se, com ameaças na voz e entoações pérfidas nas palavras, contra as atitudes do medíocre aventureiro que ele julgava o ministro dos Negócios Estrangeiros, reinando naquela casa como senhor. As cenas eram cada vez mais frequentes entre o casal.

E a senhora Walter começa a entediar Jorge medonhamente. Aquela mulher já madura, que tinha tido até ali uma vida irrepreensível, agarrava-se agora ao amante, perdidamente, lançando-se naquele amor como quem se atira ao rio com uma pedra ao pescoço. Enchia-o de frases amorosas que cheiravam um pouco a bafio, palavras de quarenta anos que nunca tinham sido jovens nem usadas. Escrevia-lhe dez cartas por dia, cheias daquele sentimento pegajoso, cartas apaixonadas, em estilo bizarro, poético e ridículo, empolado como o dos Indianos, chamando-lhe muitos nomes de animais e de pássaros, «mon petit chien», «mon chat», «mon bijou» e outros mais que o enjoavam. E ela teimava em repetir, sempre que se encontravam naquele quarto alugado — o quarto-ninho da senhora de Marelle — frases como esta, «Como gosto de ti, meu gatinho» (ou meu menino), «Gostas de mim, meu bebé?» e Jorge sentia desejos de a mandar passear, a maçadora, a enfadonha, a colegial depravada, a ingénua de teatro!

Jorge começou a frequentar muito a casa dela, no receio de ser surpreendido pela senhora de Marelle, no quarto que ela própria pagava. Jantava e almoçava várias vezes por semana em casa dos Walter e brincava muito com as filhas do casal, principalmente com Susana, menina de espírito ágil e malicioso, espírito cáustico e astuto que troçava de tudo e de todos, sempre a chamar por ele «Ouça, Bel-Ami, venha cá, Bel-Ami»... e Jorge deixava a mãe e ia para a filha, que lhe murmurava ao ouvido qualquer coisa maliciosa e ambos riam de boa vontade.

Cada vez mais enfadado com as carícias da mãe, Jorge sentia verdadeira repugnancia por ela. Já não podia ouvi-la nem vê-la, nem pensar nela sem cólera. Deixou de frequentar-lhe a casa, de responder ás muitas cartas e de atender os seus apelos.

A senhora Walter compreendeu e sofreu infernalmente. Procurava todos os pretextos para aparecer na casa da Rua de Constantinopla. Chamava Jorge continuamente com recados cheios de urgência; e Du Roy ficava á espera de ver um dia aparecer a senhora de Marelle ao mesmo tempo que a outra. A sua afeição pela senhora Marelle aumentava constantemente. Passaram um Verão de amores deliciosos, um Verão de estudantes que fazem pandegas, que se escapam para ir jantar ou almoçar aqui e ali, ou passar horas num barco, ou apanhar flores nas margens do Sena.

Quando era preciso voltar para ir jantar a casa da senhora Walter, odiava-a sinceramente.

Um dia Jorge resolve acabar com tudo. Mas em resposta, a senhora Walter chama-o ao quarto alugado e aí lhe revela um segredo politico a que o marido andava ligado e poderia dar, a Jorge, a ganhar, uma fortuna. Propõe-lhe entrar a meias no negócio e arriscando o dinheiro do marido. Jorge aceita.

O negócio da senhora Walter faz-se. Ambos recebem uns milhares de francos e o marido Walter fica imensamente rico.

Walter quis mostrar que se tornara uma das maiores fortunas da França, compra um palácio de um principe em apuros, com todo o luxuoso recheio. Convida os primeiros visitantes para o palácio, entre eles os Du Roy.

No palácio, Jorge cumprimenta a senhora Walter com frieza; esta empalidece, perturba-se, quer dar um passo para ele mas não consegue; sofria demasiado.

—Oh! Até que enfim aparece, Bel-Ami! Porque não o vimos mais?

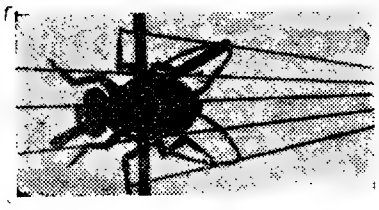
Era Susana, a filha mais velha dos Walter. Com toda a ingenuidade da sua pouca idade, e a exuberancia própria da juventude, enfia o braço no dele e leva-o pelo palácio, a passear.

Então, uma ideia diabólica surge no seu espírito cínico: «Com esta é que eu devia ter casado! Como é que não pensei nisso?»

Um despeito, um despeito amargo, caía-lhe na alma, gota a gota, como um fel que corrompia toda a alegria e tornava odiosa a existência...

... ...

Eis a condensação de parte do romance de Guy de Maupassant, BEL-AMI, que a Portugália acaba de editar na sua grande colecção «Os romances universais».



Não é preciso ir ao coração da Africa e ver os estragos da mosca Tsé-Tsé, para avaliar quanto estes insectos são perniciosos. Todos conhecem a chmaada «mosca doméstica» ou a pior ainda «varejeira», a mosca da carne. E todos conhecemos quão irritantes são as familiaridades de tais animaizinhos, propagadores de germes e doenças variadas.

De resto, basta observar as suas idas e vindas para avaliar a grande actividade destruidora de que podem ser capazes... pousam nas imundícies, no estrume, nos frutos e carnes putrefactas e depois, num á-vontade extremo, vêm até aos nossos bolos, doces, aos pratos mais apetitosos...

Estas práticas bastam para lançar as moscas fora da boa sociedade.

Se pensarmos na rapidez com que este daninho animal se reproduz, não hesitaremos na sua destruição sistemática, embora sem crueldade inuteis, claro está.

Como em todas as coisas, é mais fácil prevenir que remediar; evitando que os restos de alimentos fiquem espalhados pela casa, guardando os géneros no guarda-comidas (se não têm frigorífico), já reduzimos a invasão das moscas. E' a isto que podemos chamar «defesa passiva». Mas quanto aos meios ofensivos, eles também não faltam.

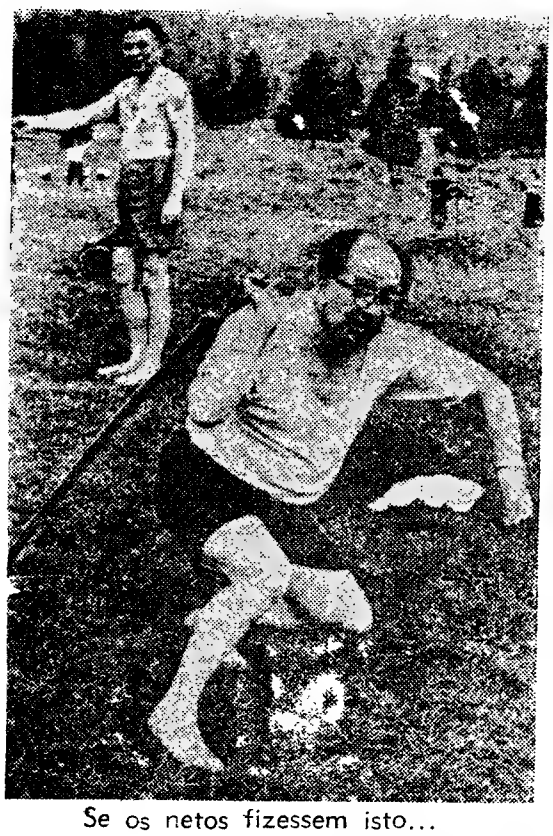
Desde os mata-moscas aos insecticidas com D. D. T. quanto á variedade de dar fim a estes insectos!... E desde que o inimigo não pouse numa jarra de cristal ou na careca do marido (se ela for de estimação) até um jornal dobrado é eficaz... ou a própria mão... (Que porcaria!)

Mas já reparou como elas escapam aos nossos golpes certeiros? Terão radar que lhes permita evitar o golpe fatal, por segundos, apenas?

Se se dedica a esta espécie de caça e com estes métodos rudimentares, procure dar-lhe a pancada bem direita visando um pouco atrás dela, a fim de prevenir todo o movimento de retirada.

Um dos inimigos mais encarniçados das moscas é a aranha. Muitas vezes as vemos a estrebuchar nas teias armadas nos tectos das nossas casas. E contudo, achamos que é feio ter teias de aranha, é inestético, é pouco limpo, etc., etc., e vá de puxar do espanador de cabo comprido e vasculhar os tectos. A aranha é um animal que por si, se torna antipático, não inspira benevolência alguma? E' certo.

Mas, na Natureza, devemos saber enohecer os animais nossos amigos e os que o não são, antes de os extinguir. Para as moscas... guerra sem quartel...



Se os netos fizessem isto...
...eles batiam-lhes

Só... para homens

Um novo método para a cura de perturbações cardíacas e circulatórias

(Continuação da 1.ª página)

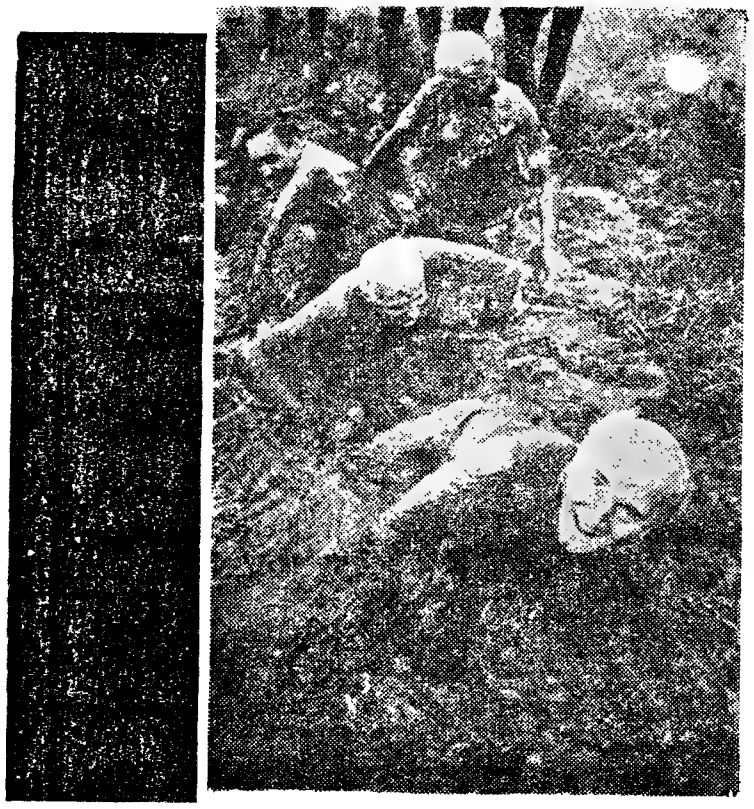
e ao fim de quatro semanas voltam á cidade, aos seus afazeres, perfeitamente recauchutados (eles, que tinham ido para a clínica, verdadeiramente «nas lonas»).

Segundo o dr. Pedro Beckmann, director da original casa de cura, já puseram na afinação 15 mil exemplares avulsos do sexo forte.

E' verdade: do sexo forte. Que as mulheres tenham paciência: ainda não houve um cientista caridoso que lhe arranjasse uma clínica tão divertida como esta. Dirijam-se ao dr. Pedro Beckmann, Ohlstadt, Garmish, Baviera.

Quem sabe? Talvez consigam demovê-lo a organizar para o «sexo-fraco» uns banhozinhos de lama. Como aperitivo, juntamos cinco fotografias: são uma tentação! Vejam os doentes de fígado e os neurasténicos o que perdem por o dr. Beckmann não lhes deixar assistir, bem sentados numa tribuna, a tão divertido espectáculo.

Parece que acabou de fazer um excelente negócio, mas trata-se apenas de escaldar a pele com uma escova dura. Em seguida, vem um balde de água fria.



Se os seus colegas e subordinados o vissem assim, ardia Troia !

Toda a vida ele disse aos filhos: «É feito espreguiçarem-se». Agora, porém, trata-se de uma doença.

UM VALE ENCANTADO: GORÉME

Entra-se nele por uma porta cheia de prestígio: a cidade de Kavseri, a antiga Cesareia, baptizada por Tibério, sequeada outrora pelos Persas, conquistada pelos Turcos, depressa uma cidade que foi teatro de acontecimentos famosos.

O vale de Gorême começa, pois aí, oferecendo-nos paisagens fantásticas, e uma história muitas vezes milenária. Como se formou este estranho vale que mais parece pertencer a Lua que ao nosso planeta? Simplesmente por um curioso e incansável trabalho da Natureza, essa incomparável arquitecta. Imaginem um planalto onde a erosão traçou inumeráveis ravinas, mas não como aquelas que vemos entre nós, mas traçadas num material que é uma mistura de areia, de silex e argila, as matérias vulcanicas que aí abundam, oferecem desigual resistência á erosão E foi assim que nos ficou o espectáculo estranho e maravilhoso de milhares e milhares de chaminés fantasmagóricas, de variados tamanhos e variadas formas. E imaginem, por entre elas, verdejantes jardins e alouradas vinhas, matizando os terrenos coloridos!

Disseminadas nas pregas do vale, tranquilas vilas dão-nos a nota moderna do trabalho do homem nesta sinfonia estranha, com as suas pequeninas casas cubicas que, de longe, dir-se-iam as pedras de um jogo vivo. Mais acima, talhadas mesmo na rocha, desenham-se fachadas de habitações tradicionais que fazem embrar ninhos de vêspas, empoleadas como estão nas altas chaminés.

Entre os séculos IX e XII, os monges instalaram nestas construções naturais, igrejas, capelas e necrópoles e decoraram-nas com frescos admiráveis de que o tempo respeitou as belas cores e a inconfundível frescura.

As primeiras pinturas são simples desenhos geométricos; mais tarde vieram retratos e cenas da Génese, traçados com símbolos bizantinos e sublinhados por inscrições em lingua grega Capelas e habitações são unidas entre si por estreitos subterraneos, cujo itinerário constitui uma feérica viagem num reino de pedra.

E dizer que estas gigantescas chaminés ficaram assim unidas, através os séculos, fraternalmente chamado «Domínio da Virgem» — um domínio que compreende oito andares e comporta três igrejas e cinquenta casas!

Pena é que a Capadócia fique tão longe de nós... porque que rico fim de semana... com sardinha assada e galinha fria... e papeis espalhados pelo chão, ao gosto tão nacional.

PEDRAS QUE SE TRANSFORMAM

Há muito quem se interesse por ro-as e aproveite as férias para enriquer a sua colecção. Mas por acaso, to-s conhecem as pedras que se transrmam?

Na verdade, como acontece com os imais e as plantas, certas pedras vim e transformam-se, no decorrer da a existência, segundo as circunstancias. ssim, o verde luminoso da esmeralda palidece com a luz; o violeta escuro ametista torna-se mais claro, sob a ção do calor.

Certos zircónios, especialmente os verelhos, descoloram por calcinação e, ao smo tempo, tornam-se luminosos. bmetidos aos raios X e radiações ráoactivas, podem retomar a cor prilitiva. A turquesa oriental perde o brio, com a idade. Pode dar-se-lhe uma unda juventude, pelo tratamento com na solução de carbonato de sodio.

Expostas ao Sol, os pedaços de «bacannite», variedade rosa da sodalite, rdem rápidamente a cor: mas, conserdas na escuridão, retomam-na com fadade. Se os fragmentos são submetis a uma fonte de raios ultra-violetas trados e separados da luz visível, apaem, então, com uma bela fluorescência rosa salmão. Todas estas mudanças parecem dever-se á presença, na pedra, de traços de manganésio, que lhe dão, igualmente sob a acção do calor, belos reflexos luminescentes.

As calcites rosas do Texas têm as mesmas propriedades. A «gilepsite», mineral muito raro do Alasca, rosa no estado natural, torna-se azul - violeta quando aquecido e volta a rosa, ao arrefecer. As colorações normais do sal-gema vem do incolor ao vermelho, ao castanho e ao cinzento. A lenta acção dos raios radioactivos ou uma irradiação intensa dos raios X transforma estes tons num belo azul luminoso.

Muitos sábios estudam, actualmente, as causas destas mutações no reino mineral. Uma das razões é a presença de elementos sensíveis á luz e ao calor. A influência dos raios X e ultra-violetas, das radiações activas sobre certas partes metálicas dos minerais e sobre os óxidos que entram na sua composição, parece estabelecida. Todos estes fenómenos estranhos servem de base a pesquisas que permitirão, sem duvida, no futuro, conhecer a vida e evolução das pedras tão bem como a das plantas, dos animais e dos homens.

Não se perde a semente

E' verdade. Não se perdeu. Além de B. B. vai haver em breve b. b. Brigite Bardot já comunicou a cinéfila notícia ao realizador do próximo filme. Foi ele o segundo a saber do caso. O primeiro foi o pai da criança.

SABER COMER

O ALPERCHE

Da China vieram; e lá ainda se encontram em estado selvagem, nas montanhas de Pequim, onde vivem desde tempos imemoriais. São mencionados em muitos textos gregos e latinos, mas só os conhecemos depois da Era de Cristo. Também na Arménia foi cultivado com o nome de «maçã da arménia», tal a sua popularidade.

E' um fruto muito apreciado entre nós, talvez de mais fácil digestibilidade que o pêssego; mas de curta duração, há que conservá-lo por vários processos, de modo a consumir-se no Outono e no Inverno.

Sua composição química:

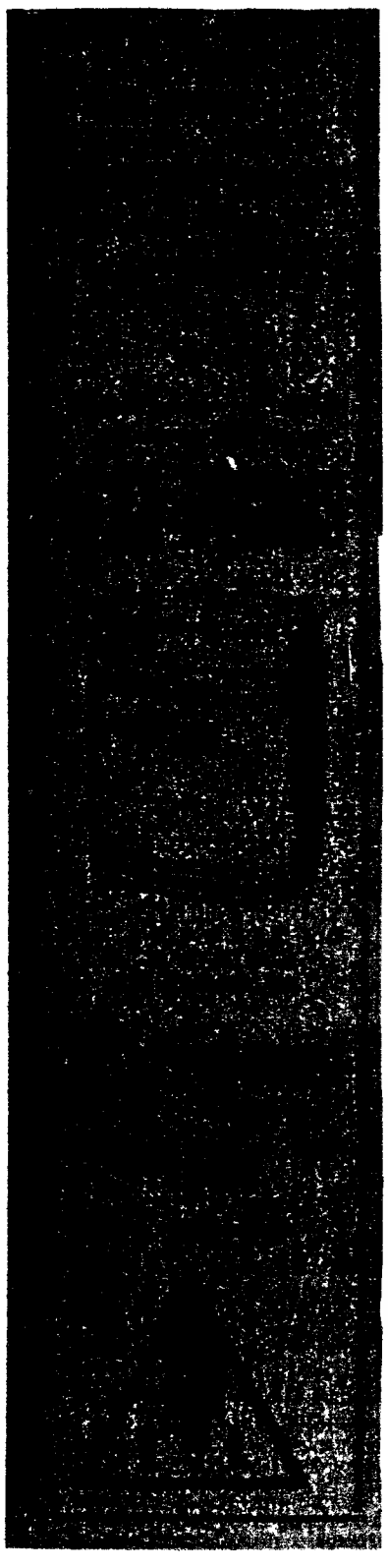
Açucar	*8,10*
Hidratos de carbono	*6*
Acidos	*1*
Albuminas	*0,45*
Matérias gordas	*0,12*
Celulose	*5*
Cinzas	*0,80*
Agua	*8*

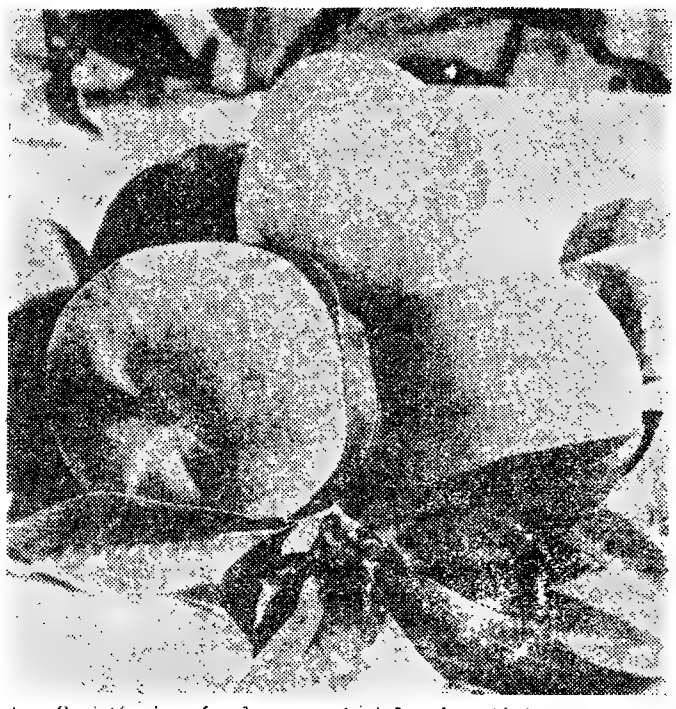
Tem ainda uma quantidade de glucose, cuja proporção diminui á medida que os alperches amadurecem.

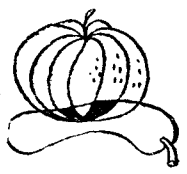
Vitaminas que contêm:

A vitamina A, vitamina de crescimento. Resistências ás doenças, defesa dos olhos.

A vitamina B_1: equilíbrio nervoso; factor do apetite; utilização do açucar do pão e dos féculentos.







A vitamina B_2: assimilação geral; equilíbrio nutritivo.

A vitamina C: estabilidade sanguínea; Secreções internas; destruição dos tóricos; anti-escorbútico.

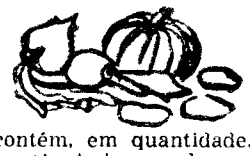
A sua bela cor que tão bonitas

tornam as geleias e as compotas são um derivado muito próxima da coratina.

Das nozes dos alperches pode obter-se um óleo que muito bem substitui o óleo de amêndoas doces

A MAÇÃ

Não há duvida de que a época nos facilita o nosso «stock» de vitaminas, oferecendo-nos tantas e tão variadas frutas qual delas a mais apetitosa e a mais proveitosa. A maçã é, sem duvida alguma, uma das melhores, pelo seu poder calmante. A maçã contém, em pequena escala, as vitaminas A e B:



mas contém, em quantidade, as C e G, e sobretudo grande quantidade de sais minerais preciosos. O sumo de maçã fresco substitui com vantagem o copo de sumo de limão matinal.

Como obter um bom sumo de maçã?

Não pelar as maçãs nem tirar as pevides. Cortar simplesmente em pedaços que caibam no espremedor. Obterão um sumo como nunca lhes foi dado provar. Beber tanto quanto possível enquanto está

fresco; guardar o restante no frigorífico. Para evitar que o sumo de maçã vermelha ou verde perca as suas lindas cores, deitar-lhe algumas gotas de sumo de limão A grande quantidade de pectina que contém torna-o uma das bebidas mais calmantes que é possível arranjar e uma das mais apreciadas.

O ANANÁS

O ananás é um fruto muito rico em sais minerais. Além disso, contém as seguintes vitaminas: A, B_1, B_2, C.

O ananás pode comer-se com ou sem açucar, misturado em saladas com outras frutas ou em compotas. Também as rodelas cristalizadas são muito apreciadas, desde que se saibam preparar.

Aplicações diversas do limão

Se tem a pele gordurosa, esfregar, todas as manhãs, o rosto com sumo de limão, embebido num pouco de algodão. Deixar secar durante uns vinte minutos antes de aplicar o creme ou o pó de arroz.

Para conservar as mãos macias, esfregar com uma mistura de sumo de limão, glicerina e água de colónia em partes iguais.

Se as unhas se lhes partem, aplicar durante uma semana e de manhã e á noite, sumo de limão.

Para conservar os dentes brancos esfregar enérgicamente, uma vez em cada semana, com sumo de limão. Ao mesmo tempo as gengivas tornar-se-ão mais sãs.

Um pouco de sumo de limão na água de cozedura das batatas, evitará que elas escureçam e dá-lhes um sabor especialmente agradável.

Um pouco de sumo de limão na água da cozedura do peixe, torná-lo-á mais branco e mais rijo.

Um pouco de sumo de limão no peixe cru, ao mesmo tempo que se salga, dar-lhe-á brancura e torná-ló-á mais rijo.

Os cobres escurecidos retomam todo o seu brilho, se os esfregar com uma metade de limão com sal grosso.

As joias de prata podem ser limpas com um pedaço de limão. Depois de os esfregar passar com água quente e secar com pano de lã ou camurça.

Para limpar uma chaminé de mármore branco esfregar a sua superfície com meio limão, insistindo nas nódoas. Passar seguidamente um pano fino ligeiramente molhado em óleo.

3 RECEITAS de FRUTAS

ALPERCHES COM MERENGUES

Cortar os alperches e dar-lhes uma leve cozedura em calda de açucar. Colocar no fundo de um prato de ir ao forno. Rodear com claras batidas em castelo, misturadas com açucar e morangos esmagados. Levar rápidamente ao forno e comer fresco.

MAÇAS COM SUMO DE LIMÃO

Cortar as maçãs já descascadas e sem pevides, em fatias de 1 centímetro e meio de espessura. Dispô-las num prato de ir ao forno, em camadas, juntar o sumo de limão e o mel e, por cima, algumas colheradas de manteiga. Cozer em forno moderado, cerca de 30 minutos, até que a maçã esteja tenra. Servir quente ou frio coberto ou não de creme fresco.

Maçãs, 2 grandes;
Sumo de limão, meio limão;
Mel, 2 colheres de sopa;
Manteiga, 3 colheres de café.

(Esta receita dá bem para três pessoas e leva 5 a 10 minutos a preparar).

SALADA DE ANANAZ

Pode servir-se na própria casca. Cortar, primeiro, uma rodela no prato. Com cuidado, retirar a polpa. Cortá-la em pedaços pequenos, deitar açucar e sumo de limão e meter na casca (Querendo, pode juntar com outras frutas também cortadas em pedaços).

Viagem às terras do Sul

(Continuação da 3.ª página)

quase se entrelaçam desafiando os raios de sol a atravessar-lhes a folhagem compacta.

Um ramal de duas escassas dezenas de metros e estamos nas termas.

Não pense, minha admirável Maria José, que vai encontrar nas Caldas de Monchique a sumptuosidade dos «Palaces». Aqui tudo é pobre, menos a paisagem.

Vamos descer ao Paraiso. Uma abóbada de folhagem nos protege e a ribeira limpida corre molemente rodeando calhaus ora negros, ora avermelhados. Pequenos olhos de sol marcam na terra castanha círculos luminosos. Uma ponte... Uma pequena cascata... As cigarras cantam e tudo é verde á nossa volta.

A água vai cavando os estratos xistosos, aprofunda-se cada vez mais e o caminho aperta-se, estrangula-se. Em baixo uma represa desconjuntada, mais além o arco de uma ponte.

Que diz a este pequeno apontamento? Uma escada... Hortenses azuis... Um lago «snob» de jardim... Três eucaliptos em cujos troncos meninas romanticas, cravaram corações e escreveram versos... Uma mesa de pedra... Uma fonte... a Fonte dos Amores. Como você se sentiria bem aqui!

Tornejemos a capela e internemo-nos na mata. Conforta o ar perfumado pela resina dos pinheiros. Lá do alto contemplaremos um dos mais variados panoramas do Sul.

Estas pedras avantajadas, que pararam ao encontrar qualquer obstáculo, lembram os poios semeados no vale do Zêzere.

Veja estas encostas talhadas em socalcos, têm por vezes o aspecto dos anfiteatros romanos.

Como lhe afirmei, Monchique é terra cinzenta e insensivel. Não vê as folhas das árvores, não ouve o cantar das águas que saltam de canteiro em canteiro, não sente o pulsar da seiva, não respira o ar purificado pela vegetação exuberante.

Começamos a subida para a Foia. Olhemos em redor. Na frente o retalho verde dos soutos que sobem de um e do outro lado da ribeira da Serra; a seus pés os degraus de uma escada monumental que desce até ao Pé da Cruz e a norte a vila que parece deitada na aba de um cerro.

Repare bem nisto: onde encontrou um palmo de terra cultivável, o homem ergueu muros de defesa contra a erosão e plantou jardins. Quão penoso o seu esforço... A água corre por toda a parte. Dá-nos vontade de cair de borco numa prece á terra..

A arborização baixa de densidade á medida que subimos, as arestas vivas das massas de pedra são punhais que procuram ferir-nos, o ar torna-se mais puro, a temperatura desce e a montanha recebe-nos desdenhosamente.

Uma curva larga... Sim, estamos na Foia.

Perde-se a noção das distancias, parece que nos debruçamos ante um mapa em relevo. O Alentejo, na sua vastidão, como que se espreguiça... O recorte da costa surge-nos nítido, vincado... Manchas claras de muitas casas juntas. Portimão... Alvor... Lagos... As ameias da Meia Praia... Mais longe, Sagres e S. Vicente... Olhe para os lados de Aljezur. Os montes parecem ventres pejados.

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER
nos restaurantes
BELO HORIZONTE
Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442
SOLAR BOÉMIO
R. dos Correeiros, 125-129—T. 25277
A GAIVOTA
L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21585
FLOR DE SÃO PAULO
Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 25017
TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA
e dum serviço rápido e económico

O que ainda estava por ler

(Continuação da 1.ª página)

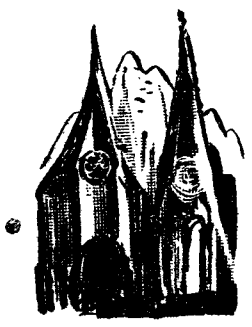
umas toalhas, a televisão, um candeeiro e uma colcha.

— Todos os clientes — disse o hoteleiro — levam sempre qualquer coisa como recordação da estadia. Desta vez, porém, houve exagero.

«Minha mulher, apesar dos meus conselhos, tirou carta de condução e anda agora «embarcada» numa *Chevrolet* verde, modelo 1956. Aviso todos os que a encontrem para que se ponham ao fresco mal a vejam».

*

INGLATERRA



O *New Statesman* publicou o seguinte anuncio: «Não renunciamos a estimular e a promover ideias progressistas num ambiente cordial e pacífico. Escrever para a Liga Progressista, 20 Buckingham Street».

*

DURANTE o espectáculo *Noite das cem estrelas*, o célebre actor Lawrence Olivier, deu, apesar dos seus 53 anos, mais uma prova dos seus dotes acrobáticos. No regresso ao camarim disse-lhe o regista:

— Larry, você é fantástico! O que faz para se manter sempre jovem?

— Muito simples — respondeu o actor — todas as manhãs me exercito a levantar pesos.

FRANÇA

EIS o texto dum anuncio benemérito aparecido num *diário* de Paris:

CHERCHEZ LA FEMME

(Solução da página 2)

1. **Roland Petit e Zizi Jeanmaire**
2. **Arthur Miller e Marilyn Monroe**
3. **Charlie Chaplin e Oona Chaplin**
4. **Gérard Philipe e Anne Philipe**
5. **Yves Montaud e Simone Signoret**
6. **Robert Hossein e Marina Vlady**

O comediógrafo Georges de Witt fez a seguinte descoberta:

«O *vison* não é o unico animal esfolado ao serviço das mulheres. Os maridos também».

ALEMANHA

UM deputado demo-cristão aconselhou Adenauer a casar-se mais uma vez. O provecto político de 83 anos declarou-se disposto a enfrentar a aventura, com uma condição apenas: que a noiva seja muitíssimo nova.

*

O pintor Harry Schaefer, de Leverkusen, pinta os seus quadros (retratos, naturezas mortas e paisagens) servindo-se de sangue de animais. Em casos particulares serve-se também do seu. O pintor, que fez há pouco um retrato de Soraya, extrai de tanto em tanto tempo o sangue e conserva-o...

ITÁLIA

SUBIU espectacularmente a média de automóveis por habitante: em 1955 era de um automóvel por cada 97 habitantes; agora passou a um automóvel por 27 habitantes.

*

O senador Lando Ferretti, do M. S. I., propôs que se mudasse a designação *Ministério da Instrução Publica* pela de *Ministério da Educação Nacional*, usada no tempo do fascismo.

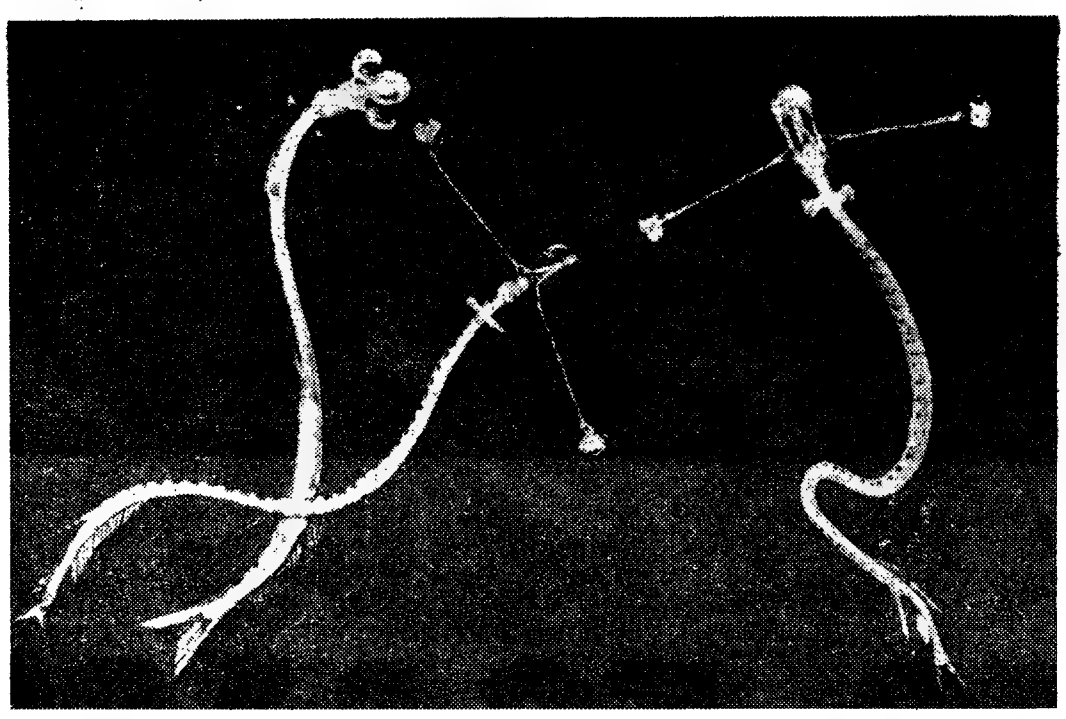
RÚSSIA

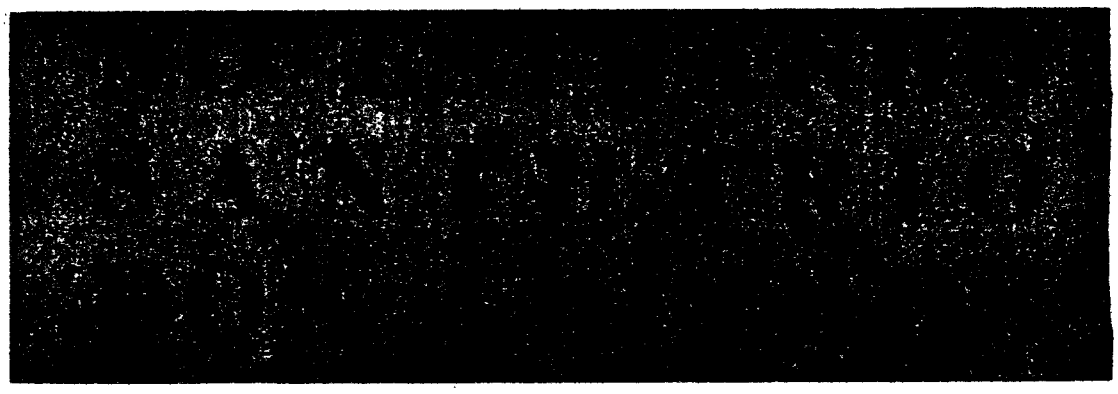
O Tribunal Supremo da Republica Federal Russa confirmou a sentença de morte contra um tal I. Klestcev que, conduzindo a toda a velocidade e em estado de embriaguez um automóvel, matou três crianças, pondo-se em fuga.

Tiveram pesadas penas os companheiros de pandega.

*

NA Feira das Industrias de Moscovo foi exposta uma *maquette* da central solar de 10 mil kW, que será construída na Asia Central.





(Continuação da 1.ª página)

pelos degraus de aço. Pus os pés no santuário, isto é na esfera.

— Imaginem que estamos a um momento de mergulhar — diz uma voz surda. A esfera situada na parte mais baixa do navio está a vários metros sob a água, mas oscilamos ainda ao sabor da ressaca.

Por cima de nós, dois homens procedem ás ultimas verificações. Dois outros, equipados como homens-rãs, evoluem em volta, para controlar a arrumação das caixas carregadas de chumbo que será deitado fora, em caso de perigo, se o batiscafo tiver necessidade de subir de repente, e todos os acessórios que serão precisos durante a rebocagem. Dentro, a estanquicidade é perfeita. De resto, tudo é perfeito ali dentro. Nunca uma gota salgada poderia entrar no aparelho.

Em volta de nós as paredes desaparecem sob um espesso amontoado de aparelhos e de quadros de comando. A peça serve de laboratório e de cabina de pilotagem. Não há cadeiras, nem um mínimo de conforto. Apenas alguns bancos, onde uma pessoa mal se pode sentar. Também o tempo será pouco para refrear a curiosidade, se as maravilhas forem tantas e da mesma ordem que nos anunciaram. Quem pensará em perder pitada daquele mundo jamais visto? De resto, o comandante bem nos recomenda — talvez tenham percebido o nosso olhar — que aquilo não é um salão, mas um instrumento de trabalho. Só por acaso, leva ali a curiosidade de um homem comum. O batiscafo não foi estudado nem construído para turismo submarino, nem para bater «records» sensacionais. E' apenas — e é muito — destinado a ser um simples utensílio de pesquisas científicas.

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

EMPATE LISBOA-RIO TINTO, OU A HISTÓRIA DUMA «CENTENÁRIA» BÍGAMA. DESCOBRIU-SE O COROLÁRIO DO PROVÉRBIO: «QUEM NÃO TEM CABEÇA NÃO PAGA NADA». A MORALIDADE DO «BARRETE».

A moralidade do «barrete» já os **meus prezados leitores e amigos** vão saber qual seja. Para isso temos de recuar um pouco no tempo.

Era, pois, uma vez uma «centenária» cheia de «jeunesse» que deu sorte a dois homens que perderam a cabeça. A «centenária» tornou-se bígama e a moralidade da história é esta: os dois sujeitos enfiaram o barrete na cabeça um ao outro.

Lindo não é?

Que pena que um seja de tão longe!... Calculem os dois a sair ao mesmo tempo da Administração do «Lisboa», a olharem muito desconfiados e moídos um para o outro.

O que é de longe (de Rio Tinto, R. Fernão de Magalhães, 125) é o sr. Manuel de Mello, autor dos seguintes tratados:

— A CABEÇA, nos homens geniais é a máquina propulsora do progresso;

nos normais, é o dispositivo (um bocado perro) que põe rotineiramente em andamento a monótona vida quotidiana;

nos anormais (refiro-me aos fabianos que usam rachinhas no casaco, calça muito estreita, etc.) — é um veículo de cabeleira hermafroditamente penteada.

Nas mulheres (em geral) — é um mostruário onde tudo é posto em exposição: joias, rabos de cavalo postiços (e pròpriamente, ditos), alguidares, chapéus de sol e, até, produtos de drogaria (pós, manteigas, produtos químicos e etc.);

nas beatas, é um poço de apreensões, confusões, superstições, minhocas, sentidos figurados e... outras preocupações;

nas jovens de 15 anos, é toda uma imaginária cidade Hollywood, com imaginários estudios de cinema, onde essas mesmas jovens fabricam os seus imaginários filmes com ricos casamentos, ricos espadas, ricas viagens... etc. — filme.

Em certos carecas é um globo terrestre atravessado no hemisfério norte (ou despegado) por uma auto-estrada.

Nos (verdadeiros) miseráveis — é a floresta virgem por onde certos animais passeiam, errantes...

Nos jogadores de futebol — é a ferramenta necessária á obtenção do pão nosso (bem chorudo!!!) de cada dia.

No Yul Brinner — é uma montanha escalvada... pela sede... do dinheiro.

Nos reis — é o sustentáculo da ... coroa.

No Zé Povo — é um barómetro: pelo numero de rugas que lhe aparecem na testa, se podem avaliar as suas preocupações...

...Mas isto de «cabeça» daria bem matéria a nunca ouvido [canto!

se por aqui me fico,

— E' porque, para os cem, não é pre- [ciso tanto!...

Claro que o sr. Manuel de Mello merece vários reparos. Um deles é por causa dos etcs. O que é que quer dizer «rachinhas no casaco, calça estreita etc.»? Quererá dizer «calça até abaixo»? Ou calções? Como vê, estas duvidas são cruéis.

As mesmas duvidas a respeito das mulheres. Aquele «etc.» a seguir de «produtos químicos» quererá significar «adubos»?

Idem, aspas com as «meninas de 15 anos».

Quanto á «coroa» olhe que não estou bem certo se a «cabeça» será o sustentáculo da dita. Melhor será pôr «cranio», porque, como sabe, cranio é apenas o vasilhame da cabeça.

Sobre o «Zé Povo», nosso ilustre amigo, também teríamos que falar... As rugas do Zé Povo não são na cabeça, ou então é um Zé Povo de riscado.

Como vê, prezado sr. Manuel de Mello, para os «cem» é preciso muito. E a prova é que o meu humorístico amigo, vai partilhar da «centenária» (cinquenta para cada) com o insaciável sr. Arménio Gonçalves Pereira (o tal que ficou a ajustar contas com a esposa, há quinze dias), morador na Rua Trindade Coelho, 3, Parede.

O sr. Gonçalves Pereira chama-me, a mim que sou masculino-singular, V. Ex.ª. Diz.

V. Ex.ª propuseram que todos os candidatos ás centenárias unissem fileiras contra mim. Previno, lealmente, que:

1.º — Comprei uma lima para afiar as unhas e os dentes;

2.º — Não tenho medo de água fria;

3.º — Farei queixa á Sociedade Protectora dos Animais.

Como vê, não ganhou muito com as ameaças: o sr. Manuel de Mello enfiou-lhe um grande «barrete» e recebeu outro em troca.

Mas diz o sr. Gonçalves Pereira o seguinte:

Esta semana tive pouco tempo e disposição para escrever sobre a palavra proposta. No entanto envio o que me foi possível desarrincar sobre o meu futuro tratado de «Cabeçologia»:

CABEÇA — é uma das partes mais importantes do corpo humano, pelo menos é a que está mais acima. Pela parte de dentro contém vento, coisa nenhuma ou, em casos muito raros e interessantes, os chamados miolos. Fritando estes, conseguem-se encaixar as despesas mensais de dois contos trezentos e picos num ordenado de mil e quinhentos escudos. A cabeça serve para várias coisas; por exemplo: dar cabeçadas nas pessoas, nas coisas ou em nós próprios. Também serve para se perder. Isto acontece, normalmente, quando se encontra «alguma coisa»... A cabeça é a unica parte do corpo que se perde e se continua a possuir. Pelo lado de fora tem os cabelos e a caspa. Quem não tem cabelos, tem careca. Dizem que Youl Brinner descobriu que a careca é o «sex-appeal» dos homens, mas os Portugueses já há muito que tinham afirmado isso: «E' dos carecas que elas gostam mais».

Cabeça — com uma só nem todos sabem o que fazer, com sete pode fazer-se um bicho.

Cabeça — armazém de recordações;

Cabeça — campo de concentração das ideias;

Cabeça é uma coisa que se mata para se poder viver;

Cabeça — terreno aonde se semeia instrução mas aonde só pode florescer a cultura se estiver adubado com a inteligência;

Cabeça — parte responsável do corpo humano, a que nos chamam boa, se temos sorte; má, se temos azar, e oca se não temos nada.

Cabeça — é aquilo por que eu puxo... puxo... e não sai mais nada...

E vamos a ver se continua á cabeça...

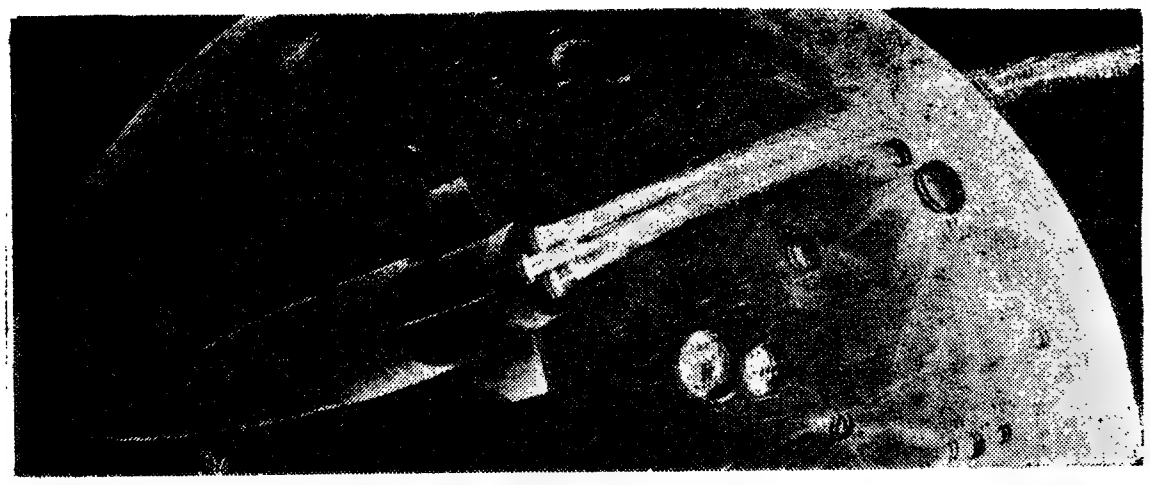
Como vê não ficou á cabeça: ficou a meia-adriça. Também não admira. O sr. não devia estar em boa-forma depois da tal conversa tormentosa com a esposa. Olhe, meu amigo, contente-se com os «cinquenta»! Eu, que me farto de ter graça, faço isto... de graça!

●

Para a próxima semana a musa inspiradora é

P É S

As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até á próxima sexta-feira, 4 de Setembro.



A CONQUISTA DO ESPAÇO

SEGUNDO OS CIENTISTAS SOVIETICOS

O programa espacial soviético está calculado para ser realizado relativamente num curto espaço de tempo, dado que o ultimo projecto previsto será realizado, no máximo, dentro de quinze anos. Esse programa foi estabelecido pelo cientista Khlebtzevich, o homem que está preparando o projecto de exploração de Marte e Venus.

«Laica» — a primeira passageira do espaço

A primeira parte desse programa espacial prevê o lançamento de um determinado numero de satélites artificiais, a fim de ser recolhido o maior numero possível de informações sobre variadíssimos problemas Essa fase já foi iniciada com o lançamento de três satélites e um asteroide artificial, o «Lunik»...

A seguir iniciar-se-á o período dos foguetes que chegarão até ás proximidades da Lua. Também esta fase já está, práticamente, em plena realização, pois um foguete soviético atingiu esse objectivo — o «Lunik» — passando efectivamente muito próximo da Lua. Com esta etapa atingida, o homem vê abrir-se á sua frente os caminhos do espaço.

A terceira parte do programa espacial dos Russos dá já muito mais que pensar. Trata-se, efectivamente, da descida na Lua de um foguete com homens e material, o que leva a crer que os cientistas russos puseram de parte a ideia inicial de fazerem primeiro descer foguetes apenas com instrumentos e em seguida astronaves com veículos teleguiados que recolhessem informações sobre o solo lunar. Além disso, os Russos têm declarado várias vezes que só será possível fazer uma descida na Lua após a realização da estação espacial habitada, o que leva a crer que não estão longe de estabelecer essa cidade do espaço. *O próprio Khlebtzevich declarou, um pouco sibilinamente: «Há muito tempo que estudamos esse projecto e estamos bastante avançados».*

Após o desembarque da tripulação da astronave lunar, far-se-á a ocupação, mediante a instalação de bases permanentes que serão regularmente abastecidas em material enviado da Terra, coisa que só se poderá realizar com o apoio de uma base espacial, ou seja, um satélite habitado. Os Russos calculam que esta parte do programa poderá estar realizada entre 1963 e 1965. Dada a rapidez, a surpresa e a eficácia com que foram lançados os satélites artificiais, não será de espantar se de facto virmos uma base lunar permanente instalada antes de 1965 pelos cientistas soviéticos.

Consequentemente, a partir de 1965, e conforme os projectos de Khlebtzevich que estudou uma rota especial, poderão começar a estudar-se as zonas do espaço próximas de Marte e de Venus. Foguetes-sondas poderão explorar com êxito essas zonas e transmitir todas as informações recolhidas á base. No entanto, já há alguns anos que os cientistas russos modificaram o seu objectivo e agora a sua atenção dirige-se mais a Venus do que a Marte. Com uma base na Lua, o envio de foguetes-sondas torna-se muito mais fácil e a recolha de elementos muito mais exacta, pois, voltariam á Lua após terem descrito uma órbita em forma de elipse alongada, comunicando durante a viagem as informações que vão sendo obtidas. No entanto, convém lembrar que são ainda e apenas foguetes-sondas e não verdadeiros satélites dos dois planetas

Com efeito, os satélites marcianos e venusianos só serão lançados um ou dois anos após as sondas Serão autenticos laboratórios espaciais girando em órbita em volta dos dois planetas, tal como o foram os satélites em volta da Terra e da Lua, e com identico comportamento. Os Russos calculam ter esses satélites em órbita em 1968 e poderão, então, recolher as informações necessárias para que uma expedição possa descer em Venus. Essas informações serão recolhidas, é evidente, por rádio; no entanto, poderosas instalações televisoras poderão transmitir pela primeira vez uma visão da superfície de Venus, visto que, até agora, e devido á espessa camada de nuvens que envolve o planeta, a superfície do mesmo nunca pôde ser observada e variadíssimas hipóteses têm sido emitidas sem, no entanto, nenhuma delas ter conseguido ser verificada.

E assim se chega a 1970. Nessa época os satélites-laboratórios já deverão girar respectivamente há dois anos em torno de Venus e há um em torno de Marte. Será nesse ano que os Russos tentarão a grande aventura: descer nos dois planetas. Provávelmente, e apesar dos estudos e cálculos já feitos sobre Venus, será em Marte que descerá a primeira astronave, visto a gravidade deste ultimo planeta ser muito inferior á de Venus, o que é muito importante para a descolagem de regresso da astronave. Os Russos encaram igualmente a possibilidade de enviarem a esses dois planetas astronaves com veículos automáticos teleguiados que possam efectuar explorações sem arriscar qualquer vida humana. Dada a grande dificuldade de se obterem informações exactas e concludentes sobre Venus e Marte, os primeiros contactos deverão ser muito prudentes e durarão com certeza vários anos

Máquina lançadora de satélites segundo um filme russo de ficção científica

O professor Blagonrarov um dos criadores do primeiro satélite russo

Finalmente, serão criadas as primeiras bases em Venus e Marte e as astronaves começarão a circular normalmente entre os planetas e a Lua. Estações espaciais, algumas das quais na própria superfície de Marte e Venus, assegurarão a regularidade das comunicações. Se tudo se realizar conforme os cálculos dos cientistas soviéticos, chegar-se-á a esta fase final do programa espacial uns anos antes de 1980, cerca de 1976. Passaram, portanto, menos de vinte anos desde o dia em que o primeiro satélite artificial da Terra foi lançado.

Após o estabelecimento de bases em Venus e Marte e cuidadosamente estudados os problemas que essas mesmas bases certamente criarão, os cientistas russos encaram, para mais tarde — depois do ano 2.000 — o inicio da exploração e estudo dos planetas exteriores...

Esperemos que este espantoso programa espacial ajude ao bom entendimento entre todos os homens e ao desaparecimento das mesquinhas rivalidades terrestres...

No próximo numero: «A CONQUISTA DO ESPAÇO SEGUNDO OS CIENTISTAS AMERICANOS».

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISTA HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 22

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa o filho de Fulgêncio Baptista, chegado há dias ao nosso País. ✱ Em Monsanto disputaram-se os prémios Cidade de Lisboa, S. N. I. e Grande Turismo. ✱ Foi homenageado, em Portalegre, o arcebispo de Evora. ✱ Chegou a Lisboa a princesa Maria Gabriela, que desmentiu que estivesse noiva do conde Volpi. ✱ Chegou a Lisboa o deputado e jornalista brasileiro dr. Carlos de Lacerda que vem conferenciar com o governador Janio Quadros.

NO ESTRANGEIRO — O departamento de Estado dos Estados Unidos disse que a vinda do general Baptista para Portugal contribuirá para restabelecer a calma nas Caraibas. ✱ Em Sogne, Noruega, o filho de Nelson Rockfeller casou com Ana Maria Rasmussen que foi criada de seus pais. ✱ Em Belo Horizonte, o marechal Teixeira Lott anunciou que manterá a sua candidatura á presidência.

DIA 23

EM PORTUGAL—Stirling Moss ganhou o Grande Prémio de Portugal, no Circuito de Monsanto. ✱ Regressou do Colóquio Luso-Brasileiro da Baía o prof. Marcelo Caetano. ✱ Na serra de S. Luís, Setubal, declarou-se grande incêndio que causou prejuízos importantes. ✱ No Porto e em Tavira foram recebidos com entusiasmo os seus representantes na Volta a Portugal. ✱ Terminaram as festas da Agonia, em Viana do Castelo.

NO ESTRANGEIRO — Um grande incêndio no Rio de Janeiro destruiu vários prédios e causou muitas vítimas. ✱ O rei do Laos abdicou a favor do príncipe Savang Vathana. ✱ De Washington dizem que a tarefa mais importante de Eisenhower na viagem á Europa será firmar a unidade do mundo livre. ✱ Da Noruega seguiram para os Estados Unidos Ana Maria e Stephen Rockfeller. ✱ Ao largo da costa inglesa, num naufrágio, desapareceram seis marinheiros ingleses.

DIA 24

EM PORTUGAL — Foi anunciado que Portugal e as Filipinas resolveram estabelecer relações diplomáticas. ✱ Na sua visita ás província portuguesas do Ultramar chegou a Lourenço Marques a família de D. Duarte Nuno. ✱ Regressou do Colóquio da Baía, passando em Lisboa, a caminho de Lourdes, o prof. Charles Boxer. ✱ Em Lisboa efectuou-se a cerimónia da entrega dos machados aos novos bombeiros. ✱ Em Lisboa registaram-se 34°.

NO ESTRANGEIRO — De Gaulle regressou a Paris e espera-se uma semana decisiva na questão da Argélia. ✱ Os Rockefellers regressaram a Nova York depois do casamento de Stefen, na Noruega. ✱ Foi desvalorizada a moeda da Indonésia. ✱ Morreram três bombeiros num incêndio do Rio de Janeiro. ✱ Houve um choque de comboios perto de Saragoça. Cinco mortos.

DIA 25

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa D. Sara Kubitschek de Oliveira, esposa do presidente do Brasil. ✱ No Tejo, a bordo do porta-aviões «Lake Champlain», efectuou-se a transmissão de comandos da 20.ª força americana do porta-aviões. ✱ Desencadeou-se novamente o fogo na serra de S. Luís, Setubal, destruindo milhares de árvores ✱ Em Alcobaça efectuou-se o concurso pecuário, integrado na Feira de S. Bernardo. ✱ Anuncia-se a constituição de uma empresa para a construção de automóveis em Portugal.

NO ESTRANGEIRO — Nas principais capitais europeias e em aWshington prepara-se a visita do presidente Eisenhower á Europa. ✱ Anuncia-se ter sido recuperada a cápsula do «Atlas». ✱ No incêndio da prisão de Roms River, Nova Jersey, houve oito mortos.

DIA 26

EM PORTUGAL — D. Sara Kubitschek de Oliveira visitou o jazigo de D. Berta Craveiro Lopes, onde depôs flores. ✱ O sr. Presidente da Republica condecorou vários antigos presidentes de municípios. ✱ Saíram do Tejo o porta-aviões «Lake Champlain» e outros navios americanos. ✱ Tomou posse o novo presidente da Junta de Colonização Interna. ✱ Chegou a Lisboa o presidente do Município de Bagodá. ✱ Em Cabeceiras de Basto uma camioneta foi contra uma parede— cinco mortos e vários feridos.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower chegou a Bonn onde foi aclamado por milhares de alemães. ✱ Assis Chateaubriand entregou ao dr. Vieira Machado as obras de Camilo oferecidas ao Museu de S. Miguel de Seide. ✱ Os jornalistas assistiram ao exercício de astronautas que vão ser projectados no espaço. ✱ Kruchtchev enviou uma mensagem ao chanceler Adenauer em que reafirma pretender manter dividida a Alemanha. ✱ No México sentiu-se um violento sismo.

DIA 27

EM PORTUGAL — O sr. Presidente da Republica ofereceu um banquete, em Queluz, em honra da sr.ª de Kubitschek de Oliveira. ✱ Partiu para Lourenço Marques o sr. general Beleza Ferraz, chéfe do Estado-Maior General das Forças Armadas. ✱ Janio Quadros, candidato á presidência do Brasil, declarou aos jornalistas no Porto ser favorável á comunidade luso-brasileira. ✱ Violenta trovoada assolou Vila Real. ✱ Houve um incêndio a bordo do paquete «Luanda».

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower reafirmou em Bonn, antes de partir para Londres, que está decidido a pôr cobro, pacificamente, á divisão da Alemanha. ✱ O general de Gaulle chegou á Argélia. ✱ O Município do Rio de Janeiro concedeu o título de cidadão honorário ao dr. Vieira Machado. ✱ Descarrilou o expresso Serajevo-Zagreb, precipitando-se num rio. ✱ No México o abalo de terra arrasou duas cidades e quatro localidades. ✱ A travessia da Mancha foi ganha pelo argentino Camarero. Baptista Pereira ficou em terceiro lugar.

DIA 28

EM PORTUGAL — A esposa do presidente do Brasil visitou Fátima e outras terras. ✱ O ministro das Filipinas apresentou as credenciais ao sr. Presidente da Republica. ✱ A Guarda Fiscal apreendeu grande quantidade de contrabando perto de Cascais.

NO ESTRANGEIRO — Dag Hammarskjoeld disse que se opunha ao envio de observadores para o Laos. ✱ Eisennower partiu de Londres para Balmoral, hóspede da rainha Isabel. ✱ Em Londres continuam as conferências anglo-soviéticas para encontrar uma solução ao caso do Laos. ✱ O Governo da India protestou em Pequim contra a ocupação por tropas chinesas do território a nordeste de Ladakh, Caxemíra.

Os irmãos coveiros

Aqueles eremitas que conhecemos na Serra de Cordova receberam ordem superior de dissolução, mas encontraram nova forma de servir em religião. Deixaram de dar de comer aos pobres de Cordova que subiam á serra para receber o pão que os eremeitas amassavam, mas dedicaram-se a enterradores. Os Irmãos Coveiros, lhe chamam agora em Espanha, e de vários pontos os solicitam para enterrar os mortos, sem que os bons eremitas nada recebam pelo triste trabalho.

Erigidos canonicamente em Guadix, ali exercem o sacrifício de coveiros e também o de zeladores do cemitério, vestindo os hábitos que envergavam em Cordova, mais crescidas as barbas, aumentada a penitência e sempre levada com resignada alegria.

— A nossa vida — escreve um da Comunidade — não é lugubre. A morte para o cristão é começo de vida melhor, como diz a liturgia de defuntos: «Para os teus fiéis, Senhor, a vida muda, mas não acaba». Muda a vida, mas para outra infinitamente melhor, feliz e eterna. — acrescenta.

A unica festa dos Irmãos Coveiros é a de Domingo de Ressurreição em que Cristo sai do sepulcro, dissipando as trevas do erro e do pecado, com luz de fé e de esperança. Os restantes dias do ano são para eles de penitência e de trabalho, o de enterrar os mortos e cuidar das suas sepulturas, já que em Cordova os não deixaram cuidar dos vivos.

Em Cordova os conhecemos e, numa visita nocturna que lhes fizemos, olhando a cidade, iluminada lá em baixo, em profusão de focos, recordámos o Estoril, e isto dissemos ao eremita que nos acompanhava, e que, sem se poder conter, manifestou concordar, num castelhano que parecia português.

— Conhece o Estoril? — perguntámos-lhe.

— Conheci. — respondeu laconicamente, como que arrependido da confissão e retomando o silêncio da ordem.

Tentei descobrir o nome e o mistério daquele eremita de Córdova; mas, foi inútil porque nem ele, nem os outros Irmãos, me quiseram elucidar.

Indagações feitas em Lisboa permitiram saber que se tratava de um português que no Estoril sofrera o mal de amor e por ele se refugiara na ermida da Serra de Cordova. Em religião tomara o nome de João de Santo António, em recordação do Estoril, supomos. Será ele um dos Irmãos Coveiros?

R. P.

Os irmãos coveiros em acção

A FIGURA DA SEMANA

DAG HAMMARSKJOELD

O secretário-geral da O. N. U. chefe de uma vasta organização burocrática e de um valioso centro de informação internacional, visitou recentemente o general de Gaulle, a propósito da Argélia. Este alto funcionário, que procura desempenhar-se o mais escrupulosamente possível da sua exigente tarefa de mediação e conciliação tem-se mostrado incansável desde que assumiu as suas exigentes funções realizando o milagre, ao longo de fase mais delicada e difícil da guerra fria de se não tornar suspeito a nenhum dos blocos antagónicos. Mais de uma vez o seu conselho se tem revelado de uma utilidade e de uma eficácia excepcional, e por o não terem escutado oportunamente alguns desastres se registaram no passado não muito distante.

Quando do dramático episódio de Suez, em Novembro de 1956, a sua intervenção, oportuna e sensata poderia ter poupado as nações ocidentais a um dos mais graves desastres diplomáticos do pós-guerra. Por outro lado nunca as suas vias gens a Moscovo suscitaram desconfiança no campo ocidental, nem mesmo quando a sua diplomacia estava confiada a uma personalidade tão intransigente como Foster Dulles. Está nisso o melhor elogio do secretário-geral das Nações Unidas que, mais talvez do que o seu antecessor Trygve Lie, tem conseguido agradar a Gregos e Troianos, o que é um prodígio.

Nada foi revelado sobre as conversas que teve com o presidente da Republica francesa, a não ser que nelas foi tratado o caso da Argélia que, como se sabe, voltará a ser debatido quando, em Setembro se reunir a assembleia geral das Nações Unidas. O secretário-geral não se mostra optimista sobre as possíveis consequências do debate previsto para a França e para o seu ponto de vista que tem sido, até agora, de uma intransigência pouco própria a facilitar a liquidação pacífica do problema argelino. Para este não se vislumbra solução militar, graças á realização de uma vitória indiscutível para o Exército francês e os partidários da integração. Mas nem a França nem os seus dirigentes parecem inclinados a aceitar outra que, de cedo ou tarde, levaria á autonomia nacional ou á independência completa da Argélia, hipótese que em Paris não se admite.

CAFÉ CORUJA

Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

O RISO DA SEMANA

VIERAM DEBALDE

— Sim, eu sei que vinha um anuncio no jornal a pedir uma secretária... mas era um maneira delicada do meu patrão a pedir-me para me tornar mais eficiente.

Entre ladrões

Diz o primeiro:
— Mas que grande carteira cheia de dinheiro que leva aquele sujeito.
Diz o segundo:
— Levava. Agora é minha
— Diz o terceiro
— Era

A declaração

A certa altura daquele delicioso «flirt» na praia, ele, num assomo de entusiasmo, afirmou-lhe:
— Você é a mulher mais inteligente que há no Mundo. Adoro-a. Case comigo.
— Seja lógico. exclamou ela...

Falta de hábito

O rapaz foi três vezes a exame e três vezes ficou chumbado. Três vezes o pai lhe disse as ultimas. À quarta vez ficou distinto.
O pai estranhou:
— Hum! Que porcaria de professores. Qualquer besta fica distinta.

DELICADESA

Entrou no autocarro e sentou-se ao lado de uma senhora, acendeu um grande charuto e perguntou:
— O fumo incomoda-a?
— Sim, muito.
— Então tenha a bondade de se apear na primeira paragem, porque eu não gosto de incomodar ninguém.

DIA DE ANOS

Para presente de anos ela quis que o marido lhe desse uma coisa que combinasse bem com o seu casaco de peles. E ele deu-lhe um bonito saco com bolas de naftalina.

Lição de verbos

Verbo amar:
15 anos: — Hei-de vir a amar.
20 anos: — Eu amo.
30 anos: — Eu serei muito amado.
40 anos: — Eu ainda estou em condições de amar.
50 anos: — Eu fui amado.
60 anos: — Eu podia ter amado e ter sido amado.

Os sintomas

O doente estava muito mal e queria que o médico lhe receitasse uisque. E o médico explicava: eu só lhe posso receitar uisque quando os sintomas da sua doença o permitam.
E o doente concordava:
— Sim. sim, doutor, e quais são os sintomas que me recomenda?

Quanto vale um argumento

Nos primeiros tempos da República — mais exactamente até por meados de 1911 — os adversários do regime não se eximiam a fazer as mais acerbas críticas á nova legislação republicana. Tudo que cheirasse ao novo regime era depreciado, vilipendiado, e se apresentava como um pendão de revolta, principalmente por parte de alguns aristocratas que, não se conformando com o novo rumo da politica portuguesa, aproveitavam todas as situações para a denegrir Como era natural, por ser a que mais directamente interessava a toda a gente — clero, nobreza e povo — visto que, pela força das circunstancias, com todos bulia, a lei do Registo Civil era sem duvida a mais odiada. Mas ninguém podia passar sem recorrer a ela.

Um belo dia apresentou-se numa das conservatórias de Lisboa, com um ar muito solene e aquela indumentária «ancien regime» que logo denunciava, senão um palaciano, com lugar na corte, pelo menos um fidalgo velha-rocha, a requisitar a certidão de idade de um neto para efeito dos exames que se aproximavam.

Registado o pedido marcou-se a entrega da certidão para o dia seguinte. Logo ali o velho fidalgo fez sentir que na igreja não era assim. Uma certidão pedida era imediatamente passada, mas, como não havia outro remédio, o senhor conformou-se e voltou no dia seguinte, com a mesma dignidade, a mesma indumentária e a mesma má-vontade, contra a nova era que surgia, mas sempre com a maior cordura e delicadeza.

Era bem gente de algo, era bem gente bem.

Entregue a certidão, informou-se o fidalgo acerca do seu custo, sendo-lhe dito pelo funcionário que a passara e o atendia que o preço da tabela, sem quaisquer alcavalas, era de seis tostões.

— Seis tostões! — fez o senhor quase irritado, tão irritado quanto lhe permitia a sua condição social mesmo na adversidade, mas uma certidão destas custava ainda no ano passado apenas doze vintens! Foi para isto que se proclamou a Republica?

O funcionário não se desconcertou. Delicadamente tirou-lhe a certidão da mão, e com aquele gesto caracteristico de quem escolhe uma fazenda friccionando-a entre o polegar e o indicador da mão direita. exclamou:

— Mas V. Ex.ª já reparou na qualidade deste papel?

Foi um argumento irrespondivel, absolutamente irrefutável!

Com a gentileza de sempre, o senhor esportulou os seis tostões da tabela sem dizer mais uma palavra além daquele muito obrigado que a cortesia impõe a pessoas da sua categoria.

Escusado será dizer que o papel era ainda o velho papel da monarquia com a sobrecarga «Republica».

ALFREDO FRANÇA

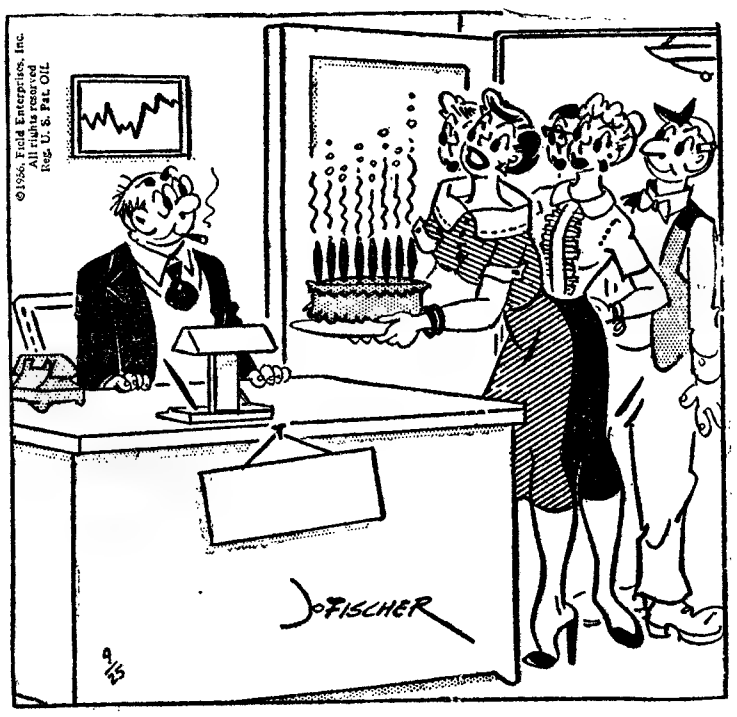
Conselho médico

— Não corra tanto, menina! O doutor disse-me que não me cansasse!

SENHORIO EXIGENTE

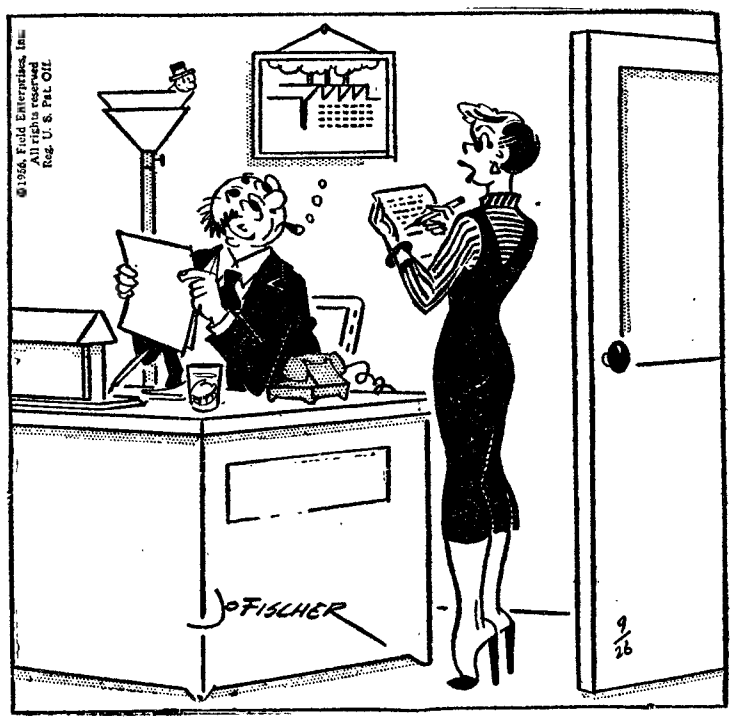
Era um senhorio muito exigente:
— Alugo-lhe a casa mas tenho de pôr as minhas condições. Não pode ter crianças, nem cães, nem sogra. Não pode tocar piano, nem grafonólas, nem rádio, porque eu tambem moro no prédio.
— Está bem, dizia o inquilino, mas só quero que o senhor me diga uma coisa: Eu posso comer melancia?

Os anos do patrão



— Feliz aniversário, patrão! Nós sabemos que gosta mais de charutos que de velas!

Boas esperanças



— Mais alguma coisa, patrão? Ainda tenho lugar no bloco para escrever mais coisas que possivelmente não farei hoje!

FIM DE SEMANA

Combinavam o passeio de fim-de-semana e o Procópio certificava-se:
— Então, sempre vamos á Figueira?
— Claro que vamos.
— E tens mala?
— Mala para quê?
— Para levar a roupa.
— Tu és maluco. Julgas que eu sou capaz de ir nu.

Um grande problema

Muros, murinhos, muretes,
Degraus, arbustos, escadas,
Pausinhos com cordas pretas,
De relva muitos tapetes
P'ra não deixar dar passadas,

Árvores grossas e finas,
Repuxos regando as relvas,
Jardinzinhos com boninas,
Bananeiras pequeninas
Como há lá fora nas selvas,

Entradas magnificentes
Para debaixo do chão,
Estátuas de boas gentes
Com capotes excelentes
E esplanadas para o V'rão.

Muitos bancos sem ninguém,
Muita gente aborrecida
Por já saber muito bem
Que o carro que quer não vem
Eis o que é a nossa Avenida.

Diz que é urbanização
Quem no caso pontifica
E eu cá não sei se é ou não
E só ponho esta questão:
— E p'ra andar o que é que fica?...

A. F.

Mobil

Diario de Lisbôa

QUEM SOU EU?

Um pequeno nada com grande significado. Ajudo toda a gente. Abro as portas e os corações. Consigo abolir preconceitos, criar amizades e boa vontade. Inspiro respeito e admiração. Todos me amam e eu não detesto ninguém. Não transgrido nenhuma lei. Não custo nada. Por isso muitos me têm louvado e nunca ninguém me condenou. Sou grata para toda a gente e útil a cada momento em todos os dias.

Eu sou

A CORTESIA

NÃO ESTRAGUE AS SUAS FÉRIAS COM UM ACIDENTE

Mobil

Diario de Lisbôa

Mobil

FUNDADOR - JOAQUIM MANSO — SÁBADO, 29 DE AGOSTO DE 1959 — ANO 39.º — NÚMERO 13 193

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 28271, 28272, 28273, 21134 e 21135 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISTOVÃO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIARIO — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 32, 1.º — NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

A MOBIL OIL PORTUGUESA DÁ O SEU CALOROSO APOIO À CAMPANHA DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

ATENÇÃO

TRÂNSITO NA ESTRADA MARGINAL LISBOA CASCAIS

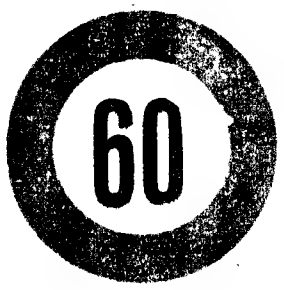
Mobil

CAMPANHA DE SEGURANÇA ★ ACIDENTES DE VIAÇÃO

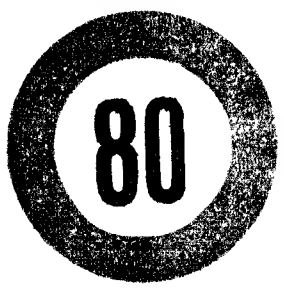
PASSA A SER DEFINITIVO O SISTEMA DE LIMITAÇÕES DE VELOCIDADES NA ESTRADA MARGINAL LISBOA CASCAIS.

MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES
AGOSTO/1959

VELOCIDADE



NÃO PODE EXCEDER
60 KM. NAS POVOAÇÕES



NÃO PODE EXCEDER
80 KM. NA ESTRADA

TRAVESSIA DE PEÕES
AFROUXAR!
PARAR!

FAIXAS DE RODAGEM

A ESTRADA NÃO É SÓ SUA!

SIGA DENTRO DAS FAIXAS E
NÃO SOBRE OS TRAÇOS!

A FAIXA CONTÍNUA É UM MURO!

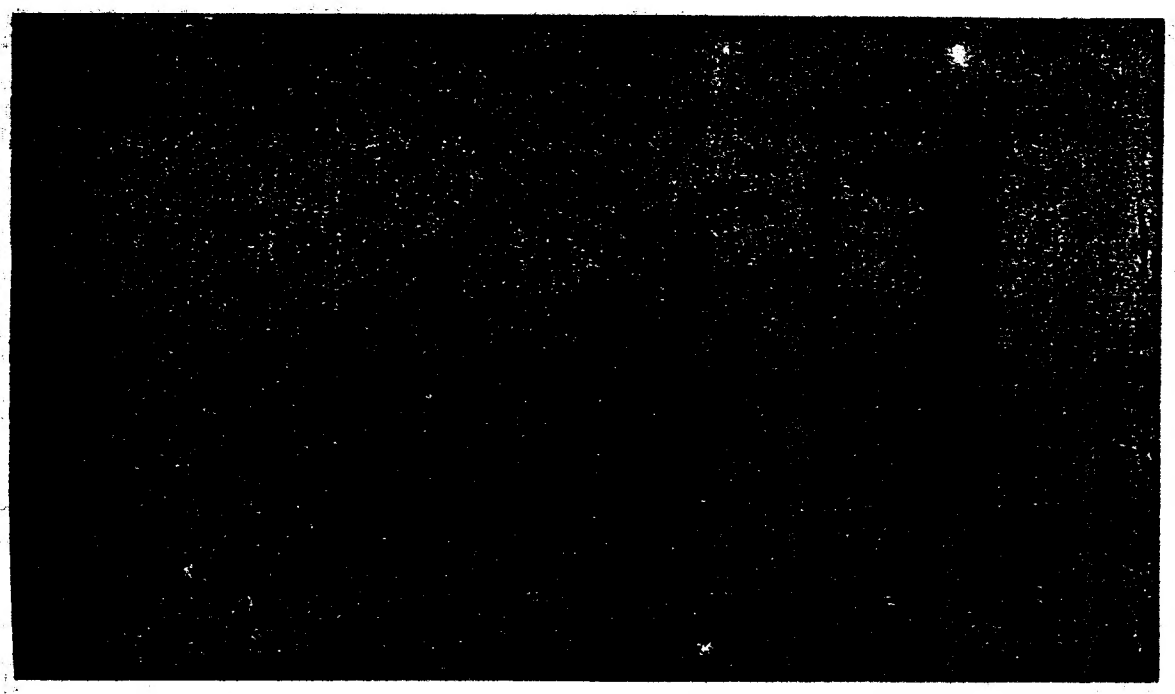
SÓ PODE PISAR A FAIXA TRACEJADA
COM CAUTELA, CUIDADO, PRECAUÇÃO!

FAZER SINAL NÃO BASTA!

★ APLICAÇÃO DE MULTAS POR EXCESSO DE VELOCIDADE OU POR INFRACÇÃO AS REGRAS DE ULTRAPASSAGEM, O QUE IMPLICA A APREENSÃO DA CARTA DE CONDUÇÃO.

★ FORAM DADAS INSTRUÇÕES À POLÍCIA DE VIAÇÃO E TRÂNSITO PARA ACTUAR SOBRE OS CONDUTORES QUE SE MOSTREM RENITENTES AO CUMPRIMENTO DO QUE LHES É IMPOSTO PELA RESPECTIVA SINALIZAÇÃO.

DISCIPLINA+CORTESIA=SEGURANÇA



Diario de Lisbôa

Juvenil

29-8-959 | 21

Textos
Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

ODEIO OS GATOS!

por A. NUNES DE ALMEIDA - 19 anos

Tudo começou numa cálida noite de Verão.

A prima Miquinhas, pessoa a quem a minha esposa deve não sei quantos imagináveis grandes favores, ia para férias. Eu cá continuo por esta soalhenta Lisboa, porque férias é coisa que desconheço.

Ora aconteceu que a Miquinhas tinha um gato (que Deus o tenha em descanso...) que era o «bijou» da família.

Era um lindo «Angorá» felpudo com malhinhas no nariz e na ponta da cauda. Era, enfim um amor de gatinho.

Nessa cálida noite apareceu-nos ela lá em casa, em prantos, com os nervos em petição de miséria.

— Imagina Bibi (minha mulher Isabel a quem ela chama Bibi, ainda não sei porque lampejo da sua iluminada cabeça) que vou para fora e não tenho onde deixar o meu «Bichanas». Coitadinho do meu querido.

Como eu estava meio adormecido, ao ouvir aquela adjectivação pensei que se tratava do marido dela, sujeito sempre bem disposto e óptimo para um «serão» nocturno.

Assim julgando, a minha primeira reacção foi exclamar:

— «Oh»! Coitado! Traga-o cá para casa.

— Ele que venha, ele que venha, que se arranja onde dormir e comer não falta!

Meia-hora mais tarde, entrava-me a prima Miquinhas pela casa dentro com o «desgraçadinho» ao colo!

Ia caindo de costas. Mas, enquanto há vida há esperança. Podia ser que o marido dela não se quisesse separar do gato durante a viagem da sua esposazinha.

— Pega Bibi, tens aqui o meu «Bichanas» a quem quero quase tanto como á minha alma. Vê se o tratas bem.

— Está descansadinha que o tratarei como se fosses tu.

— Ai não pode ser. Não há nada como os donos para tratarem dos bichinhos, (Beijo na ponta do focinho do dito).

— Imagina que quis levá-lo para uma pensão canina, e pediram-me 15$00 por dia. Que horror!

— Levam-nos o couro e o cabelo só para tratar de um bichinho tão bonito e tão dócil! Olha Bibi, ele só come coisas boas. Ou um parguinho cozido, ou pescadinhas de cauda nos lábios bem fritinhas. Se lhe puderes dar o leite a 15° e 30°, dá-lho que é para não lhe estragar a digestão.

— Está bem, está bem, vai calma respondeu a Bibi... perdão, Isabel lançando-me um olhar furibundo.

— Adeus, até á volta.

— Um (beijo no lombo do elefantezinho de colo).

— Olha — grita ainda do carro — o «Bichanas» prefere dormir bem fofinho.

— Adeus, adeus.

Foi-se. E quanto á calma do lar: foi-se.

— Isabelinha, da minha alma, pela tua rica saude, não armes discussão. Eu não tenho a culpa. Sabia lá que o «Bichanas» era um gato! Tu não me chamas Viroscas? Portanto estás a ver...

— Eu não vejo nada. Só sei é que agora tenho um gato em minha casa por tua unica e exclusiva culpa.

— Mas eu...

— Nem mas, nem meio mas. Quem vai tratar do bicho és tu.

E disparou pela escada acima deixando o crocodilozinho felpudo nos meus braços ainda abertos pelo espanto.

Bem que remédio. Hoje em dia o marido é... bem é... é só marido mais nada.

Resignadamente, depois de ter enxuto o ultimo prato, como hoje não era dia de limpeza, deixei o aspirador em paz e fui tratar do «Bichanas».

— Bch, bch, bch, anda cá meu lindo. Vamos tomar banhinho.

Depois de o ter tentado com uma bolachita carregada de mel, consegui agarrá-lo e jogá-lo dentro de água.

— Cuidado, — gritou a minha mulher — num grito estridente que me ia furando os ouvidos. Porque será que as mulheres quando devemos ter mais calma nos fazem estremecer com um grito estarrecedor?

No mesmo instante em que me virei para afirmar a minha ama e senhora que «sim» vou ter muito cuidado», o mafarrico do gato, ferra-me as unhas no peito e ilustra-o com lindas tatuagens de sangue.

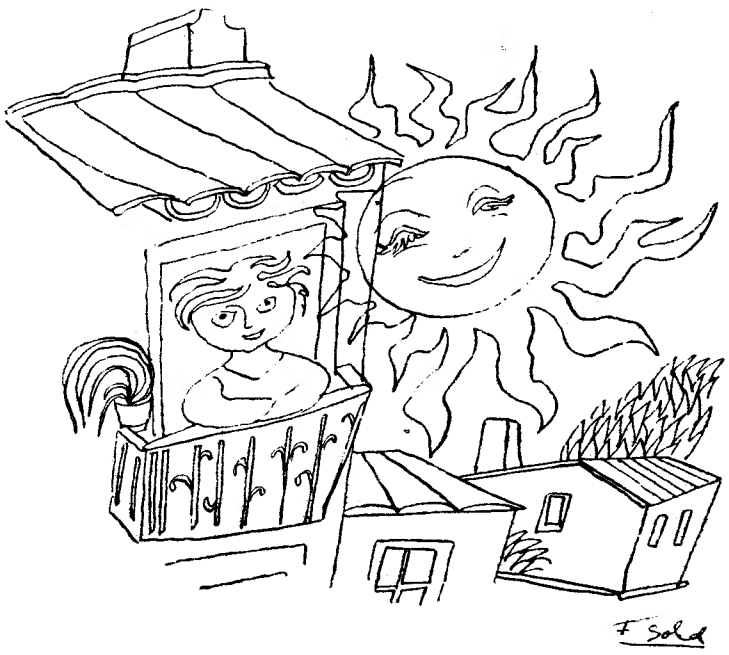
— Com mil milhões de bombas. Gato de um diabo, se te apanho...

E na precipitação para executar o que pensava fazer ao dito, dei um tremendo encontrão no alguidar agora transformado em banheira.

A inundação consequente foi de modo a deixar as cheias do Nilo muito dentro de um chinelo.

Atrapalhado para fazer cessar o fluxo de água, trato de apanhar o

(Continua na ultima página)



CORAGEM

Maria Cristina Bentes Ferreira

Gosta de enriquecer os seus conhecimentos, é o que pode chamar-se uma autodidacta. Todos os que a conhecem a estimam, gostam de conversar com ela, e muitos até de lhe pedir conselhos; e sabe dá-los muito bem.

Onde ela está presente reflectem-se imediatamente a alegria e a boa disposição, e se os presentes estão aborrecidos depressa sorriem, contagiados pelo optimismo que irradia de C. Tem espírito prático e um desembaraço e iniciativa extraordinários.

Afinal como a C. há muita gente; não tem nada de invulgar. Assim parece realmente, mas... A C. é uma doente sem qualquer esperança de cura, e desenganada pelos médicos acerca do seu estado (desde muito pequena que pensava voltar a andar como qualquer pessoa, até há coisa de um ano ou dois, quando lhe disseram que isso era impossível).

Desloca-se arrastando-se penosamente, apoiada numas muletas. Quem a vê dá-lhe quinze anos e ninguém mais que dezoito, mas na realidade tem vinte cinco.

Pessoas com a doença da C, há muitas, mas com a sua doença e o seu caracter, devem existir poucas, certamente.

Eu estimo-a e admiro-a muito, e sempre que me é possível vou visitá-la. É tão agradável a sua companhia! Faz-nos bem olhar o seu belo rosto sorridente.

(Amiga n.° 99)

DEIXA-TE DISSO

por ARMANDO TABORDA

Cretino,
Deixa-te disso!
Não penses
Intelectualmente
Na vida
Que te foge
Estéril,
Incompreendida.

Ri-te
Como eles
Da cultura.
Despreza
A arte
E a poesia.
Enche-te
Da vida árida
Que eles vivem,
E serás feliz!

Amigo 1679 — LISBOA

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

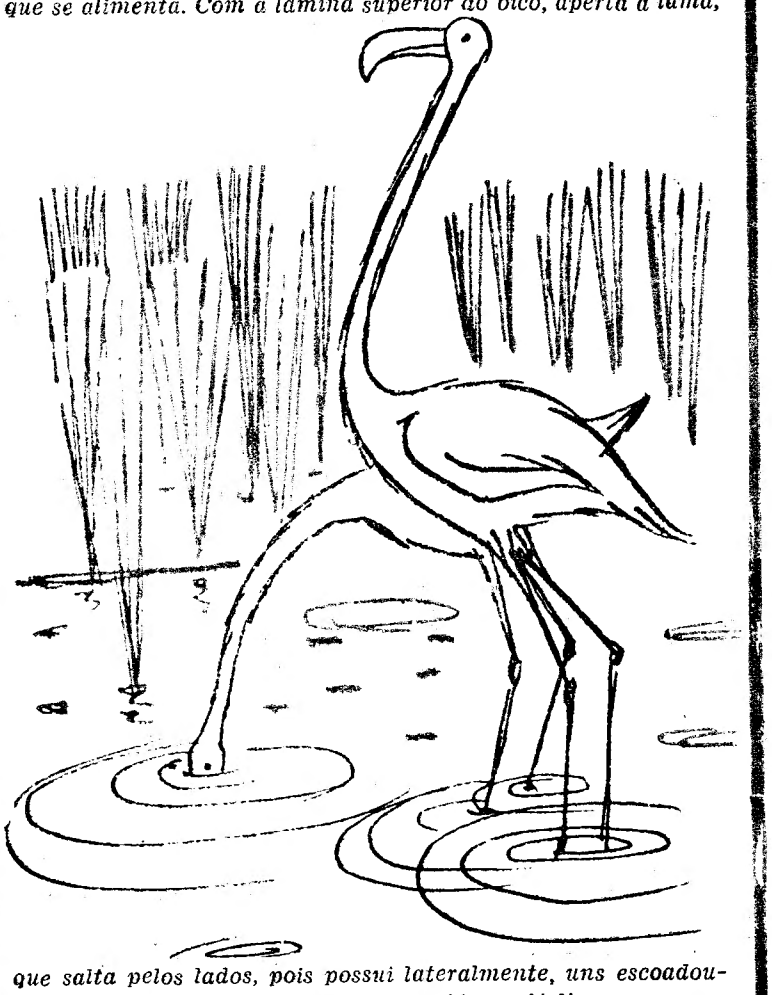
UM EXEMPLO DE PESCA SUBMARINA

Já falámos de animais pescadores: o estranho pelicano com seu papo caído, a garça pernalta, de ágil pescoço que mal deixa escapar um só peixe alvejado, mas há mais: a gaivota que todos os que viajam por mar bem conhecem; o flamingo, etc.

Este não se alimenta de peixe, mas de pequenos crustáceos que busca por entre a lama das margens dos rios e ribeiros. O flamingo é, como a garça, uma ave pernalta, de aspecto muito semelhante a ela, com excepção do bico. Enquanto que a garça tem o bico comprido e fino, muito ponteagudo—uma verdadeira espingarda para caça submarina — o flamingo tem-o partido pelo meio. Como se o vissemos mergulhado na água transparente e observassemos o fenómeno da refracção.

Porque tem o flamingo o bico como que partido? Como pesca, se o bico parece tão desajeitado, tão incapaz de agarrar a presa e segurá-la?

E' que o flamingo não pesca o peixe veloz. Muito simplesmente, com toda a calma, ele percorre as margens levantando o lodo com as pernas altas. Mergulha o bico e com ele agarra um punhado de lama, onde sabe que vivem os crustáceos de que se alimenta. Com a lamina superior do bico, aperta a lama,



que salta pelos lados, pois possui lateralmente, uns escoadouros, deixando na boca apenas os crustáceos já limpos e prontos para engolir. O bico dobrado funciona como um forte espremedor.

A função deste acessório esquisito está bem explicita até no facto de os filhos terem um bico bem direito durante as primeiras semanas de vida, quando só comem do que os pais lhes dão e, claro como acontece com todas as aves, devem retirar a comida do bico paterno. Então, nesta fase da vida, a tarefa alimentar seria dificil, se não impossivel, possuindo os jovens flamingos um bico partido. Só o começam a ter, quando começam a saber o que custa a luta pela vida e têm de buscar vor si próprios, o pãozinho de cada dia...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

CAPITÃO FRACASSE

A Portugália Editora acaba de reeditar na sua «Biblioteca dos Rapazes» uma bela obra de um clássico da literatura francesa.

Teófilo Gautier

Este grande romancista não escreveu o «CAPITÃO FRACASSE», pensando nos jovens (tal como tem sucedido a tanto outro escritor de fama que hoje conta entre os jovens a maior e melhor parte do seu publico); a gente moça é que elegeu o escritor como seu. Mais uma vez teve razão, no caso do «Capitão Fracasse» — verdadeira obra de arte e ao mesmo tempo, leitura empolgante, recheada de maravilhosas aventuras.

Eis um livro que recomendamos aos nossos jovens amigos.

CARTAGO

Para a maior parte das pessoas a palavra CARTAGO representa um mistério. Sabem que de Cartago era Aníbal — um dos maiores cabos de guerra de todos os tempos. Mas como se vivia, como se pensava, como se sentia em Cartago? Quem estava por detrás de Aníbal quando o grande general fez, por exemplo, as campanhas da Espanha e da Itália?

Todas estas perguntas poderão encontrar resposta no excelente livro de Gilbert Charles Picard

A VIDA QUOTIDIANA EM CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL

E' o ultimo volume da célebre colecção A VIDA QUOTIDIANA, editada por Livros do Brasil, Ld.ª.

Os CAVALEIROS da TAVOLA REDONDA

Passados os primeiros momentos de espanto e de desgosto, Lançarote do Lago foi empolgado por uma onda de cólera. Ele, cavaleiro da Távola Redonda, subdito fiel de Artur — o rei dos camponeses — ser agredido por estes! Baixou a viseira num gesto brusco, com outro gesto brusco desembainhou a espada e já se preparava para esporear o cavalo e investir contra os aldeões quando uma voz vibrou dentro de si: «Então, Lançarote!» Lembrou-se das palavras que ouvira, ao ser armado cavaleiro e que ele próprio, com orgulho, repetira dezenas e dezenas de vezes, ao trazer á ordem da Cavalaria um novo membro. Fora Swein, o ultimo. — Swein o doce amigo da Paz.

De novo afogou a espada na bainha e, insensivel ás pedradas que, mais e mais encarniçadamente, o feriam de toda a parte, ergueu a mão para levantar a viseira. O povo só poderia atacá-lo por engano; outro cavaleiro suscitara, com certeza, aquela vaga de cólera. — um cavaleiro que desonrava os seus ideais e traíra os seus juramentos: pois ele padeceria o crime de outro, mas nunca mancharia os seus mais belos afectos levantando a mão irada contra aqueles que se comprometera a defender.

Alçou os dois braços, cerrou os olhos e assim se deixou ficar como um prisioneiro. Só voltou a abrir os olhos quando, á sua frente, estalou como um chicote uma voz seca e severa:

— Acabaram-se as tuas traições e os teus crimes, cavaleiro felão!

Lançarote fitou-o e havia decerto tanta mágua no seu olhar que o homem que se lhe dirigira baixou subitamente o seu.

Fez-se um curto silêncio. O camponês ergueu de novo a vista para o cavaleiro e de novo sentiu uma funda inquietação a rodear-lhe a garganta: dos olhos do gigantesco homem de armas que tinha á sua frente esboroavam-se lágrimas tão grossas como bagos de milho.

— Senhor! — bradou o bom do camponês com a comoção a embargá-lo — Para que saibamos se não estaremos enganados, dizei-nos o vosso nome. Dizei-nos, senhor, o vosso nome.

— O meu nome? — perguntou, em sonhos, Lançarote. — Até há pouco tinha um nome, mas agora nem sei como me chame.

— Que nome tínheis então, senhor! Se nos enganámos...

— Sois acaso algum cavaleiro da Távola Redonda? — perguntou um jovem ruivo.

— Fui. Chamei-me Lançarote do Lago e sempre julguei servir com lealdade meu amado e senhor Artur, o rei dos camponeses. Agora, que o povo julga ter razões para me atacar, quem sou?

— Lançarote do Lago! — balbuciou uma jovem camponesa, esmagada pelo espanto. E esse espanto volveu-se sobre todos num silêncio gelado. Assim ficaram escassos segundos e o mesmo camponês que se dirigira ao cavaleiro, em primeiro lugar, deu dois passos em frente, estendeu os braços e disse:

— O' senhor cavaleiro Lançarote! Como pudemos enganar-nos... Um amigo de Tobias Knolett que passou uma tarde por aqui, contou-nos como tínheis vencido o felão Turquino Mão-de-Ferro. E nós falávamos noite e dia no vosso nome. Nossas mulheres, mães, irmãs ou filhas, pediam nas suas orações: ó Senhor Jesus Cristo trazei até nós o cavaleiro Lançarote para que nos livre do «Cavaleiro do Diabo».

— Quem é esse «Cavaleiro do Diabo»? — perguntou Lançarote já esquecido dos ferimentos que tinha recebido. Julgáveis que era eu?

— E' verdade, senhor, que julgávamos.

— Não o conheceis, portanto.

— Não, meu senhor. Vem de noite com dois outros homens de armas, estes com um manto negro, ele com um manto vermelho como fogo. Trazem a viseira levantada, mas a cara esconde-se debaixo duma máscara, vermelha, a do manto vermelho, pretas a dos outros dois. Surgem na altura em que juntamos, como agora, os géneros que temos de pagar aos fidalgos daqueles castelos que além vêdes, naquelas serras; trazem uma mesnada de guerreiros com eles e roubam tudo quanto produzimos num ano de trabalho. Depois vêm os fidalgos dos castelos e nós estamos tão pobres como Job.

— E esses fidalgos não vos ajudam a desmascarar e a vencer esse indigno cavaleiro?

— Agora não... Mas, ó senhor cavaleiro Lançarote, descei do vosso cavalo. Queremos tratar-vos dos ferimentos que, cegamente, vos causámos. E depois de comerdes e de repousardes vos contaremos o resto de nossas desgraças.

Lançarote desmontou o mais lestamente que pôde e dirigiu-se para casa do camponês. Os ferimentos que tinha, viu-se logo que eram de pouca importancia. Tratados pela jovem mulher do camponês, com ervas e unguentos — Lançarote sentiu um grande alivio. Depois foi uma hospitaleira refeição, a primeira que ele comia desde que deixara Tobias Knotell e os companheiros; finalmente instara para que dormisse, que aquele chá lhe daria sono. E, de facto, Lançarote sentia um estranho peso nos olhos. Nem chegou a dar resposta. Caiu sobre o tampo da pobre mesa de pinho e sem acordo o levaram os camponeses, dois pegando-lhe pelos braços, outros dois pelas pernas.

Até há pouco tinha um nome, agora nem sei como me chame...

ODEIO OS GATOS!

(Continuação da 1.ª página)

alguidar ao mesmo tempo que dava um encontrão na mesa onde estava o sabão, o pente para o «Bichanas» a escovinha para lhe lustrar o cabelo e acho que o creme de beleza para as patinhas delicadas dele. Na minha opinião com um pouco de «rimmel» nos olhos e as pestanas reviradas, dava um gato o mais á moda possível.

Como ia dizendo, ao mesmo tempo que dava um encontrão na tal mesa, estendia uma mão para endireitar o mais que dito alguidar. Ainda mal lhe tinha tocado quando oico a campainha do telefone. Impaciente largo tudo no chão (seguiu-se nova torrente de água) e corro para o telefone.

Tão infeliz foi essa ideia, que ainda não tinha percorrido metade do caminho quando coloquei o pé direito em cima do sabão que tinha caído da mesa. O resultado está á vista:

— reposteiro (que agarrara para me segurar) rasgado de alto a baixo e todo enrodilhado em mim;

— braço esquerdo (o que chegara primeiro ao chão) torcido;

— cristaleira reduzida a pedaços;

— 20$00 para tratamentos na minha cabeça;

— barulho digno de 4 quadrimotores a trabalhar ao mesmo tempo;

Enfim, um pandemónio.

Não achando isto ainda suficiente, apareceu a minha mulher que ao ver tal confusão e a mim esticado no meio daquilo tudo, deu um grito e desmaiou.

A noite abençoada desceu finalmente sobre nós. Ao recostar-me na cama notei que a almofada de espuma de borracha tinha sido trocada por uma outra, vulgar de linéu.

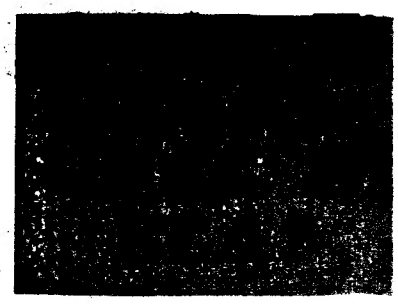
— Isabel! Onde é que pára a mi...

Antes de conseguir dizer o resto ouvi a um canto da casa um ronronar calmo e delicioso. Mal crendo no que ouvia e com um leve pressentimento no coração, virei-me lentamente e vi o nosso «Bichanozinho» deitado na minha desaparecida almofada.

Bem o meu braço vai melhor a prima Miquinhas já não nos fala e o «Bichanas» foi enterrado ontem á tarde.

P. S. — A chamada telefónica era engano.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados



Eis mais outra adivinha do rico manancial do nosso povo, que tirámos do livro «Qual é coisa, qual é ela», da autoria de Fernanda Pires de Lima e publicado pela Portugalia Editora:

Uma senhora muito esbelta,
Que com lindos véus se aperta;
Quem houver de a desapertar,
Muita lágrima há-de chorar.

As respostas devem estar no JUVENIL até ao próximo dia 4 de Setembro, SEXTA-FEIRA, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento e numero de ficheiro (caso já o tenham) bem como da indicação dos 3 artigos que mais lhes agradaram esta semana.

Soluções do Suplemento n.º 119

I — «Qual é coisa, qual é ela?»: O SINO

II — «Grandes figuras da Humanidade: JULIO VERNE

PREMIOS

1.º — Amigo n.º 1208 — Emilio de Oliveira (Lisboa).

2.º — Amigo n.º 403 — António Folga da Silva (Lisboa).

3.º — Amigo n.º 1651 — Vitor Manuel D. Alves (Lisboa).

4.º — Amigo n.º 1580 — Maria da Piedade Gandarez (Lisboa).

5.º — Amigo n.º 1561 — Susana Barroso Lopes (Queluz).

6.º — Amigo n.º 1696 — Febo Estevam Veríssimo (Lisboa).

7.º — Amigo n.º 1706 — António Manuel Carvalho (Beira-Baixa).

8.º — Amigo n.º 973 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Algarve).

9.º — Amigo n.º 1635 — Maria João Dias Estrela (Lisboa).

10.º — Amigo n.º 1708 — Mário António Vieira de Carvalho (Lisboa).

11.º — Amigo n.º 1690 — Maria Madalena Rocha Pires (Mirandela).

VENCEDORES

1.º e 2.º — «O SEGREDO DE LUCA», por Ignazio Silone, da Editora Arcádia.

3.º e 4.º — «O HOMEM NU», por Francesco di Franco, da Editora Arcádia.

5.º — «A VIDA NOS OUTROS MUNDOS», por Herbert Spencer Jones, da Editora Arcádia.

6.º e 7.º — «ABC POLICIAL», das Publicações Europa-América.

8.º — «ANTOLOGIA DE TEXTOS MEDIEVAIS», da Livraria Sá da Costa.

9.º — «SCARAMOUCHE», da Portugália Editora.

10.º — «ANTOLOGIA DO CONTO MODERNO», da Editora Arcádia.

11.º — «AS MAIS BELAS HISTÓRIAS DE ANIMAIS», da Editora Arcádia.

PRÉMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE JULIO VERNE

12.º — Amigo n.º 1687 — Manuel Fernandes Salazar (Mirandela).

12.º — «O QUE E' A FÍSICA», por Rómulo de Carvalho; «A VIDA NOS OUTROS MUNDOS», por Herbert Spencer Jones, ambos os livros da Editora Arcádia.

NOTA: — Todos os prémios podem ser levantados na Avenida de Roma, 78, 2.º-esq., das 9 ás 13 — das 15 ás 18, todos os dias uteis. Os premiados da província receberão, como é costume, os livros pelo correio. Pedimos aos Amigos que estão fora e já se identificaram, o favor de mandar a morada de férias, para que possam receber os livros, em devido tempo.

Pedimos a atenção dos premiados para o facto de demorarem meses em levantar os livros, morando em Lisboa ou nos arredores. Este facto não se explica, porquanto todos pediam com insistência os prémios quando eram enviados pelo correio. Explicando este facto por desinteresse, resolvemos marcar uma data, no fim da qual perderão direito aos prémios. Os livros devem ser levantados no prazo de 30 dias após a sua publicação. Findo esse prazo, serão ofertados a outros con-

(Continua na página seguinte)

OS BOMBEIROS

por JORGE DA SILVA SANTANA

(AMIGO N.º 1495)

A vida dos bombeiros é uma das mais perigosas e tristes. Perigosa porque para salvar as lares, uma vida humana, eles, com o risco das próprias vidas, correm para as chamas como loucos. Triste, porque quantas vezes eles, descansando com sua familia, toca o alarme e têm de sair o mais depressa possível para o carro que os levará ao local do incêndio, enquanto em casa os seus passam horas de angustia. Não só é triste por isto, mas quantas vezes dando tudo por tudo não conseguem salvar os lares dos infelizes ou uma vida humana.

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAÍS

A «ARTE», para a qual apenas ter bom gosto em cores e noção de composição, não pode ir longe

— *diz Vitor Manuel das Neves Ferreira (17 anos)*

O vencedor do concurso «O que pensam os jovens», desta semana, tem 17 anos, terminou o curso de desenho da Escola António Arroio, dedica-se á ilustração e participou numa exposição colectiva, no fim do curso. Pensa, brevemente, organizar uma exposição individual.

Vamos publicar a crítica ao trabalho do Armando Hasse Ferreira (com quem o Vítor Manuel Ferreira gostaria de trocar impressões), mas antes disso pedimos ao vencedor desta semana que nos envie desenhos seus para publicarmos no «Juvenil».

*

A aceitação das correntes da arte contemporanea sómente pode resultar da síntese duma ampla apreciação das mesmas. Armando Delfim Ferreira não só não adopta uma posição sólida de defesa de duas correntes estéticas da arte moderna como, também, não consegue firmar esses princípios artísticos em posições que, lógicamente, não poderiam tomar; não quer dizer com isto que eu esteja a negar a importancia artistica da arte moderna, aceito-a e aprecio-a, mas, não ao ponto de colocar em lugar primário a importancia do movimento abstraccionista que Armando Delfim Ferreira, fazendo-se eco de Malraux, imediatamente diferencia dos restantes movimentos estéticos contemporaneos e julga apresentar os canones da pintura clássica; — um pintor do Renascimento cairia dos céus ao ver uma obra sua comparada a uma tela de Mondrian! Não, não há qualquer canone técnico que as iguale. Cores? Composição? E' absolutamente ilógica a comparação; a arte abstracta violará por uns tempos a «Teoria do espelho» de Leonardo da Vinci, mas creio que acabará a arte que pouca separação de técnica apresenta de pintor para pintor, ao contrário do cunho altamente pessoal que se nota, por exemplo, num fresco de Giotto, numa tela de Da Vinci, dum Rembrandt, dum Courbet. Num Cezanne ferem-nos as profundas semelhanças técnicas que as telas abstraccionistas apresentam entre si, apesar de pessoalmente achar poderem não ser ilógicas e sem senso as composições abstractas podem ser «bonitas». Bem feitas, mas não as considero obras de arte. Porque acho que as telas d figuração abstracta que a moderna geração artística realiza não são mais do que o produto dum insuficiente estudo do desenho. Os temas construtivos, os «elementos escultóricos e arquitectónicos» são essencialmente anulados nessas telas. E porquê? — Não se diga que se fazem obras de arte abstracta pelo simples motivo de o publico aceitar. Não se fazem perfeições técnicas porque não se sabem fazer, e na «António Arroio» fazem-se «picassadas» (que ofensa ao grande mestre) porque os srs. professores apreciam mais a arte do género, que vimos afagar; se os jovens alunos sabem a essencial técnica do bom desenho? Mande-se-lhes esboçar um tema realista! Lamentável, é absolutamente lamentável mas não escassos os seus dotes. O «puro desenho» que as suas mãos bem esboçam são simples linhas e espaços. Será este o futuro da Arte? Jovens que mal sabem copiar um busto? Ou serão artistas da tempera do grande Herni? Não! Creio que a «Arte», para a qual é necessário sómente ter bom gosto em cores e noção de composição, não poderá ter longa vida. Cada época teve os seus ideais estéticos. Se vigorou a lei da forma logo a cor foi idealizada, mas cor e forma sempre foram unidade em «tema vivo», não é lógico que se pretenda diluí-lo nas telas contemporaneas da corrente abstraccionista.

Vejamos agora a corrente surrealista que Armando Delfim Hasse Ferreira não soube apreciar na sua real posição estética. Armando Hasse Ferreira aprecia imenso o surrealismo nas suas consequências estético-intelectuais; a sua conclusão de que o surrealismo não pode ser, de maneira nenhuma, na sua plasticização, um facto unico e exclusivamente intelectual, é plenamente aceitável. (Pessoalmente, penso, porém, que não há preponderancia do intelectual sobre o real, como afirma Armando Hasse Ferreira; quanto muito há uma divagação espiritual que influi no modo de execução da obra de arte (o caso de Van Gogh, por exemplo). Dali não poderia executar algumas das suas obras, dominado exclusivamente pelo factor **Espírito,** sem atender ás consequências plásticas que daí adviriam. Delfim Hasse Ferreira defende duas correntes estéticas vigorosamente, numa intenção aliás lógica; pessoalmente creio que são duas correntes estéticas que não afirmam o «eu do artista; um abandona todo o contacto com o realista «eu» longe da realidade e, longe de pretender alcançá-la. Na outra o espírito liberta-se do realista «eu» e pretende projectar-se mais para além, num mundo irreal. Os artistas do «eu» continuam a apreciar o «eu» e, mesmo narcisando-o, oferecem alterações estéticas que são apreciadas, enquanto as correntes que Armando Delfim Ferreira defende, quanto a mim, têm um valor relativo. Armando Delfim Ferreira afirma-nos que a pintura necessita libertar-se dos elementos escultóricos e arquitectónicos que lhe são estranhos. Estranhos, porquê?

Não será a Pintura, como todas as artes plásticas, uma apreciação gráfica do mundo que o artista vive? O intelecto do artista manifesta-se na estudada captação de temas e na sua plasticização por meios técnicos; esta, para mim, será a «arte pura», não aquela que é feita num estado de consciência anormal. Apreciáveis serão estas obras?

*

Segue o habitual comentário de um dos nossos directores.

É bom denunciar o cabotinismo, mas nem tudo é cabotinismo

O espaço de que dispomos não nos permite comentários mais extensos, como desejariamos. O Vítor Ferreira baseia a sua crítica na noção de que o «Abstraccionismo» é fruto da falta de bases técnicas de desenho dos seus cultores. Quanto a mim, é bom denunciar o cabotinismo, mas nem tudo é cabotinismo. Certas correntes permitem, mais do que outras, o aparecimento de oportunistas que, na onda, fazem figura de artistas. Mas, nelas mesmo, existem autênticos artistas que procuram exprimir-se em novos canones.

Isto não significa que esteja de acordo com o «abstraccionismo» — arte em que não existe o homem de carne, de osso, de nervos, de sangue; arte que constitui uma das alienações do nosso tempo. Significa apenas que não devemos meter num mesmo saco artistas e parasitas. Que o Vítor Ferreira não esqueça o caso de Picasso (refiro-me a ele por causa das «picassadas»...) — grande e genial artista que nada tem que ver com os cogumelos que medraram á sua sombra.

Muito gostaria de conhecer os desenhos do nosso Amigo Vítor Ferreira, pois a sua reacção contra as duas correntes artísticas a que se refere parece-me salutar.

*

O vencedor pode levantar, na Av. de Roma, 78-2.º Esq., daqui a cinco dias, os livros seguintes: «Os Pioneiros» por Jack Scaeper e «Ratos e Homens» por John Steinbeck, ambos da colecção «Miniatura» de Livros do Brasil; «O Homem Nu» por Francesco de Franco, colecção «Autores Estrangeiros» de Editorial Arcádia.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 1.494 — António Dgois Pereira (Lisboa): Já não vieste, há tempo, á Avenida de Roma? Gostaria que me esclarecesses, sobre isto. Podes mandar o conto todo de uma só vez, a fim de o lermos e poder avaliar do seu interesse. Além disso, seria desagradável começar a sua publicação e ter de interrompê-la por qualquer motivo, não achas? O teu amigo levou os prémios todos que devias receber. Agradeço respondas a estas perguntas. As trocas são mais correntes do que pensas, pois devem-se a dois motivos: ou os amigos nos pedem a troca de qualquer livro que já possuem e então temos de fazer a troca entre os premiados ou os editores têm necessidade dessa troca. De qualquer maneira, ela em nada vos prejudica, pois o valor do livro é sempre o mesmo.

o vosso amigo TROTE

Amigos novos entrados esta semana:

1.677 — Guilherme Antunes dos Santos (Lisboa); 1.678 Maria Luísa Vieira Queirós (?); 1.679—Armando M. Taborda (?); 1.680—A. Nunes de Almeida (?); 1.681 — Francisco Manuel Couto (Espinho); 1.682—Frederico Nunes Abel (Lisboa); 1.683 — Artur de Faria Maurício (?); 1..684 — Maria Helena da Nazaré (Lisboa); 1.685 — João Casimiro Miranda Fontes (Lisboa); 1.686 — José Roberto de Oliveira (Queluz); 1.687 — Manuel Fernando Salazar (Mira d'Aire); 1.688 — Carlos da Silva Campino (Amadora); 1.689 — Jorge Luís Alves Gomes (Cascais); 1.690 — Maria Madalena da R. Pires (Mirandela); 1.691 — Ana Maria da Silva Louro (Lisboa); 1.692 — Mário Manuel Coelho da Silva (?); 1.693 — João Luís Cordeiro de Matos (L.); 1.694 — Isabel das Neves Azevedo (L.); 1.695 — José Manuel Torres Couto (L.); 1.696—Febo Verissimo (L.); 1.697 — José Ventura Filipe (L.); 1.698 — Marília Gomes Bento (Reguengos de Monsaraz).

Amigo n.º 1699 — Adelino Fernandes (Vila Franca de Xira): Não vejo a tua carta primeira. Nem, portanto, a poesia que a acompanhava. Verei melhor. A tua carta vinha um pouco confusa, talvez porque tanto querias dizer e tinhas receio de não poder fazê-lo. No entanto, muito obrigado pelos elogios que consideramos sempre exagerados, embora sintamos satisfação por ver quanto o JUVENIL vos agrada. Oxalá ele possa contribuir, como escreves, «para o alargamento das ideias da juventude». Claro que a juventude tem, aqui, ocasião para se afirmar, para colaborar com os outros jovens que nem conhece por este querido Portugal além, poder corresponder-se, poder julgar-se alguém, enfim. E é maravilhoso, na verdade.

Amigo n.º 1461 — Dora Campina (Loulé): Li a tua carta, com satisfação e tristeza, ao mesmo tempo. Julgarás ser isto possível? E, no entanto, é verdade. Todas as tuas palavras respiram seriedade, generosidade, mas... julgo perceber nelas, alguma coisa que não é sentida, sincera. Desculparás a minha franqueza? Quanto ao José Luís Cotrim, lamento que, desejando tu corresponder-te com ele, ter uma amizade sincera e desinteressada, penses que o estudo te tira todo o tempo. Não tens horas, minutos só teus, em que meditas, conversas, trocas impressões (e deves ter tanto dentro de ti, para dizer!...). Ou se o não tens, sentes a falta de um amigo ou uma amiga com quem o faças. Mas, ao mesmo tempo, rejeitas uma amizade que se te oferece, porque julga encontrar, em ti, muitos pontos de contacto. Vivem em terras afastadas — que melhor meio para falarem das respectivas belezas das cidades em que vivem? Contudo, repara bem: não quero forçar a tua vontade, ou a da tua familia. Não conhecemos pessoalmente o amigo em questão. Mas parece-me um moço sincero, inteligente e sério. Nem de outro modo to teriamos indicado. Compreendes, não é verdade? Mas tens plena liberdade de tomar decisões. Todas são para nós sagradas.

TROTE

Amigos novos entrados: 1699 — Adelino Fernandes (Vila Franca de Xira); 1700 — Vítor Manuel Alves Soutelinho (Moscavide); 1701 — Miguel Eduardo Torrejais (Porto); 1702 — Maria da Conceição Castel-Branco Pereira (Faro); 1703 — Manuel Neves Mendes (Azambu-

(Continua na página seguinte)

AINDA SOBRE O ROMANTISMO

No habitual comentário ao trabalho crítico dos vencedores do concurso «O que pensam os jovens», fizemos uns reparos sobre as ideias que o Amigo n.º 1075, Luís Manuel Vieira, parecia ter sobre o «romantismo». O assunto merece continuar a ser conversado nesta «Conversa da Semana». Não só o Luís Manuel Vieira nos explica melhor o que pretendera dizer ao referir-se ao Romantismo como outros Amigos protestaram contra a ideia de o Romantismo ser constituído «por esses livrecos que se topam a cada passo nas mãos da juventude e enchem as montras das tabacarias». (Amigo n.º 1681 — Francisco Manuel do Couto).

O Luís Vieira concorda implicitamente com os reparos que lhe fizemos, pois afirma:

«*Ao falar de Romantismo referi-me á exploração comercial da novela amorosa de mau gosto, forma abortiva, digamos, do sabor e espírito romantico de autores do século XIX*».

Na verdade, amigo, a «exploração comercial da novela amorosa de mau gosto «não é romantismo, mas apenas «exploração comercial da novela amorosa de mau gosto». Convém chamarmos sempre as coisas pelo seu devido nome, não é verdade?

O Luís Vieira fala-nos em seguida das suas leituras, de romanticos portugueses e procura dar-nos uma definição de Romantismo:

«*Antes de mais, romantismo é a escola literária que deu réplica ao classicismo, caracterizando-se principalmente pela não submissão da expansão do sentimento á crítica lógica e pela proclamação dos direitos do instinto, capricho e fantasia, pela exploração do excêntrico e do macabro e pelo cultivo das tradições medievas e nacionais e ainda pela supressão mais ou menos sistemática das unidades de tempo e de lugar, além das personagens serem medidas por uma bitola comum, integrando-se num sentir popular e colectivo*».

Embora a definição do amigo n.º 1075 tenha pontos obscuros que poderiam ser apontados (ex.: que quer dizer «as personagens integradas num sentido popular e colectivo»?) — parece-me todavia mais importante para todos não nos prendermos com pormenores; em vez disso, preferiria chamar a vossa atenção para estas interrogações:

1.º — Pode fazer-se uma definição global de Romantismo, ou existem vários «romantismos» que, em certos aspectos mesmo, se opõem uns aos outros?

2.º — A «não submissão da expansão do sentimento á crítica lógica e á proclamação dos direitos do instinto, capricho e fantasia» — explica o romantismo de Herculano e de Garrett?

3.º — O romantismo aristocrático de Chateaubriand (por exemplo) e o romantismo democrático de Garrett (leia-se o seu inteligentíssimo prefácio ao «Arco de Santana» em que o romantismo surge como uma «estética da liberdade») cabem no mesmo saco?

4.º — Coloca-se no mesmo plano a estética literária, as ideias politicas, sociais de Garrett, por um lado, e as de Camilo por outro (apenas citando dois nomes)?

5.º — Que aspectos fundamentais teve o nosso «Primeiro Romantismo»? (Os Romanticos que participaram na Revolução de 1820 ou nas lutas liberais, como Garrett e Herculano).

Mais interrogações se poderiam fazer, mas deixo a questão nas mãos dos nossos leitores. Convidamos os nossos amigos a discutirem este assunto, pois é de excepcional interesse.

2

MELHORIA NO «JUVENIL»

Quando nos dão o seu parecer sobre o «Juvenil» os nossos Amigos assinalam a melhoria do seu conteudo nestes ultimos numeros. Esta semana diz-nos o velho Amigo Vítor Manuel Neves Ferreira:

«*Escreve-lhes um amigo do «Juvenil» que há muito estava afastado dele pelo seu fraco nível cultural; uma vez que vejo a sua posição de valor literário estabelecida, gostaria que me tornassem a colocar entre o numero dos amigos das vossas páginas*».

O Vítor Ferreira faz-nos umas sugestões que publicaremos no próximo numero.

O Amigo n.º 1710, Emílio Aquiles de Oliveira, refere-se também á melhoria do «Juvenil» nestes termos:

«*Começo por exaltar a melhoria que o «Juvenil» tem sofrido de há tempos para cá, em especial no que respeita a colaboração dada pelos leitores*».

Muito nos estimulam estas opiniões dos nossos leitores e pedimos-lhes que nos façam críticas e dêem colaboração e sugestões.

GIGANTES de PORTUGAL

O grande vulto da nossa História, que hoje comemoramos, foi alçado ao trono por uma revolução popular. A dinastia que começa marca o fortalecimento da nossa independência e o início da expansão ultramarina.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 4 de Setembro, sexta-feira, acompanhadas do nome completo, morada, dos concorrentes, seu numero de ficheiro (caso o possuam) e indicação dos três artigos que mais lhe agradaram esta semana.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o «Gigante» de hoje.

Diário de bordo

(Continuação da página anterior)

ja); 1704 — Armando Mora de Oliveira (Carcavelos).

Amigo n.º 1.690 — Maria Madalena Pires (Mirandela): Só deves indicar os artigos preferidos dentro do «Juvenil» e não de todo o suplemento. Segue o prémio pelo correio.

Amigo n.º 1.696 — Febo Estevam Veríssimo (Lisboa): Estás inscrito com este numero. Por acaso poderás indicar-me a morada de férias do amigo Luís Antunes da Silva? Tinha muito empenho em sabê-la, pois devo remeter-lhe uns livros e desconheço-a. Desde já muito obrigado.

Amigo n.º 1.208 — Emílio A. de Oliveiro (Lisboa): Não, o teu numero de ficheiro é este e não o que me indicavas. Quanto á tua pergunta, seria preferível apareceres na Avenida de Roma, 78, 2.º, esq.º, onde te esclareceriam completamente sobre o assunto.

Amigo n.º 1.619 — Maria Margarida Caiado Belchior (Portimão): Nos nossos arquivos aparece uma Maria Margarida Belchior, de Portimão, com o n.º 1.164 — e outra de Faro, com uma leve alteração no nome, e que tem o numero 1.619. Poderás esclarecer o mistério? Muito te agradeço.

Amigo n.º 1.539 — Heitor Couto da Silva (Porto): Os livros não seguiram por faltar um deles. Quanto á troca é melhor fazê-la desde já, para evitar que o livro vá e venha, no caso de o não poderes trocar aí. Está bem outro da mesma colecção da «Vida Quotidiana?» são todos eles de grande interesse.

Amigo n.º 821 — Vítor Manuel Neves Ferreira (Arganil): Obrigado pelas sugestões que vão ser pensadas; sobretudo a ultima que vem ao encontro dos nossos desejos, mas que nos tem sido impossível de realizar.

Amigo n.º 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): E' estranho que os livros aí não tenham chegado, logo os dois dos dois irmãos que, certamente seguiriam separados, como é nosso costume. Vou no entanto remediar o caso. Mas quanto a trocar a «Adolescência», desculpa que eu não esteja de acordo com os adjectivos com que o mimoseias. A Maria do Natal está mesmo na idade dos problemas e o livro procura se não resolvê-los, pelo menos ajudar a «crise». De resto, pobres dos jovens que não tenham problemas — só os pobres de espírito levam a vida sem cuidados. E já vai o tempo em que podiamos dizer «felizes, os pobres de espírito!», porque a vida, tal como está só é boa para os espertos. Ela gostará do livro, estou certa, pois seria o primeiro amigo que, depois de lê-lo o não elogia e não diz que muito o ajudou em certas «duvidas» que tinha. Sabes, que nisto de leituras, não podemos indicar aos jovens «apenas» o que eles gostam de ler, mas sim aquilo que eles «devem» ler. Na maioria dos casos, o jovem muito jovem tem tendência para o que lhe não dá trabalho a digerir. Por isso lê mal. Cabe aos adultos evitar esse vício de leitura, que, de profícua se torna prejudicial, não achas? És irmão dela? Então, com as tuas preferências estou certo que concordarás comigo. Como é triste ouvir-te dizer: «Não vale a pena!» parece-me estar a ver o amigo Manuel Bandeira com muitos, muitos anos em cima... Tudo vale a pena se a alma não é pequena... Disse o Fernando Pessoa, não eu; mas eu concordo. Achas caro um livro de 25$00? Mas, meu amigo, aquele é um livro que interessa a tua família inteira...

Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): Gostariamos que aparecesses na Avenida de Roma, 78, 2.º, esq.º, um destes dias. Primeiro para levares os livros; segundo para tratarmos do teu assunto, difícil de tratar por escrito; terceiro para esclarecer umas duvidas acerca de alguns amigos daí. Seria possível? Mas, por favor, indica primeiro o dia. Imagina como seria desagradável se nos não encontrassemos!... E parabens. O teu resultado tem tanto mais merecimento, quanto foi arrancado com luta e sacrifício. E foi um bom resultado.

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAÍS

PRODUÇÃO + COMUNICAÇÃO = PROGRESSO

Terminamos hoje a publicação do artigo do José Carlos Junça de Morais. Por ser muito extenso não fazemos, esta semana, o habitual comentário, o que adiaremos, portanto, para o próximo numero. Como, porém, estivemos 3 numeros sem atribuir prémios, o vencedor da crítica ao trabalho do nosso Amigo Junça de Morais ganhará 6 livros.

E' trabalhando que o homem progride e se liberta. A produção é a transformação racional dos objectos naturais, em prol da Humanidade. Nunca esqueçamos que Produção é Humanização, e que o Trabalho é um dos dois grandes motores da História e do Progresso.

Vamos precisamente falar agora do segundo motor, que, por assim dizer, completa e renova o primeiro.

Os conhecimentos e as conquistas de uma determinada geração não poderiam sobreviver ao desaparecimento dos indivíduos se estes os não comunicassem aos seus sucessores. A actividade leva á produção, mas esta, se não for renovada, morrerá ao fim de pouco tempo. A comunicação está na base de todo o progresso e é por ela que os indivíduos se podem aproveitar das vitórias dos seus antepassados.

O conhecimento mais modesto que hoje nos parece vulgar foi herdado, e sem ele nada seriamos. Um primitivo há milhares de anos conseguiu produzir o fogo. Se essa produção não tivesse sido comunicada á horda e ás gerações que se seguiram, cada um de nós, homens orgulhosos da Civilização, seria um selvagem que um belo dia haveria de ficar surpreendido e fascinado ao ver saltar diante de si as labaredas de uma fogueira.

Mas não. Hoje é tudo muito mais simples. Basta tirar uma caixa de fósforos ou um isqueiro da algibeira do casaco, e pronto, num abrir e fechar de olhos aí estamos nós a fumar um saboroso charuto.

Pois é. Mas perguntemos ao fabricante dos fósforos se foi ele quem os inventou. Não, não foi. Ele limitou-se a fazer o que tinha aprendido. Com efeito, o fósforo já se conhece há muito tempo. E é graças á comunicação do conhecimento do seu fabrico, de indivíduo para indivíduo, de agrupamento para agrupamento, que nós hoje podemos beneficiar da sua utilidade.

Não tenhais duvidas. Se não fosse a comunicação, ou educação, ainda estariamos (no século XX!...) a raspar duas pedras para podermos tornar mais apetitosa uma carne de coelho bravo apanhado á mão com muita dificuldade.

Que é, então, a educação? A educação é, ao mesmo tempo, uma ciência, uma arte e uma técnica: uma ciência, na medida em que observando os resultados, elabora os princípios gerais ou leis educativas; uma arte que procura aperfeiçoar-se sempre e que exige um certo tacto da parte do educador para comunicar apenas o que há de bom e pode assegurar uma sociedade futura mais perfeita; uma técnica, como processo que é de transmissão de estádios de conhecimento de geração para geração.

Temos o dever de enriquecer essa herança social que os nossos antepassados nos comunicaram, para podermos entregar aos nossos filhos mais do que recebemos. Só assim as sociedades poderão evoluir indefinidamente.

E o que constitui a herança social? A experiência do grupo, os seus conhecimentos, os seus triunfos científicos, a sua técnica, o seu trabalho.

E como é transmitido esse legado? Não hereditariamente, mas pela linguagem, oral ou gráfica. A herança colectiva não é apreendida por instinto, bem pelo contrário, o papel básico na sua comunicação intencional é confiado ao educador que, quase sempre, necessita de muitos anos de trabalho para dar por concluída a sua tarefa. E' quantos nunca o conseguem...

O conceito vulgar de educação peca por reproduzir apenas parte do que ela é na realidade. Para muitos, são tantos anos de escola, ou então o período de tempo que decorre entre o nascimento e a maioridade. Este conceito é enganador e denota falta de visão de conjunto. O que deveremos, nesse caso, entender por educação?

Desde já se torna indispensável distinguir dois tipos de educação. A educação casual e a intencional. A primeira exerce-se durante toda a vida. Não há apenas um educador. Há uma colecção imensa de educadores. Desde o meio social aos animais domésticos, passando pelo indivíduo em que acidentalmente tropeçamos na rua.

A educação intencional é dada — esta, sim — sobretudo em determinados períodos da nossa vida. Na escola, no liceu, na universidade; e na família.

Nos centros de estudo a educação é (ou deve ser) transmitida segundo uma certa intenção ou disposição já estudada e experimentada, embora inumeras vezes se gerem fontes de ensinamentos casuais que podem vir a ser perturbadores.

Na família, a educação, teoricamente intencional, está na prática muito sujeita a factores imprevistos e é mais casual do que outra coisa.

Outro erro muito vulgar está em pensar-se que o educador é intangível na sua superioridade. Educar é também ser-se educado. Não nos podemos esquecer de que a educação é uma técnica, e como tal está continuamente a aperfeiçoar-se. São os que a recebem que permitem ao educador dados concretos sobre os erros deste ou daquele sistema educativo. E, a par disso, há sempre uma transformação por mais pequena que seja, na disposição mental do educador, motivada pelo reflexo da própria educação.

Concluindo: a Comunicação é uma necessidade social. Se a nutrição e a reprodução são indispensáveis ao indivíduo como realidade biológica, a educação permite ao género humano elevar-se acima das outras espécies e progredir sempre mais e mais.

A Produção e a Comunicação completam-se uma á outra, estão na origem das grandes civilizações e continuarão a ser eternamente as forças impulsionadoras do Progresso.

JOSÉ CARLOS JUNÇA DE MORAIS (15 anos).

PREMIOS

(Continuação da página anterior)

correntes. Os livros enchem-se de poeira, tornam-se amarelos e perdem — o que é pior — a actualidade. Ora, podendo alguns Amigos que gostam de ler, fazê-lo quando os livros são publicados, porque lê-los meses ou anos depois? Temos livros em nosso poder, desde mais de um ano. Porquê? Não se compreende, se não por desistência dos premiados. De hoje em diante, o assunto será assim resolvido. Os amigos da província devem reclamar os livros, se dentro de quinze dias os não receberem.

A troca de livros será feita antes que eles sejam enviados, para que não suceda voltarem abertos e sujos, como já nos sucedeu. São livros que depois não podem ser oferecidos. Estamos todos de acordo? Oxalá!...